



SUELI RIOS E SILVA

Luminâncias – Experimentação com Fragmentos

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade.

Orientadora: Profa. Marília Rothier Cardoso

Rio de Janeiro
Abril de 2017



SUELI RIOS E SILVA

Luminâncias – Experimentação com Fragmentos

Defesa de Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Marília Rothier Cardoso

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Ana Paula Veiga Kiffer

Departamento de Letras – PUC-Rio

Helena Franco Martins

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Eneida Maria de Souza

UFMG

Prof. Marcelo Jacques de Moraes

UFRJ

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 25 de abril de 2017.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Sueli Rios e Silva

Graduou-se em Letras pela PUC-Rio, em 2009 e em Direito pela UCAM-Ipanema, em 1985. Concluiu o Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade em 2013, pela PUC-Rio. É autora do ensaio “Variando com Machado” (premiado no “Concurso Machado de Assis 1908-2008” realizado pelo Departamento de Letras da PUC-Rio e pela Globo Universidade); da crônica “Isso... e muito mais” (uma das vencedoras do “Prêmio Literário Adélia Prado”), in: *Veredas Literárias*. Uberlândia: Ed. Assis, 2011; do poema “Lobacho”, in: *Vozes da Paisagem Antologia de Poetas Brasileiros Contemporâneos II*. Rio de Janeiro: Ed. Galo Branco: 2011; de diversos poemas publicados no jornal literário *Plástico Bolha* do Rio de Janeiro; do livro de contos “Não foi por acaso”. Rio de Janeiro: Ed. 7Letras, 2010; do romance *Menina do Cerrado*. Rio de Janeiro: 7Letras: 2016.

Ficha Catalográfica

Silva, Sueli Rios e

Luminâncias – Experimentação com fragmentos/ Sueli Rios e Silva; orientadora: Marília Rothier Cardoso. – 2017.

124 f.: il. color.; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2017.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Vida. 3. Arte. 4. Contemporaneidade. 5. Fabulação. 6. Ficção. I. Cardoso, Marília Rothier. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Para Marília, naturalmente.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Professora Marília Rothier Cardoso.

Agradeço-Agradeço-Agradeço.

Eu sonhava e tinha pressa. Sob sua orientação, desde a graduação, eu aprendi a esperar. A esperar de mim. E, acima de tudo, a manter-me de pé, a andar, a correr, a dançar. Ao mesmo tempo tão delicada e tão firme conseguiu me fazer chegar até aqui. Apontou a direção e me concedeu a liberdade que eu tentei ladear pela responsabilidade de escolher o melhor caminho possível. Por ela. Por mim.

À professora Ana Paula Veiga Kiffer pela densidade e intuição que sempre me levam a pensar.

À professora Helena Martins pela transmissão generosa do conhecimento e o estímulo discreto a ir mais adiante e mais adiante.

Aos demais professores da graduação e da pós-graduação que contribuíram para a minha formação.

Agradeço ainda:

A Professora Eneida Souza pela alternativa de rota que me apontou, na Qualificação, e fez entender que não se aprende a voar logo à primeira tentativa.

Ao Professor Marcelo Jacques de Moraes pela escrita sincera e bela que tanto me encanta.

Ao Rodrigo, Digerlaine, Francisca e Daniele pela competência prestimosa e cortesia.

Aos meus filhos, Rickson e Roney, os meus projetos mais exitosos, pelo estímulo, a confiança e o apoio de sempre.

À querida Luisa, norinha delicada e prestativa, que conquistou espaço no meu coração, como verdadeira filha.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e, em especial, à Vice-Reitoria de Assuntos Acadêmicos da instituição, pela concessão da Bolsa VRAC que permitiu a isenção das taxas escolares durante o período do meu curso de doutorado.

Resumo

Silva, Sueli Rios e; Cardoso, Marília Rothier. **Luminâncias – Experimentação com fragmentos**. Rio de Janeiro, 2017. 124p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho é configurado com percepções artísticas e reflexões teóricas pautadas pela equidade. Fragmentos, diálogos, cenas breves, contos mínimos engendrados especialmente para a presente composição, em intercâmbio constante com considerações sobre elementos de cunho prático teórico. A construção ficcional e a elaboração do pensamento, registrando uma leitura autocrítica do trabalho assim composto, trazem à tona a correspondência entre a função da ficção artística e a da filosofia na construção do saber.

Palavras-chave

Vida; Arte; Contemporaneidade; Fabulação; Ficção; Filosofia; Fragmento; Memória.

Abstract

Silva, Sueli Rios e; Cardoso, Marília Rothier (Advisor). **Luminances – Experimentation with the fragment**. Rio de Janeiro, 2017. 124p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work is configured with artistic perceptions and theoretical reflections guided by equity. Fragments, dialogues, short scenes, minimal stories generated especially for the present composition in constant exchange with considerations on practical-theoretical elements. The fictional construction and the elaboration of the thought, marking a self-critical reading of the work thus composed, bring to light the correspondence between the function of artistic fiction and that of philosophy in the construction of knowledge.

Keywords

Life; Art; Contemporaneity; Figment; Fiction; Philosophy; Fragment; Memory.

Sumário

| | | |
|----|----------------------------|-----|
| 1. | Arte e pensamento | 12 |
| 2. | A relação escritor-leitor | 68 |
| 3. | O estilo fragmentário | 97 |
| 4. | Referências bibliográficas | 119 |

Lista de figuras

| | | |
|------------|---|-----|
| Figura 1- | Luminância | 11 |
| Figura 2- | Liberdade | 12 |
| Figura 3- | Isolamento-completude | 100 |
| Figura 4- | Resistência à totalidade | 103 |
| Figura 5- | Convivência e individualidade | 104 |
| Figura 6- | O nascimento de Vênus (Sandro Botticelli) | 107 |
| Figura 7- | Céspedede em flor | 108 |
| Figura 8- | Nascimento de São João Batista (Domenico Ghirlandaio) | 109 |
| Figura 9- | Forma primária | 113 |
| Figura 10- | Fechada em si | 114 |
| Figura 11- | Metamorfoseada | 115 |
| Figura 12- | Dança experimental | 117 |

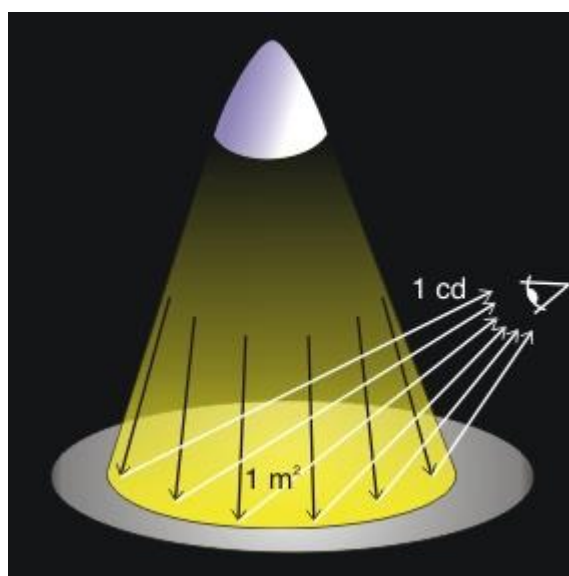


Figura 1- Luminância.
Fonte: Arquivo pessoal.

*Sim, eu quero
saber.*

*Saber para
melhor **sentir**,
Sentir para
melhor saber.*

(Cézanne)

1

Arte e pensamento

Há épocas em que o homem racional e o homem intuitivo ficam lado a lado, um com medo da intuição, o outro escarnecendo da abstração; este último é tão irracional quanto o primeiro é inartístico. Ambos desejam ter o domínio sobre a vida: este sabendo através de cuidado prévio, prudência, regularidade, enfrentar as principais necessidades, aquele como “herói eufórico”, não vendo aquelas necessidades e tomando apenas a vida disfarçada e em aparência como real. (Nietzsche¹)



Figura 2- liberdade.
Fonte: arquivo pessoal.

Assim eu quereria o meu último poema
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos
intencionais.
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais
límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

(Manuel Bandeira)

¹ NIETZSCHE, 2013, v.08, p. 144.

Veroneando...

O grupo salta do veículo. A cidadezinha está ali, banhada pelo rio Adige, exposta ao olhar ávido dos turistas. O tempo ajuda. A tarde cai clara. O sol ameniza o frio da primavera e prenuncia o verão. Conhecida como La Piccola Roma, o cenário da tragédia romântica mais famosa do mundo encanta a vista e leva até a pessoa mais pragmática a entender a suposta inspiração de William de Shakespeare, na criação de Romeu e Julieta. Sonhos elevam-se acima das várias torres e igrejas.

Os turistas sequiosos acompanham o guia apressado falando de igrejas, museus, monumentos. “...ponte Pietra...” “Piazza dei Signori...” “...a segunda maior coleção do Vêneto...” Tentam captar as informações chegando aos seus ouvidos de maneira fragmentada... “...cidade animada...” “...meses mais quentes do ano...” “...ruas repletas...” “...gente de pé, do lado de fora...” “...celebrando...” “...taças alaranjadas...” “...aperol spritz...” “...brancas” “...prosecco...” O par caminha apressado com um deles lamentando. “Pena a parada ser tão curta... Dia lindo... Tanto para ver... Lugar delicioso para caminhar sem rumo”. No roteiro da excursão, apenas algumas horas previstas para “visitar ao verdadeiro cartão de visitas da pequena cidade e algum tempo livre para almoçar”. O guia aponta direções e os turistas misturam cenários rapidamente vislumbrados... “...centro histórico...casario...” “O coliseu é a mais importante das construções...” “...quase dois mil anos...” O guia é um prestidigitador de monumentos se superpondo... “...a Arena com capacidade para 20 mil pessoas atualmente usada para apresentações artísticas, shows de rock, concertos de música clássica, óperas... “Romeu e Julieta”. “Aida” “Nabucco”, “La traviata”, “Il trovatore” “Rigoletto.” O grupo passa por restaurantes, sorveterias, cafés, bares com mesas convidativas dispostas numa esplanada. Na Piazza delle Erbe, a poucos passos do antigo fórum romano, barraquinhas de artesanato e certo alvoroço. Compreensível. Estão na Via Cappello, pertinho da Casa di Julietta, o destino do grupo. O guia para e espera. Todos se reúnem ao seu redor e ele passa as orientações: “A visita ao pátio interno é gratuita. Os que quiserem entrar no prédio e subir até a famosa sacada, precisam comprar ingresso. A cidade é bem servida de restaurantes. Podem escolher qualquer um para almoçar. O gelatti de framboesa ou de cereja

da Amorino é imperdível. Os dois com sabor incrível. Atenção com a hora! Ninguém pode atrasar para voltar ao ponto de encontro. O embarque precisa ser rápido. O ônibus não pode estacionar”.

O guia desaparece na multidão. Um dos pares pondera: “Não vai dar tempo de olhar a estátua entrar na casa, subir à varanda e almoçar”. O outro concorda dizendo que o mais importante é ver a Julieta de perto. “Diz que é bela e perfeitamente proporcional”. Os dois se encaminham para o pátio interno e o que veem? Um enxame de gente ao redor da estátua, num ritual meloso: casais se beijando e renovando juras de amor eternas; esperando a vez de passar a mão no seio direito da musa em busca da aludida sorte no amor; procurando lugarzinho nas paredes, próximas ao balcão, tomadas por mensagens românticas para registrar e delimitar seus nomes dentro de corações desenhados, cunhar frases amorosas populares”, escrever declarações clássicas em várias línguas: “Amor verdadeiro”; “Para sempre”; “Forever”. “Te amo”; “Love you”; “Je t’aime”. A literatura parou de se importar com histórias de amor ou sou eu que não ando lendo os livros certos? Os comportamentos ali contrariam o que tem lido sobre o assunto: “O amor não existe”. “O amor é uma invenção do romantismo burguês”. A ânsia de todos em ser bafejados pelo sopro do amor confunde. A desfaçatez do velho gordo e libidinoso lambendo o seio de bronze, repugna. Ah, nojo! Nojo! O enlace repentino por trás mostrando o próprio par, sempre tão pragmático, contaminado pelo clima amoroso, surpreende. Espera pela chance de se aproximar um pouco mais da estátua e começa a se perguntar: O que é o amor? Uma combinação de hormônios? Uma doença? Algo que nos atinge? Uma construção? Quem garante? Exista ou não exista, tem presença garantida na cabeça das pessoas. É um fantasma que paira e dá asas à esperança. É um espectro que traz a promessa de preencher o vazio. Ultimamente tem percebido que o objeto usual do amor anda curiosamente deslocado: “Amo ravióli!” “Amo salada”. O par parece ler seu pensamento. Aperta o abraço. “Vamos comer?”. O tempo escorre. A hora voa. Meia volta. Examinam os restaurantes próximos. Num deles o cardápio na parede anuncia um combinado de salada e spaguetti. Parece ideal para turista apressado. Entram. Pegam a bandeja, colocam a salada acondicionada em tigelas individuais e vão encomendar o macarrão. Tarde prá lá do meio. Lugar já vazio. A moça atrás do balcão recebe o pedido com certa má

vontade. Despeja um pouco de molho pronto numa frigideira, leva ao fogo, mede a porção da pasta pré-cozida, no olho, junta e começa a mexer, com cara de entediada. O cabelo amarelo palha espigado e o nariz na forma de cenoura espetada trazendo a imagem de um espantalho. A massa no ponto de ser servida, quando outro comensal retardatário entra e se acerca do balcão com a salada na bandeja. O espantalho não se dá ao trabalho de preparar terceira porção. Simplesmente alinha mais um prato no balcão e divide para três a comida que acaba de preparar para dois. Breve constrangimento. O casal sente-se lesado. Não dá para reclamar. O tempo voa. Um deles sempre admirou a saída elegante da raposa da fábula quando não pôde alcançar as uvas cobiçadas, recebe o prato parco aproveita e exercita a preciosa lição: “Preciso mesmo emagrecer”. Mesas todas ao ar livre. Saem equilibrando a bandeja com o prato raso de macarrão, o pote de salada e um biquieri de vinho. Mal sentam para comer e são aturridos pelo barulho ensurdecador. De pé, num impulso, bandejas nas mãos, olhando para trás, perplexos, com os dois jovens robustos que vêm rolando pela calçada trocando socos e pontapés. Escapam por pouco de ser atingidos pelos corpos jovens derrubando mesas e cadeiras. Alguns segundos mais, a mesa deles de pernas para o ar. Desconhecem o motivo da briga sob os olhos de bronze. “Neo Montechios e neo Capulletos, disputando o amor de alguma neo Julieta?” Só podem especular. “Nessa atmosfera é provável”. A rivalidade resolvida na luta diante deles deixa apenas uma certeza: sempre haverá Montechios e Capulletos brigando por alguma razão. Em Verona. Em qualquer outro lugar. De repente se dão conta de que o prazo ali acabou. Não viram o tempo passar. “Não dá mais para comer”. Devolvem as bandejas. Voltam depressa para o ponto de encontro. “Será que não dá nem para comprar um gellatti?”

Abrir o ensaio com o conto fragmentado é poupar o receptor de maiores delongas carreando-o de pronto para o cerne da questão deste experimento - entremeio de ficção artística com considerações de cunho teórico -, economizando um bem precioso e cada vez mais escasso nos nossos dias corridos: tempo.

Tempo associado à descontinuidade e à ruptura. Tempo esgarçado no qual a emergência de termos como “atomização”, “fractais”, “caos”, “descontínuo” não se dá sem razão. Tempo de fronteiras mais abertas. De movimentação e andanças.

Turismo. Migração. ‘Mundialização’. Ir e vir intensificado. Cidades inchadas. Cidadãos atônitos empurrados para fora da zona de conforto e desafiados a exercer a tolerância máxima. No aglomerado, fricção, acirramento de ânimo, crescente pressão que pode atingir o auge e encontrar vazão em atitudes recalcitrantes, situações hilárias ou de constrangimento, pelo dito-não dito.

No mercadinho...

“...pan, jamon, manzanas...” No mercadinho da rua do hotel, a senhora no caixa soma as compras recitando enfadonhamente os nomes das mercadorias “...naranja-de-andaluzia...”

O senhor encostado no balcão observa com a cara de tédio e quando que ela registra o último item “...queso”, ele completa com a voz grossa: “E uma escopeta!”

Olho diretamente para ele e refuto de pronto fazendo do meu indicador um pêndulo:

—Non, escopeta, non!

A surpresa toma conta do velho e da velha. Não esperavam que a intenção veiculada pela frase breve fosse prontamente compreendida pela turista. Eles se entreolham espantados e as caras dos dois rebotam em risos... Hahahahaha... Eu rio junto. Hahahahaha... Desarmam-se.

Luminâncias é o título deste experimento. No dicionário a palavra luminância é definida como uma medida da densidade de uma luz, com a intensidade refletida numa dada direção; descreve a quantidade de luminosidade que é emitida de determinada superfície e decai consoante um ângulo sólido. Tomada de empréstimo, no plural, Luminâncias, numa alusão às esgarçadas do real —, cenas ocasionais ligeiras, evanescentes, diálogos soltos, imagens circunstanciais — delimitadas, pelo fecho de luz sensível de um artefato idealizado, focando momentos efêmeros e significativos da vivência no agora do nosso cotidiano, tornando este ensaio uma espécie de galeria de instantâneos da

vida contemporânea, um álbum de retratos, uma pasta de fotografias ou uma coleção de haicais, do jeito que a forma é entendida por Barthes.

Considero que o haikai é uma espécie de Incidente, de pequena prega, uma fenda insignificante numa grande superfície vazia. O haikai não deseja agarrar nada, no entanto, há como que uma dobra sensual, o assentimento feliz a lampejos do real, a inflexões afetivas. (Barthes, 2004)

A partir dos anos 90, com o turismo de grupo apenas começando, tive a oportunidade de viajar e conhecer diversos lugares no exterior. Naquela época o nosso país era ainda bastante fechado e quase tudo que vinha de fora era novidade. A ideia inicial era aproveitar a coleção de cenas curiosas, engraçadas que vivenciei/presenciei no contato do local com o estrangeiro e trabalhar ficcionalmente o material arquitetando uma série de pequenas narrativas de viagens.

Oooh... Ils sont brasiiliens...

Não era uma miragem. Um tesouro de luz tremeluzia na noite escura. A cidade sonhada estava ali. E ela era real. Da janelinha do avião, em procedimento de descida, a mulher já podia ver o traçado brilhante. Puxou o companheiro e apontou as fieiras de luzes demarcando as ruas. Ruas que os pés deles nunca pisaram antes. Ruas nas quais suas imagens ainda não tinham sido esculpidas. Ruas sem cheiro do passado. O aparelho pousou e o casal desembarcou com os demais turistas guiados para a fila do controle de passaportes. Procedimento lento. Saíram tarde do aeroporto, arrebanhados, entraram no ônibus climatizado passando pelo motorista, a postos para levá-los ao hotel, podendo ver na máscara que trazia na cara... Sono? Tédio? Conformismo? Difícil saber. No saguão, outra longa espera até a distribuição das chaves aos viajantes cansados. Sem poder contar com o serviço de “maleteiro”, cada qual tinha que arrastar a própria bagagem e esperar a vez de subir pelo elevador com o barulho das rodinhas ganhando os corredores. A noite já ia pelo meio quando o casal finalmente adentrou o quarto. Lá fora, praticamente tudo já estava fechado. A cidade dormia. Dormir era também o que os dois mais precisavam. Ansiavam por um banho. Desejavam se jogar na cama.

Trrrrriimmm...

O som irritante do despertador arranca a mulher do sono sem sonhos. Fora da cama num salto... Sacode o companheiro. Não podiam perder o passeio guiado pelos pontos principais da cidade. Voar para tomar o café da manhã... Uh, lá, lááá! No salão, uma mesa grande lotada de brasileiros falantes. A excursão estava apenas começando, o casal meio atrasado e ainda sem conhecer ninguém do grupo, optou por ocupar uma mesa pequena num canto discreto. Mal sentaram, dois garçons se acercaram cheios de medidas dispondo sobre a toalha branca, manteiga, geleia, o croissant de praxe, o pãozinho francês e mais... iogurtes... queijinhos... itens que normalmente não constam do café continental contratado no pacote de viagens. Dava para acreditar? Surpresa boa! Uma cortesia do hotel para o primeiro dia? O apetite agradecia. Com a mesa bem fornida, o garçom mais magro que tinha a postura de chefe, se inclinou obsequiosamente diante da mulher e perguntou: “Juice d’orange?” Ao perceber que o companheiro não tinha compreendido ela repetiu no próprio idioma a pergunta. “Quer suco de laranja?” Um gemido de decepção interceptou a resposta... “Oohh... Il sont brasieliens...” ...levando os dois hóspedes a olharem estupefatos para a máscara da indignação colada no rosto do serviçal esquelético, girando a cabeça de um lado para o outro, revirando os olhos e entortando a boca estreita. Diante deles, a figura esquelética apressada em desguarnecer a mesa com a ajuda do diligente colega. Em segundos, viram potinhos de iogurte e queijinhos sumindo da mesa recolhidos às pressas, pelas duas caras amarradas. Não tiveram tempo para ruminar o fato. O guia da excursão já convocava para o City tour. Precisavam se juntar aos seus conterrâneos. Ao tomar a direção da porta giratória, a mulher pôde ver, com o rabo do olho, duas caras azedas ficando para trás, às voltas com a mesa enorme entupida de louça usada pelos brasileiros risonhos e ainda mais falantes na excitação de possuir a cidade sonhada.

De repente, as fronteiras se tornam mais flexíveis e o fenômeno da mundialização nos alcança. Cada vez que saio à rua, cada vez que tomo um ônibus, cada vez que caminho pela praia, cada vez que vou a um shopping, entro num restaurante ou num supermercado é como se estivesse viajando. O

estrangeiro é aqui também. Restaurante, rua, ônibus, praia: idioma local, inglês, alemão, francês, espanhol, russo, japonês... Babel.

Num átimo, o nosso país está inserido no tempo de notícias com imagens vertiginosas, divulgados pela mídia, por todo lado, sendo impossível deixar de notar alteração nos comportamentos. Não importa onde esteja ou para onde vá, mesmo que seja bem perto de casa é possível perceber sintomas apontando mudança de atitude, ouvindo os fragmentos soando pelas ruas. Comecei a engessar o trabalho atravessada por certos conceitos: cidadania, pertença, estraneidade, identidade, hospitalidade, hostilidade..., com a simples ideia de filtrar e engolir iscas do real cru para vomitar processado já antecipando um gosto amargo na boca. Quando foi que a fala sutil dissimulada, contida, quase imperceptível deu lugar à conversa aberta, indiscreta, descarada, rude e, às vezes, até mesmo de enfrentamento acintoso? Parece que antes todos andavam amordaçados e se libertaram do artefato de constrição de uma hora para outra. As pessoas soltam a voz, despejam palavras e os fragmentos de conversa privada cruzam o espaço público, livremente, em alto e bom som.

“Hoje eu só quero namorar, namorar, namorar... dar!”

“Fala pra ele voltar pra casa! Aqui não é o país dele não.”

“PÔ! Trabalhar até as duas para vistoriar aqueles aparelhos... pÔ!”

“...milhões!! Nesse país o crime compensa”.

O mundo mudou. O meu país mudou. O meu projeto precisava mudar também. Não cabia mais escrever apenas sobre as experiências de viagens ao estrangeiro. A riqueza e a multiplicidade da vida me deixam atônita e me desafiam a aprisionar alguma coisa do agora. A tentar trabalhar ficcionalmente o material efêmero que se eleva das interações cotidianas na minha escrita. A aproveitar a liberdade e a paixão interior que vigora no frescor dos começos das coisas — quaisquer coisas —, sem preocupação com as fórmulas já cristalizadas. A colocar a percepção deliberadamente a serviço da captura das faíscas que

saltam dos esbarrões inevitáveis pelas ruas, cá ou lá, tanto faz. A pensar sobre a relação determinante que há entre o leitor e o escritor.

Como capturar a lua trêmula na poça d'água?

A forma: como chegar a ela? A busca pela singularidade deixa de ser atormentada pela impossibilidade mesma da forma ideal ser alcançada. O que é literatura? O que está no dicionário não é mais literatura. É impossível buscar uma definição fechada de literatura. Literatura ficcional é indisciplina. A estratégia de apreensão do nosso tempo neste trabalho literário - mistura de literatura e vida, do aprendizado, da sensibilidade, do afeto —, é a incorporação livre da especulação, da incerteza, da contingência, numa experimentação empírica em que a mão que tecla pode se dar ao luxo de devanear na sondagem de solução nova, imprevista, sujeita à revisão rápida e ríspida.

O objetivo é despretensioso, interesseiro e um só: experimentação. Estudo de possibilidade. Busca de aprendizado. No escopo da experiência estética, a exploração da potência performativa da palavra literária, por via não ortodoxa, na criação de um texto híbrido de mãos dadas com o pensamento teórico. A motivação finalística e teleológica advém da necessidade de levar o meu projeto de escritura adiante aqui voltado para a experimentação da linguagem literária para além do virtuosismo ficcional e da construção narrativa convencional, onde a investigação teórica e escrita criativa se combinam com isenção de hierarquia, mirando realçar função colaborativa multiplicadora de respostas afirmativas para questão crucial do projeto: Como a arte engenha pensamento?

Sim, a arte ficcional é forma peculiar, mas potente de conhecimento. Não o conhecimento das respostas retas, mas aquele que se manifesta de través. Surpreende com perguntas de esguelha. Esburaca o senso comum. Leva a tremer. De sobressalto. Ou deleite. Não o conhecimento do conceito e da abstração, mas o da fantasia e da vida. A linguagem literária produz sentidos que extrapolam o simples significado dos signos estereotipados pela lexicalização convencional. Na impossibilidade de escapar de modo absoluto das imposições da linguagem comum, o poeta explora a sonoridade em todas as potências do código. As palavras colocam o leitor em contato com a irrealidade da obra ficcional. Apresentam situações e sensações que reverberam no corpo do leitor, sentidas e

vividas numa experiência real na realidade plena do mundo imaginário. Constroem personagens, inventam trajes, jeitos de ser, concebem cenários para suas vidas acontecerem, criam seus gestos, seu olhar, seu sorriso, sua dor, sua alegria, sua pequenez e grandeza, seu ridículo. Dão vida a personagens com os quais frequentemente nos defrontamos.

A tese parte da premissa de que um bom ficcionista é antes de tudo um bom pesquisador. Leva a ficção e o pensamento crítico a trabalharem, de mãos dadas. Postula a irmandade da ficção e do artigo acadêmico mesclados no espaço destituído de hierarquia desse ensaio livre. Não é tudo linguagem afinal? A arte expõe a força da nossa mente reflexiva. Abala as nossas garantias, físicas e materiais. Faz ultrapassar a forma mais comum de raciocinar e agir. Leva a romper com estruturas antigas. Permite abrir mão do próprio conhecimento, inovar, ver e sentir a partir de perspectivas diferentes. Só a arte expõe com ironia, compaixão e maravilhamento a nossa patetice, fazendo de nossa fragilidade uma potência.

A ficção opera numa região pantanosa e pode carrear escritor-leitor para fora da sua zona de conforto. Do habitual. Do conhecido. Daquilo que está acostumado a fazer. A pensar. A sentir. De esconder naquilo que acha que controla, onde a limitação se refugia. A arte incomoda. A arte não é para agradar.

Escrever é expressão do código do acontecimento interior, escrever ficção para mim é uma necessidade. Quando surgiu? Não saberia precisar.

Com que idade se passa a ter noção de que a arte não é uma coisa que vem nos apaziguar, nos distrair da vida opressora, mas sim uma coisa “truculenta e sem modos”, que quer martelar a sua cabeça e seu coração até transformar a sua forma de perceber o mundo e amar as coisas? Que ela ao invés de representar um acréscimo ao seu patrimônio espiritual pessoal, traz uma perda (de confiança, de sentido, de lucidez), uma desestabilização? Em que ponto você passa a desconfiar que, mais do que um lugar de fazer sentido, ela possa ser o lugar privilegiado de se duvidar da possibilidade de um sentido? (Azevedo, 2013).

Posso rastrear na infância o fascínio que as histórias exerciam sobre mim. Adorava os contos de fadas, lia as revistas em quadrinhos, devorava os livros todos que me chegavam às mãos. De repente, envelheci. Menos por dentro do que por fora. Por assim dizer. Nem sei bem se ‘menos’ é a palavra certa a usar aqui. Quero dizer que o meu corpo desconhece a dicotomia menina-velha. Lembro que

levei grande susto quando pela primeira vez na rua me chamaram: “Senhora!” Surpreendida, olhei para um lado e para o outro, vendo que o tratamento era mesmo a mim dirigido. Dali em diante, ele sendo repetido e eu tendo que me acostumar. Como podia saber então que seria pior quando viesse a ser chamada: “Tia”? Ainda não fui tratada por “Senhorinha”. Ainda. O fato é que o descompasso persiste: ora aflora a menina e ora emerge a velha. No ringue do meu corpo, a luta é constante. Guerra civil. A menina contra a velha e a velha contra a menina. Às vezes a menina vence às vezes a velha ganha e os dias passam para as duas. Muitas vezes, quando presto atenção nos próprios pensamentos, parece que escuto o esganiçar e os berros das duas até que elas chegam a um acordo, uma capitule ou seja expulsa. Neste momento eu não saberia dizer qual delas escreve este texto.

Na escrita as duas se unem. A escrita é o espaço, mesmo que tenso, do apaziguamento. Da colaboração. Da solidariedade. Afinal o que é a velha e o que é a menina senão momentos de percepção de um ser nos mesmos questionamentos repetidos por tantos outros seres: “Quem sou eu?” “O que faço aqui?” “Para onde vou?” Até então nós humanos, como bem sintetizou o filósofo, sabemos apenas que somos milhões de uma única espécie entre milhões de espécies já classificadas vivendo num planeta que gira em torno do sol que é uma estrela entre bilhões de estrelas que acompanham a via láctea que é uma galáxia entre bilhões de galáxias num dos universos possíveis que vai desaparecer. A velha e a menina, um ser aliado no eu da escrita, num percurso traçado no espaço da vivência unindo os malabarismos da fantasia com as reminiscências secretas, dão corpo a este experimento: mistura indecível de literatura e vida capaz de afiar o pensamento crítico.

É a força do “querer-escrever” que desencadeia o processo construtor da arte nos momentos em que o real insólito toca e expande um ícone da memória.

Lulu

A boa risada é mal sufocada pela mulher, na rua, vendo o cãozinho valente enfrentar sem medo o cachorro grande latindo ferozmente para ele. Passa pelos dois animais se estranhando contidos nas respectivas coleiras com dificuldade

pelos donos e vai andando... Têm donos. Sorte deles. Há os que não têm... E há também os que têm e mesmo assim não estão livres do perigo... Os gatos de Londres... “Fiquem atentos a seus animais”. Pela cabeça dela passou uma publicação na rede social dando conta de um misterioso serial killer que vem tirando o sono dos donos de animais de estimação naquela cidade. A postagem compartilhada pela Sociedade Real para a Prevenção da Crueldade contra Animais reproduz a recomendação aos donos de gatos, feita pela polícia que conduz a investigação: “Certifiquem-se de que sejam microchipados”. A postagem alerta para o risco de deixar os gatos soltos à noite: “Não corram o risco de deixá-los sair”. O comentário de uma associação de resgate de animais enfatiza a importância das redes sociais na caçada ao criminoso. “As redes sociais são absolutamente inestimáveis para a gente, muitas vezes, sabemos das mortes pelo Facebook ou pelo Twitter, podemos alertar as pessoas do que está acontecendo e receber informações sobre possíveis casos ainda ocultos”. As investigações indicam um único responsável pelos crimes. Começaram no sul da cidade com as primeiras vítimas registradas em Croydon e foram se espalhando para outras regiões do Reino Unido.

A caçada ao matador ganhou o reforço das redes sociais com ativistas de direitos dos animais e voluntários buscando pistas no Facebook, no Twitter e apelando à população por qualquer informação que possa ajudar a polícia a encontrar o #UKCatKiller, matador britânico de gatos, na hashtag em inglês. No Twitter, uma instituição de caridade de direito dos animais oferece 10 mil libras como recompensa por pista que leve à captura do criminoso que já matou mais de cem felinos, “com requintes de crueldade”, na maioria dos casos, um padrão identificado: vítimas capturadas, decapitadas, algumas com o rabo cortado. “Precisamos fazer justiça aos gatos”.

Segundo veterinários que participam das investigações, o serial killer atrai os gatos com frango cru - a carne foi encontrada no estômago de alguns deles durante a necropsia. O suposto matador está sendo chamado de “serial killer de Croydon”.

Na cabeça da mulher: “O Jack estripador do passado é agora o decapitador de Croydon”. Ela reflete sobre o papel da internet. “Com todos os senões é o meio de informação mais democrático dos dias atuais”. “Alcance e

rapidez.” Nunca se preocupara muito com um cachorro de rua antes de ver o vídeo no facebook... Jamais poderia saber o dia a dia de um cachorro abandonado não fosse aquela empresa resolver colocar a câmara no pescoço de um deles. Justificou a filmagem com a intenção incentivar a adoção de animais. O filme é chocante! As cenas desfilam pela cabeça... um cachorro de rua sedento mordendo torneiras, lambendo água empoçada; faminto engolindo qualquer coisa que se assemelhe à comida no chão; atacado, surrado, estapeado, escorraçado com varadas, pedradas, objetos jogados, fugindo, cansado, correndo no meio dos carros e motocicletas por todo lado, até...

“Dono, por si só, não adianta. O que garante a integridade é o cuidado constante...”. No pensamento da mulher o infeliz cachorro do vídeo dá lugar a outro...

Lulu era o nome dele, Branquinho e peludo. O nome lhe prestava bem. Ganhado de uma vizinha, desde o dia em que chegou, recebeu toda atenção. Sua e a dos seis irmãos. Até então, conviviam naturalmente com animais domésticos nas casas dos amigos e dos vizinhos, sem nunca em ter um próprio. Com o carinho de todos, pego de mão em mão, solto pela casa ou correndo livre pelo quintal, o cachorrinho cresceu manso e dócil, como não podia deixar de ser.

A casa plantada na Rua Cristalina ladrilhada de pedrinhas brilhantes, como tantas outras da pequena cidade, dava para os quatro cantos do nosso mundo. As janelas dos quartos se abriam para a rua do lado, que separava o depósito de cobras do Sr. Faustino, onde, às vezes, podia assistir à coleta de veneno que ele mandava para o Instituto Butantã, em São Paulo. As que ficavam do outro lado da casa se escancaravam para o muro que dividia o terreno vizinho. Com aquela cobertura verde não era um muro qualquer, mas um quadro vivo, um canteiro vertical quase sempre pintalgado de florezinhas roxas que ao caírem murchas no chão, ainda perfumosas, formavam delicado tapete no sombreado. A elas sobreviviam os pingentes de ervilhas, tidos pela avó como excelente acompanhamento nas refeições. Quanto a si, preferia pendurá-los pelas finas hastes nas orelhas e sair passeando pelo quintal, com a sombrinha de folha da mamoneira. Ah, o ensolarado quintal, terreno de capoeira onde as poucas árvores frutíferas plantadas ali lutavam por crescer em meio a pedregulhos e malacachetas. Para ele se abria a porta da cozinha que, num dia

muito especial, deu passagem a Lulu, introduzindo novos sons e movimentos ao palco de aventuras. Familiarizou-se de tal forma com o ambiente como se sempre tivesse estado ali. Não estivera. E nem por muito tempo estaria. Bobo de tanta carinhança, crescendo sem ser exposto ao perigo, não desenvolve instinto suficiente para avaliar a desproporção do monstro mecânico descendo a rua em desabalada carreira, que o fez reagir qual o bravo Davi. Desprovido da funda, porém. O mecânico, desconjuntado e desarticulado Golias desceu pela rua, celeremente, sacolejando a carga fúnebre escarpada, com terrível rugido. Os pequenos latidos foram logo abafados. Passou e deixou no ar o perfume de vida que ainda exalava das achas douradas recém esquartejada na serraria da Rua de Cima e... Oh!... No meio da nossa Cristalina rua... Oh! O chumaço estendido passando gradualmente do branco puro ao vermelho vivo... Ante os olhinhos petrificados que as benditas cortinas úmidas vieram toldar, tornando a imagem impressionista e tirando dela a crueza, que, todavia, jamais pôde ser esquecida. E quando alguém sugeriu um filhote substituto, não foi aceito. Escolhemos ficar com Lulu. Para sempre. Na lembrança.

Adotar um animal a esta altura da vida? Não, não adotaria... Adotaria?

Simultânea, a passagem do tempo convoca o arco da memória, que se revela com a dissolução do isto é no isso foi das coisas e das experiências dos seres vivos. Fragmentos podem perdurar armazenados em seções da memória e emergir nos objetos mais insólitos, em reminiscências inesperadas, epifanias fugazes, que não têm compromisso outro senão subsumir-se na correnteza da vida como um objeto a mais: imagens, falas, gestos. Mas às vezes, a lembrança da lembrança revela na força pequena suficiência bastante para pelo menos, roçar o corpo e se fazer sentir.

No conto *Lulu*, uma cena de rua desencadeia o pensamento da mulher para uma publicação da internet sobre certo decapitador de Croydon trazendo para a cabeça dela a história de Jack o estripador, com a lembrança indo para um vídeo mostrando o sofrimento de um cão sem dono passando fome e sede pelas ruas, até que certa experiência do vivido é descortinada, deixando claro para o leitor que a cena breve, lá atrás, tocara um microespinho que resistia encravado na memória da personagem.

Esta ordem não é tão firme como aparenta; nenhum objeto, nenhum eu, nenhuma forma, nenhum princípio é seguro; tudo sofre uma invisível, porém incessante, transformação; no instável, o futuro tem mais possibilidades que no estável, e o presente nada mais é que uma hipótese ainda não superada. (Musil *apud* Larrosa, 2004)

Todo mundo sabe que a vocação da vida é o novo substituir o velho. Pessoas. Posições. Pensamentos. Tudo. Mas isso não quer dizer que mudança aconteça sempre de maneira abrupta. Não necessariamente. Na natureza tudo muda a cada segundo, às vezes, de modo imperceptível. A subjetividade mesma não é outra coisa senão a aliança do velho e do novo. Na observação arguta de Nietzsche, falando sobre os humores, parece que num primeiro momento, só uma parte do novo se une ao antigo. A velha subjetividade resiste atraindo só o que a ela se assemelha, o resto da inovação subsiste sem encontrar nada que lhe seja aparentado e se instala sozinho *entre os antigos habitantes, com os quais entra muitas vezes em conflito, como um intruso, causando angústia, desgosto*. (Nietzsche, 2013, v. 08, p. 187). Nesse ponto a menina receptiva é de grande valia para acolher a... “Novidade!” ...e amaciar a austeridade da velha... “Extravagâncias!” A menina é feita de momentos. A velha também é. No processo de socialização – educar-se, amadurecer, crescer – a florescência da fantasia vai sendo podada e se veda grande parte da fabulação infantil. O adulto que fica com uma fresta mais larga, por onde a imaginação pode escapar mais confortavelmente para o outro lado, costuma ser tido como doido. O artista tem o privilégio de não se importar em parecer doido e de poder continuar sendo criança. Criar é uma brincadeira divina: *lila* em sânscrito. Na crença hinduísta, divino e humano se comunicam em *lila*. A experimentação possibilita detalhar qualidades e características da criação: estilo, beleza, cores, texturas. O escritor faz isso. Para criar é preciso sonhar com algo que ainda não existe e pela força desse sonho transformar a ideia em realidade com persistência, imaginação, energia. Nisso e só nisso há liberdade para o artista. A menina curiosa sonda, rabisca, esboça... De uma coisa estou certa: a menina não pode morrer antes da velha. Essa escrita seria deveras monolítica se conduzida apenas pela velha estrita que, às vezes, até mesmo quando se rende à moda precisa da menina franca para mostrar quando “o rei está nu”.

Ultraje a Mozart

Sem querer quebrar a rotina do seu cãozinho e sem poder sair de casa por conta de um tombo que levara, a mulher resolveu pedir à vizinhazinha da porta ao lado para levar o pet no passeio diário, enquanto estivesse imobilizada. Acordo feito, preço ajustado, na manhã seguinte, a menina chega e encontra a dona bem contente e o animalzinho bastante contrariado.

— Olha só como o Mozart está elegante para passear com você.

— A senhora não acha que essas roupas...

— Lindas, não? Última moda, sabia?

— Desculpa, mas vestido e calçado assim, está um palhacinho.

— A roupa é moderna, bonita, protege bem, com todo esse vento, só me falta, o cachorro ficar resfriado.

— Acho que o pelo é suficiente para protegê-lo: olha só para dele... Pede com o corpinho todo pra tirar isso fora. Ah, se pudesse falar como gente...

— Menina, eu te contratei para levar o cachorro para passear ou para dar palpites? Mozart para de morder os sapatinhos... Para Mozart!

Pronto, o arranjo perigava não dar certo. A menina abriu a boca pronta para desistir, se deparou com os dois olhinhos suplicantes a seus pés e ao invés... "Vamos, Mozart, vamos!" Pela porta a fora, a menina zangada e o cachorrinho humilhado e a saraivada de recomendações... "Nem pense em tirar... Blá-blá-blá..." Na areia tem... Blá-blá-blá..." O passeio foi uma batalha, com o cãozinho puxando a roupa com os dentes e esperneando tentando arrancar os sapatos fora. Na volta, menina disparou:

— Combinei com a senhora um preço para passear com cachorro pelado. Se tiver que continuar a sair com ele vestido, difícil de ser controlado e dando tanto trabalho, preciso ser aumentada.

— Ora, não me venha quebrar o trato! O preço é aquele e nem um tostão a mais... Blá-blá-blá... Nem pensar!

Vendo a velha pegar o cachorrinho no colo ..." Deixa ver se voltou com sujeira nas patas... Não quero que pegue micose." ...a menina pensou que ainda

que intenção dela fosse boa... “De boas intenções o inferno está cheio.”, costumava dizer sua avó. Olhando para o cachorrinho, que não tinha escolhido a dona e não tinha culpa de nada, mais uma vez, reconsiderou. Na manhã seguinte, chegou, encontrou o cachorrinho enfatizado, do mesmo jeitinho e parecendo ainda mais ofendido.

— Hoje, não está tão frio... A senhora não acha que essas roupas podem esquentar muito? Tem ainda o problema da tinta... O Mozart pode ficar com alergia.

— Eu mesma estou morrendo de frio... Não me venha com esse assunto de novo.

A menina fechou a cara e não deixou a mulher sem resposta.

— Quem avisa amigo é... Tst! Vamos Mozart, vamos!

Disposta a tomar alguma providência, saiu pelo corredor com o cachorrinho no colo e caminhou sem pressa. Ouviu o estalido da porta atrás dela, voltou, pé-ante-pé, entrou na própria casa, foi direto para a cozinha e pediu um pouquinho de cera de depilar para a cozinheira.

— Ora, ora, não me diga que a mocinha já está precisando...

— Para de bobeira! Vai ou não vai me emprestar?

— He-he... Tô brincando... não precisa ficar zangada... vou pegar.

Na manhã seguinte, quando a velha abriu a porta, a menina viu o cachorrinho trajado e chamou... “Vamos, Mozart, vamos!”

Escutou a porta fechar, voltou com o cachorrinho no colo e entrou na sua casa.

— Arranja mais um pouquinho de cera?

— Sabe usar isso direito? Se quiser, posso ajudar.

— Não precisa.

No terceiro dia, tudo igual.

— A cera...

— *Outra vez? Ainda bem que eu não tinha guardado... Quer saber... Toma! Fica logo com o resto. Já não tem quase nada, mesmo. E vê lá se não demora muito com esse cachorro aqui dentro. Como se não bastasse tudo o que já tenho para fazer... Se continuar a trazer esse bicho aqui eu vou contar pra sua mãe... Larga pelo por todo lado e suja a casa toda... Mas os ganidinhos finos que escuto o bicho soltando a toda hora é o que tá me deixando mais nervosa.*

Outra manhã. A mulher abre a porta e a menina entra. Depara-se com Mozart em festa, na frente dela, pulando e abanando o rabo, no seu natural.

— *Cheguei muito cedo? O Mozart ainda não...*

— *Por enquanto, não vou colocar roupa nele, não. Descobri que está com algum tipo de pelada.*

— *Deve ser alergia, avisei pra a senhora...*

— *Deve ser micose, isso sim, mas logo que o médico me liberar, para sair, vou com ele ao veterinário. De ontem pra hoje, perdeu chumaços e chumaços de pelo, ficou com uma falha enorme, quase do tamanho de um ovo, na barriguinha. Vem ver. Mozart, aqui!*

— *Depois, depois. Olha só para ele agora... O corpinho todo pedindo pra sair... Ah, se ele pudesse falar como gente... Vamos, Mozart, vamos!*

Não levo jeito com a retórica. Não sei discursar. Não aprendi a debater. Talvez porque em criança não podia contestar os mais velhos, eu tenha desenvolvido a capacidade da escuta. Sim, gosto de ouvir. Ler. Pensar. E escrever. O hábito da leitura permite perceber a ficção como um instrumento hábil a fazer refletir. A escrita ficcional é o meu espaço de devanear. Sim, a escrita ficcional é lugar de produzir pensamento, trazer para o *milieu* do pensamento o que não está no pensamento. Blanchot diz a esse respeito que o pensamento é ainda não ter começado a pensar, representar é ainda não ter começado a representar e escrever é ainda não ter começado a escrever. Sim, escrever é ainda não ter começado a escrever. Escrever é empurrar o pensamento para “*pensar o impensável*”, forçá-lo a ir mais adiante, procurar novos caminhos, perseguir linhas de fuga, se desdobrar em fluxos e escapar pelas frestas. O pensamento se dá no meio do problema, é o

que concebe o problema, é o pensamento do impensável. Pensamento é exercício no limite. É no limite do desmoronamento do pensamento que o pensamento se dá. A filosofia do pensamento é encontrar a força *aporética* do pensamento.

[...]o essencial é que o pensamento seja, por si mesmo e na espessura de seu trabalho, ao mesmo tempo saber e modificação do que ele sabe, reflexão e transformação do modo de ser daquilo sobre o que ele reflete. Ele põe em movimento, desde logo, aquilo que toca: não pode descobrir o impensado, ou ao menos ir em sua direção, sem logo aproximá-lo de si – ou talvez ainda, sem afastá-lo, sem que o ser do homem, em todo caso, uma vez que ele se desenrola nessa distância, não se ache, por isso mesmo, alterado. (Foucault, 1991, p. 343)

Com a escrita ficcional, o caso é o mesmo. A arte é coisa mental. Umberto Eco já disse isso, no famoso pós-escrito. Arte é pensamento crítico. O esforço de pensar goteja leite-novo. A escrita ficcional abre espaço para que o pensamento surja como criação, transformação e constituição da subjetividade. Eis que, de repente, no ‘meio’ do caminho, o latente imperceptível do pensamento. O artista é desafiado pelo impensável a sair do seu espaço de estabilidade, onde só pode repetir sons conhecidos, a experimentar novos jeitos de ser e alterar a si mesmo. O pensamento-leite surge do desapego da forma costumeira de pensar o já pensado e muda o próprio jeito de ser do sujeito. A força de desestabilização “intensiva” que abre a subjetividade para nela se encaixar a *novità* pulsante. “O pensamento é uma questão de plasticidade, de mobilidade, de metamorfose”, disse Didi-Huberman. Ficção artística é pensamento crítico, digo eu. O esforço de esboçar esse experimento desencadeou uma reflexão rondada por questões circunstanciais reclamando presença: o atual modelo político-econômico do individualismo praticado na sociedade ocidental acirra o ânimo dos participantes? Modifica o comportamento individual no corpo a corpo travado pelas ruas das grandes cidades? Cerra resistências? Estimula o alheamento em nichos? Leva à edificação de zonas artificiais de conforto com o material da dissimulação e da indiferença premeditada? Incita a criação de refúgios virtuais privados, ignorando deliberadamente a presença uns dos outros no espaço público, excluindo e tratando os que estão em volta como se fossem invisíveis - passando sem olhar, fingindo não ver, falando alto ao celular nos ambientes cada vez mais apertados, dizendo particularidades pessoais, tecendo indiscrições.

— *Foi aquele filho da puta quem morreu... ele nem falava com a gente...*

— *Aquele é o irmão dele?*

— *É, é o irmão dele sim. Afff! Aquele cara é chato pra...*

O material inquiridor direciona a reflexão para certos procedimentos e afecções — intrusão, medo, concorrência, insegurança, pressão, desconforto, incômodo — que funcionam como diretriz na percepção dos indícios pertinentes para alicerçar a composição híbrida com argumentos sólidos da relevância, da finalidade, do interesse e da coerência. Relevância de lançar exemplos impactantes de solidariedade, integração-desintegração, conforto-desconforto, encontros-desencontros para levar o receptor a facear ajustes e desajustes da sociedade. Finalidade em disponibilizar cenas ligeiras de interação construídas pela linguagem literária com o intuito de fazer refletir e duvidar. Interesse em evidenciar o conteúdo político apreendido na observação do cotidiano. Coerência de trabalhar com a linguagem ficcional em perfeita consonância com minha sensibilidade para os impasses da sociedade. Com a minha vida mesma, porque desde que aprendi a ler, venho intrigada na jornada de leitora pelas trilhas das histórias com padrões repetidos ou variações fascinantes que fizeram de mim uma contadora de histórias. Sim, acho que sou mesmo só uma contadora de histórias. É isso o que sou. Parece que sempre fui. Não esperem mais de mim. Eis que uma voz excelsa se eleva numa sala de concerto e já surge a ideia para o conto mínimo.

Momento sublime...

A moça chega cedo ao teatro e consegue ingresso para assistir à apresentação de Maude Salazar. A escolha do programa não se deu por especial gosto pela música clássica, que nunca tivera a oportunidade de cultivar, mas porque o Museu da República é um lugar onde pode comparecer bem vestida e se misturar a pessoas interessantes. Mas tão logo a garganta da soprano emite as primeiras notas cristalinas, o rosto da moça se desarma e se abre para a expressividade das suas emoções. Com o avanço da apresentação o olhar se aviva, braseado.

Quando a apresentação chega ao fim, a moça perde a postura estática de beata a rezar para explodir em aplausos e lágrimas. A cantora sai, volta ovacionada e sorteia cinco CDs, pelos números dos ingressos.

A moça é pura aflição crispando os lábios, apertando as mãos e cruzando os dedos à medida que cada número é contemplado, conferido no canhoto. Quando o último é proferido, vai receber o disco das mãos da cantora, que tendo percebido a forte emoção externada pela moça, abre os braços para ela e lhe oferece também o seu abraço.

A vida é intermitência. Pulsar. Variedade incomensurável. Manifesta-se de infinitas maneiras. Bela. Feia. Alegre. Triste. Dolorosa. O que é bom e o que é mau, devindo, devindo, não permite a percepção da totalidade. Negaceia. Oferta iscas. Inquieta com instantâneos. Lança estilhaços ao léu. Na impossibilidade da apreensão total, o realista ajunta os grandes fatos numa linha contínua e o visionário cola o mundo do seu jeito.

Tudo é devir. As coisas, bocados. Arte que salta da vida e volta para ela é o que tento fazer aqui. Explodindo o *flash*. Crivando a imagem. Registrando impressões da convivência momentânea colhidas no exato instante do acontecimento. Recolhendo fragmentos, engendrando ficção com o material evanescente, explorando a dimensão plástica e sensorial da linguagem na tentativa de inscrever momentos, sensações difusas menos como representação e mais como tentativa de captação da vida à medida que se esvai (*carpe diem*), tal como o haikai é definido por Barthes: “um átomo de frase que anota um elemento tênue da vida ‘real’, presente, concomitante”.

Se “uma época é feita das suas visibilidades e dos seus enunciados”, como diz Foucault, é necessário investigar não o que está por trás dos textos e documentos, nem ‘o que se queria dizer com aquilo’, mas observar as condições reais da existência, para além de um discurso ou enunciado. Um cotidiano, por mais trivial que seja, é parte das ‘visibilidades e enunciados’ do seu tempo. No comezinho do mundo globalizado, dissimulações, choques, esbarrões, fricções, faíscas microexplosões iluminações breves, gestos de solidariedade entre os transeuntes. Para nutrir a minha escrita com esse material efêmero que se eleva nas interações intersubjetivas, não importa onde esteja ou para onde vá, o olhar de

través e o ouvido aguçado na mesma rotina: observar a miudeza acontecendo entre os grandes fatos evidenciando as condições reais da existência; flagrar personagens subvertendo discursos estabelecidos e desestabilizando enunciações de senso comum nesse nosso tempo de incontinência verbal.

“...foi aí que eu quebrei a perna. Precisava do dinheiro, fui lá e vrrrááá...! Quebrei a perna.”

“...Tiros no alemão...”

“...Agora você vai me conseguir um retrato daquela mulher até sexta-feira...”

“Ele tá só dormindo, pô! Só porque tá deitado na areia tinha que tá morto? Pô!”

Como podem as pessoas ter tanto a falar ao mesmo tempo? Será que antes diziam tudo à boca pequena?

Aparentes insignificâncias funcionam às vezes como frestas para a imaginação fabuladora e para o pensamento crítico que se ocupa do saber sociológico e da análise política. O investimento no menor valendo-me das intensidades que não reconhecem valores, formas ou funções, é uma tentativa de evitar que se percam resíduos de um real inusitado, momentos únicos de tensão insinuando mudanças significativas, na nossa atualidade para converter o material de percepção em poesia com os personagens solapando o rebuço da “verdade” capturada na substância de impasse e complexidade que irrompe no corpo a corpo pelas ruas das grandes cidades: comportamentos bizarros, conversas de varejo, ninharias, indiscrições, gestos mal contidos, caras e bocas...

Mas não só.

Quantas vezes a imagem aparentemente banal ou o gesto de uma pessoa absolutamente comum que faz parte de um mundo ligeiro, anônimo, de ocasião, adere a nós e resiste à desapareição? O conhecimento de um dia, o companheirismo circunstancial, o amigo de um instante, a solidariedade momentânea entre pessoas

que só se veem uma vez na vida, uma conversa de minutos pode se tornar inesquecível.

O alemão, no trem, que fala a nossa língua e percebe que estamos perdidos nos concede generosamente do seu tempo para prestar, naquele momento, orientações fundamentais sem as quais jamais poderíamos aproveitar a única oportunidade de provar o original. A indiana que perdeu uns vinte minutos do seu dia para nos dar uma informação correta; o homem que estendeu o braço moreno com a palma da mão aberta coberta com a palma da palmeira para oferecer brancas amêndoas descascadas ainda verdes sem o que jamais teríamos a oportunidade de provar o sabor do fruto leitoso. Alguém que ofereceu lugar sob o exíguo guarda-chuva numa corrida para atravessar a rua. A senhora com brinco de pérola que, na travessia do barco, levantou os olhos do livro e a um sorriso nosso, sorriu de volta. O que avisa de um papel caído do bolso de importância só para nós. O taxista que volta ao nosso endereço para devolver documentos essenciais esquecidos no banco do carro. O que nos oferece um copo d'água. O que anda à nossa frente e nem sabe que nos ajuda orientando o trajeto. O velho que faz questão de interromper suas compras para sair até a rua e explicar melhor um caminho. As meninas que percebem a indecisão e: “*Can we help you?*”. A moça que interrompe seu lanche para nos explicar a direção certa com palavras, gestos e mímica. A mulher que pede para trocar uma nota da sua moeda e, assim, guarda uma lembrança nossa. A vizinha de assento na sala de espera da clínica de ortopedia que estando ela mesma esperando para ser atendida, se esforça para se levantar e me apoiar na caminhada. A professora que nos empresta um livro raro fundamental para a feitura do trabalho. A jovem da cafeteria que se preocupa em nos apresentar uma alternativa melhor ao nosso pedido. A pessoa que abre espaço para que se possa passar. A que ajuda a levantar do tombo. A que oferece o braço para atravessar a rua. Pessoas “que mudam nosso dia com pequenas delicadezas, grandes sorrisos e boas palavras”.² Nas andanças pela vida alguém pode nos acudir com um *band-aid*, um cigarro, uma direção, uma palavra amigável “*Boa sorte!*”, num momento brevíssimo em que os traços que caracterizam o indivíduo particular e estratificado desaparecem na solidariedade genuína do desprendimento sublime. Assim é o florir da existência entre a individualidade e a

² Fragmento de Virgínia Mello disponível em: <https://pensador.uol.com.br/frase/MTgyMTc2Ng/> . Acesso em 01/07/2015.

multidão como parte da natureza, em meio aos espinhos, na experiência absoluta da alteridade, do desnudamento de si, na horizontalidade do devir. Ninguém está sozinho. Penso na multidão como um todo preso num labirinto, bilhões de cabeças pensando de diferentes formas, bilhões de braços e pernas puxando para lados diversos. Uma espécie de ser com o qual todos nós interagimos. Nós fazemos parte dela, mas também somos indivíduos.

Fragmentos.

Quero tentar aproveitar instantes de emoção que afloram no encontro casual e nas relações efêmeras dos que provavelmente serão sempre estranhos: convulsões, tremuras, pequenas evoluções, minudências, indícios, incompletudes, mutações, miudezas quase imperceptíveis, faíscas, cintilações, relampejos, ninharias, migalhas, impressões, imagens circunstanciais, momentos únicos, reações de resistência aberta ou de dissimulação que emergem e submergem nos contatos sociais em vários cenários de convivência momentânea apontando sintomas de inadaptação e/ou adaptação de diversos personagens à ‘mundialização’, para tentar nutrir o corpo da escrita com a substância fugidia que emana pelas ruas.

Baudelaire fez isso.

Não, o grande Poeta da Modernidade não é alguém com quem se compare. Eu, que ousa me identificar com algum ponto do trabalho dele, quero apenas creditar aqui o seu exemplo sendo o meu incentivo maior. Travestido com as alegorias do *flâneur* e do trapeiro, Baudelaire tornou-se o poeta maldito e revolucionário que lançou o olhar inaugural para o cotidiano do burguês, captando traços de diferenciação no comum, no passageiro, no circunstancial, no momentâneo e se tornou a personificação da arte que extrai o eterno do efêmero.

Privado da proteção do mecenato, Baudelaire desceu do “Olimpo”, perdeu a auréola. Tendo que lidar com o incômodo e o mal-estar da modernidade... O que fez? Embebedou-se dela e regurgitou poesia.

De Baudelaire para cá, entretanto, as coisas mudaram. Radicalmente. O olhar do pintor da vida moderna, segundo o próprio Baudelaire, se caracterizava em meados do século XIX pela capacidade de fixar expressivamente o elemento

fugaz, contingente e transitório da mudança eterna da modernidade, exemplificada pelo traço do desenho veloz de Constantin Guy.

Na segunda metade do século XX, contudo, a concepção da história como processo linear se liquefez e a noção de mudança perdeu a força. O lugar central da indústria foi ocupado pela ciência e a técnica, a mudança passou a converter o futuro instantaneamente em passado, numa celeridade tal, deixando a impressão de imobilidade. A promessa de um futuro no qual se dissolveriam classes e particularidades em uma sociedade universal frustrou-se. As sociedades caminharam para o pluralismo ao invés. A rebeldia dos moços, mesmo justificada, afirma-se como negação do presente opressor e não como intenção de renovar a sociedade. As rebeliões em certos países, mesmo quando justas, apresentam-se como rupturas do tempo linear e não como tentativa de implantar programas de organização em benefício de uma sociedade futura. A luta é pelo reconhecimento imediato da realidade concreta e particular. Os movimentos afirmam particularidades de grupos. Os conflitos sociais de oposição entre capital e trabalho passaram a ser de ordem cultural, religiosa e psíquica. As obras do progresso tidas como maravilhas passaram a ser vistas como fracassos. Especialistas preveem o esgotamento dos recursos naturais, a contaminação terrestre e a devastação pela bomba atômica. O presente tenta repelir o futuro. Se para o cristão medieval a vida terrestre desembocava na eternidade dos justos, para os modernos era marcha sem fim para o futuro, para os homens dos últimos anos passou a ser algo que apavora.

Tempos outros.

Não dá mais para o *flâneur*.

Hoje seria inviável sair caminhando como um errante, olhar de través flagrando a substância da poesia nas miudezas, no fugidio, na inteireza que dilui, como fizera o poeta da modernidade.

E nem teria mais lugar.

A divulgação midiática despeja miscelânea de notícias e imagens vertiginosas compartilhando as dores do mundo com todos e sobrepondo grandes problemas, a toda hora em qualquer lugar - explosão demográfica, escassez de alimentos, questões ambientais - Verdades de plantão arquitetadas por forças que

levam vantagens, silenciosamente, como se recobertas por ondas de neblina, ganham o mundo, de repente, pulverizadas nas redes sociais. Mesas de negociações, com anéis levados e dedos poupados, são expostas, sem constrangimento, por todo lado. O artista de hoje é atropelado pelos fatos torcidos, espatifados, maledicências, fofocas no redemoinho acelerado, misturado e transformando tudo em banalidade.

— *Quarenta cartões clonados só este mês nesta agência.*

— *Como ele conseguiu a senha?*

— *Ficou atrás de mim e me viu digitando. Os cheques eu não sei como conseguiu.*

— *Tirou na máquina. tinha o cartão e a senha.*

A inspiração mais compatível do que o *flâneur* baudelairiano seria, a meu ver, talvez a figura do “artesão cósmico” deleuziano -, o artista que olha os meios em volta de si e capta “o rastro da criação no criado”, instala-se “nos limites da terra”, se interessando pelo microscópico, pelos cristais, pelas moléculas, pelos átomos, pelas partículas não em função da conformidade científica, mas “pelo movimento imanente”. A figura moderna do “artesão” deleuziano faz o artista contemporâneo.

Mas não adianta pensar que é só dispor do material esperso, começar a escrever e pronto. O elemento pré-textual é apenas ponto de partida para a compreensão comum dos leitores. Não basta apenas abrir as comportas achando que imagens mentais vão jorrar e formar precipitado no suporte material. Na hora da prática mesma, o assédio das questões. Podemos narrar objetivamente o que vivemos? Ao lembrar, inventamos? A prática literária é faz de conta? Da pesquisa para a prática, problemas a serem resolvidos em cima da matéria sobre a qual o artesão trabalha. Matéria essa que tem leis próprias e sofre as interferências da cultura de que está embebida. De repente... Cadê a autonomia do escritor? Lá vai a escrita remendando resíduos do real e material do jeito que a linguagem permite e não como o escritor pensou que seria. Pensamento e fantasia fundidos. A história transformada em constelação de resíduos heterogêneos. De um momento para outro já não é mais possível distinguir o fato e a fantasia imbricados nas

pequenas histórias. Os ingredientes indiscerníveis já não podem mais ser separados, do mesmo modo que seria impossível desunir farinha de trigo, ovo, manteiga, açúcar ou limão da massa pronta da madalena.

Na travessia pelo mundo em dobro – da ficção e da experiência –, podem me imaginar nos dois últimos anos, em casa, vestindo roupas folgadas, calçando chinelos confortáveis ou mesmo com os pés descalços nos dias mais quentes, frente ao computador, na minha varanda minúscula, procurando ordenar a massa confusa dos fragmentos disputando espaço no pensamento, tentando me abstrair do barulho ensurdecedor das obras urbanas e me esforçando para ser boa no que faço.

Tem dias em que a “inspiração” é mais presente. Tem dias em que a oferta de palavras e imagens é mais generosa. Tem dias que a escrita flui com leveza e o resultado até surpreende. Não neste. A tempestade ameaça. Os trovões reverberam. Os raios intensos aterrorizam. O vento ruga. Penso no ditado ‘cão que ladra não morde’ e torço para que a chuva não venha muito braba. Gosto de escrever escutando o tamborilar. Ver rastros dos pingos na vidraça.

Bato os dedos nas teclas tentando fixar estilhaços da vida, mesclar arte-pensamento e converter o material de percepção na produção literária, na intenção de anunciar a *novità* através dos personagens solapando o rebuço da “verdade”. Começo a escrever, tateando a vida pela perspectiva do próprio olhar, do jeito que gosto. E que as teclas quiquem depressa e que o pensamento derrame... Mas pensar que a vida pode ser enquadrada em parágrafos é pura ilusão! Usar a linguagem para dar sustentação ao incorpóreo é lidar com a insuficiência dos recursos da língua... Rá!

Nada essa espuma

Por afrontamento do desejo
insisto na maldade de escrever
mas não sei se a deusa sobe à superfície
ou apenas me castiga com seus uivos.
Da amurada deste barco
quero tanto os seios da sereia³.

³ Ana Cristina Cesar “A teus pés” São Paulo: Ática, 1998, p.97.

Em determinados momentos a linguagem trava e não conforma plenamente a experiência. Fora do corpo, o acontecimento pungente parece escorregar para algum lugar obscuro, se distanciar e se esvaír. Onde foi parar a comoção que a experiência desencadeara? Na prosa corrida, o espectro enfraquecido. O ritmo desequilibrado. O relato anêmico e cambaleante que não se sustenta. O texto é a encenação de um malogro. Não representa a ‘hora H’. Marcelo Jacques de Moraes, numa aula sobre George Bataille, falou dessa impossibilidade de fazer a exposição de um dilaceramento, do impasse permanente em produzir uma linguagem que não se decanta e escreveu sobre isso.

Para além do problema entre filosofia e poesia, pensar a experiência extrema, em sua irredutibilidade à expressão, na irrepresentabilidade que, precisamente, a define como extrema, exige, pois, paradoxalmente, pensar sua inacessível tensão com a linguagem, sua intraduzibilidade constitutiva, que a expõe, propriamente, como “linguagem do impossível”. (Moraes, 2002, p. 63)

Se as palavras não conquistam o leitor acabam perdidas. Meras palavras. Rosa Montero também fala da ideia rutilante, no limbo do imaginário, cravada, palavra por palavra, na realidade, resulta numa coisa sem vida, inseto crucificado, como as borboletas de Nobokov cravadas na cortiça, “por mais que sejam recobertos por triste pó de ouro” (Montero, 2003, p. 36).

Questões intrigam. Como utilizar as palavras para explicitar gestos, pose, ar e tipo de vida, de maneira convincente? Como escrever uma ficção que renove prismas de percepção? Como ser um bom contador de história e fazer o seu enredo funcionar? Por que precisamos tanto das histórias? O que uma ficção diz sobre nós mesmos? Uma boa história é capaz de fazer o leitor pensar que viveu uma experiência completa e satisfatória. Uma história pode fazer rir e/ou chorar. Deixar no leitor a sensação de ter aprendido alguma coisa da vida. De si mesmo. De ter adquirido uma nova compreensão do caráter ou da atitude de um personagem. Como os autores conseguem escrever histórias que levam a isso? Quais os segredos desse antigo ofício? Diz que nada de novo se descobre no espaço da escrita-leitura, que é um “país do já visto” e enfim... “Há demasiado livros, tudo já foi escrito sobre tudo, sobre cada sombra, existem milhares de livros, cheguei tarde demais para o banquete da cultura universal, e embora a entrada não seja proibida divertem-se propondo à minha fome todos os pratos e

variações que já não sei diferenciar um poema de um sorriso, uma onda de ódio de uma oração japonesa”.

Sou o intempestivo na academia. O que fazer na posição do anacrônico diante disso? Não importa o quão me preocupe. Não importa que não haja solução para o meu problema. Sinto apenas que tenho que enfrentá-lo de qualquer jeito. Não compro o mimimi.

O querer-escrever é forte o bastante para afastar o sentimento melancólico que poderia me deixar no estado paralisante. Não temos que ser heroicos ou corajosos, temos simplesmente que persistir. E eu descobri que podia fazer isso.

Deleto tudo. Tento fazer melhor. Experimento com versos. Não funcionam. Não, não são rimas bem regradas que vão passar adiante o que estou tentando elaborar. A qualidade não me anima a continuar. Respeito o leitor. Deleto tudo outra vez.

Dias e dias no faz-desfaz da escrita. Tardes tórridas de verão a dentro. Sol forte. Barulho perto e longe. Altas vozes nas ruas. Gritos. Motocicletas rugindo. Monstros urbanos. Mais assustadores do que animais selvagens? O soar de motores é constante. Por vezes o ruído de uma batida. Chego à janela. A rua é um rio atravessado por carros, ônibus, motocicletas, bicicletas numa carreira desenfreada. E lá vai a corredeira irrigando as distâncias, mudando de nome, ganhando as zonas periféricas, tatuando a marca da labuta humana, arrastando os ruídos da atualidade, interferindo no silêncio da natureza. Poesia crua. Dura. Diferente do trinado dos pássaros, do sopro do vento, do murmúrio do riachinho, mas não menos poética que da polifonia pastoril afinal estendida a todos os níveis da vida nacional desse nosso país de dimensões gigantescas e complexas, fazendo com que a cidade não acabe mais.

Certa manhã, abri a janela e vi o início da coisa: uma guarita tímida erguida sob o fícus. Não demorou os contêineres foram tomando conta da rua. Tratores. Aos poucos o meu prédio e outros ao redor foram abraçados. Abraço de tamanduá de ferro. Guindastes enormes. Batalhões de operários chegando para a faina do dia na linha 4 do metrô ainda de madrugada. Vejo da janela. Fazem um círculo. De capacete e uniforme, todos iguais. Rezam a ave-maria de mãos dadas. Desaparecem nos buracos. O canto ancestral eleva-se. Nos últimos dias a cantiga dos subterrâneos intensifica-se. Fortalece os que enfrentam adversidades imensas

no subsolo. Todo dia, uma ambulância parada, à disposição. No exterior, a insuportável máquina britadeira de ruído infernal. No canteiro de obras, quantidade enorme de britadeiras comuns espalhadas no... *ratatatata*... O dia inteiro... *ratatatata*... Crateras abertas, fechadas, reabertas, tapadas de novo, abertas outra vez... Piscinas de lama. Jatos d'água. Fumacê. Certos dias, a fumaça branca e densa sobe lentamente e cobre tudo ao redor como um enorme lençol estendido. Cheiro intenso de óleo. Gruas imensas brancas e amarelas parecem que vão alcançar o céu. Um homem batendo um martelo, ritmadamente, o ferro uiva, os ouvidos sofrem. Um elevador mecatrônico amarelo, diante da minha janela, vai-e-vem... Homens vestidos de branco e calçando botas de borracha, enlameados até os joelhos. Coletes de várias cores. Uma poeira fina cobre a quadra. Certo dia, a notícia de que o 'tatução' venceu o obstáculo do Jardim de Alah graças a uma nova técnica de alagamento, já usada em Dusseldorf e se aproxima. Os bem-te-vis desapareceram. As borboletas também. As cigarras. O sol se esconde. O olhar curioso da noite arrisca espionar através da vidraça que a cortina veda apenas pela metade. A escuridão começa a invadir o meu espaço. Até os morcegos sumiram escorraçados. Acendo uma lâmpada. Oh! Olhos mecânicos arregalam! O batalhão de operários na faina da linha quatro do metrô não para mais de noite. Os holofotes do canteiro de obras agridem. Embaçam o olho da noite que talvez gostasse de ver mais longe. Enxergar mais profundo. Alcançar o tremular da incerteza. Mais intensa que a luz dos potentes holofotes. Mais medrosa que a escuridão medonha dos buracos. Mais agitada que o burburinho das ruas. Mais quente que o calor que se desprende do concreto. Mais confusa que o rumor das ruas. O barulho não respeita a lei do silêncio. Reclamações dos moradores caladas pela justiça. Fecho a janela para conter lá fora o ruído maior e expulso também as notas da canção começando a entrar... “*♪ Parabéns pra vocêêê... ♪*”

Um aniversário em quatro cenas

É a primeira vez que vai passar o aniversário longe do seu país de origem. Mesa arrumada. Bebidas para todos os gostos, dentro e fora da geladeira. A comida, os amigos vão trazer. Todos estrangeiros, trabalhando na cidade, concordaram que ficar em casa seria melhor porque teriam mais liberdade.

Combinaram de chegar, lá pelas 09.00. O marido certamente estaria em casa antes. As lindas flores que ele mandou já alegam a casa. Ela tem o dia inteiro para si. Hora marcada no cabeleireiro. Vai passar antes pelo banco. Pagando em dinheiro o desconto é ótimo. Quase no valor das unhas. Operando o caixa eletrônico, sente um objeto duro nas costas e escuta uma voz baixa, ordenando: “Direto para aquele carro depressa!”. Caminha tonta para o veículo, sentindo um frio na espinha e vendo tudo acontecer muito rápido: jogada no banco da porta de trás, sua bolsa arrancada e o carro partindo veloz com ela vendada.

Na sua impressão, o veículo roda uma eternidade até parar, ser empurrada para fora e ter a venda arrancada para ver que está no meio de uma roda de gente armada até os dentes. Não tem noção de onde está e não consegue abrir a boca nem para dizer um “A”. Mesmo que não tivesse aquele nó na garganta, nada iria adiantar. Não seria entendida. Está apavorada demais e sabe que, naquele stress, não tem como articular o português com competência. O líder, sorriso largo, zoando. “Vamos ver o que tem nessa bolsa enorme. Dinheiro pouco... Cartões pra gente fazer um rolé pelos bancos depois... Documento sempre ajuda... esse aqui: tem foto... nome enrolado... data de nasci... Olha aí, gente! A gringa tá aniversariando hoje... Maneiro! A gente devia comemorar. Achei mega bacana aquela coroa querer pular de paraquedas no dia do aniversário dela. Mas, aqui, a festança vai ser do nosso jeito. Bota o som pra arrepiar/Junta a turma de funkeiro/ Essa mina vai provar/ O que faz um tom maneiro. Peraí, assim não vai dar, não. Ela tem que se soltar. Pega lá um pouco daquela parada boa...Senão não dá. Segura a cabeça dela. Manda ver! Assim. Agora, vai engolir isso aqui. Abra a boca logo. Vamos lá! Depois vai agradecer. Tô vendo que tá gostando...Hahaha. É isso aí... Hahaha. Aí ó... Com essa roupona toda não vai dar pra dançar, não. Tem que tirar fora. Leley, ajuda a ela a se livrar disso tudo. Val, traz logo uma saíinha bem curtinha pra ela. Assim, ficou maneiro. Chelle dá uma demonstração, mostra como faz. Beleza! Tem que dançar com a periquita, viu só? Agora vai e bota pra quebrar. Cara boa e carnosa bem soltinha... Hahaha... Bota no face, gente. Hahaha... Agora todo mundo junto... Hahaha...

Onde estou? Que escuridão é essa? Lugar apertado. Terra por todo lado. Não dá pra ficar de pé. Não tem altura. Tem uma luz no fundo desse túnel. Morri? Estou enterrada viva? Que pesadelo é esse! Será que fiquei louca? Morta ou louca não importa preciso dar um jeito de sair desse buraco! Será que consigo me arrastar... Ai! Que dor. Como vou poder sair daqui? Escuto barulho de carro, buzina... Tenho que continuar me arrastando. Como vim parar no diabo dessa escavação? Já não basta ter que contornar as crateras da obra do metrô todo dia? Fazer escavações numa cidade já construída para implantar linhas de metrô traz sérios problemas. E agora que os operários entraram em greve a coisa piorou ainda mais. Ficou perigoso passar pelos labirintos isolados. Só de pensar que, no ermo, alguém pode cair dentro de um buraco enorme... Ser jogado... Hã!? Será que foi isso que aconteceu comigo... Estou enfiada nas entranhas da obra!? Não acredito! Arrastando, arrastando vou indo devagarzinho em direção ao fim do túnel... Pronto. Consegui. Saí toda arranhada, mas saí. E o meu prédio é logo ali! Que isso que estou vestindo? Tem um papel nesse bolso. “Ganhou a vida de presente. Não desperdiça.” Um clarão na cabeça doída e imagens distorcidas... Um torso... Uma Cabeça... Uma boca com o sorriso largo mostrando dentes brancos. As imagens oscilam dissociadas e desaparecem.

Ela vai caminhando para casa na maior dificuldade, e o corpo todo moído. De repente, outro flash na cabeça e imagens tremeluzindo: uma mulher, num contorcionismo frenético ao som de um batuque ensurdecido, ora pendurada num corpo atlético e ora embaraçada em grossos cordões, apalpando apalpada por muitas mãos. E, de novo, as imagens não se firmam e somem. Ela aperta a fronte com as duas mãos. Desequilibra. Cai. Gasta tempo enorme para levantar e voltar a caminhar trôpega. Que dificuldade para alcançar o prédio tão perto! Não pode nem pensar em entrar pela porta principal. Aciona a cigarra da garagem, o porteiro vem e quer escorraçá-la. Não podia culpá-lo. Desgrenhada, suja e maltrapilha, custa a convencê-lo de que é ela mesma. Entra no elevador e pede para avisar o marido que está subindo. O interfone toca dentro do apartamento. Os amigos acreditando piamente na sua intenção de chegar por último para causar efeito, vão todos esperar na frente da porta, na expectativa de vê-la entrar deslumbrante. O marido se prepara para entrar no jogo. Busca uma

garrafa de champanhe na geladeira, tira a gaiolinha de arame, empurra a rolha e controla. Quando a campainha toca, gira a maçaneta, com um sorrisinho maroto, no momento exato em que as palmas batem, a bebida espoca e as bocas entoam:
“*♪ Parabéns pra vocêêê...♪*”

A essa altura, uma apresentação mais apropriada seria desejável. Sei disso. Ter bons modos ainda é algo apreciável socialmente. É claro. Tento ser otimista a respeito desses assuntos. Mas de que adiantaria? Não há maneira honesta e definitiva de fazer isso. Nesta elaboração artística, a intenção de manter sintonia fina com o pensamento na linha nietzschiana não me deixa perder de vista que a verdade só pode ser vista na relação, que o ser é uma dobra do devir quando tudo está sendo e não preexiste em estabilidade.

Depois de aprender que a própria noção de sujeito é algo ainda em construção que esse lugar não é dado por uma substância constituinte, opto por deixar o receptor inferir o que a escrita vai, oportunamente, revelar. Ou não. Eu mesma confesso não saber quem sou eu. Neste experimento, construído pela fabulação, o sonho, a lembrança, as dificuldades, as dúvidas e as dores do querer-escrever, estou sendo apenas uma caçadora de imagens, no meio das interações intersubjetivas do mundo globalizado dos que provavelmente serão sempre estranhos. Posso definir o meu papel como o de uma passarinheira que transita com o alçapão armado na captura de vozes em línguas que se misturam nas conversas e celulares.

Aqui, mais importa saber que estou sendo apenas uma sonhadora que transita com a percepção tocada na intenção de aprisionar fragmentos amostras da vida em curso: manifestações de minutos; enunciados breves; imagens evanescentes; marcas do agora do nosso tempo que talvez possam resistir e permanecer depois de trabalhados pela arte literária.

“Por que a arte não deve ser bonita? Já existem tantas coisas desagradáveis no mundo”. Acho que seria maravilhoso poder fazer como fez Renoir que optou por pintar só a beleza clássica. Na sua pintura crianças, flores, cenas e mulheres lindas exercendo fascínio através dos tempos. Não que a novidade trazida pela arte de Renoir tenha sido aceita imediatamente. A própria obra formou o seu público com o passar do tempo. Na recepção da obra nova, quanto mais radical é

a novidade trazida pela arte maior é estranheza causada no receptor e Proust que procura abarcar na sua obra os mais diversos aspectos da vida humana mostra que foi preciso a ação do Tempo para a aceitação do trabalho de Renoir: “Dizem-nos hoje as pessoas de bom gosto que Renoir é um grande pintor do século XIX. Mas ao dizer isso esquecem o Tempo e que foi preciso muito, mesmo em pleno século XIX, para que Renoir fosse considerado um grande artista” (Proust, 1996, p. 295).

Mas há quem escreva coisas com apelo instantâneo. Permanece na zona de conforto. Deve ser gratificante. É bastante tentador. E se uma moça passa de semblante enlevado...

Maravilhoso instante

Ela é uma pessoa incrível. Calada demais. Já foi até chamada de “boca trancada”. Não que não tenha coisas a dizer. Ah, mas que dificuldade! A pessoa que consegue conquistar sua confiança se surpreende com a conversa interessante. Com o tempo, acontece cada vez menos. Acha que o mundo está abarrotado de palavras. Ainda mais agora, com tantos celulares cruzando vozes em todos os lugares.

De férias, caminha na cidade. Não como turista virgem e curiosa. Não como um fantasma deslizando. Morou no lugar por muitos anos. É reconhecida pelos paralelepípedos das ruas. Ruas que a reconhecem pelo cheiro. Ruas que identificam suas pisadas. Ruas que assistiram a sua adolescência sendo esculpida. Ruas que testemunharam a passagem das primeiras flores belíssimas que ganhara de um remetente que repetiu por três vezes o gesto e preferiu ficar no anonimato, fazendo com que ela fosse à floricultura, em vão, tentar identificá-lo. Ruas onde um rapaz atrevido segurou a mão dela quando saía do trabalho e foi derrubado pelo soco na cara, desferido pelo namorado, que vinha encontrá-la. Ruas com menos alarido do que as da metrópole em que mora, onde a primeira vez que alguém esbarrou nela e seguiu adiante sem pedir desculpas, indignou-se, deixando, com o tempo, de estranhar o gesto, frequentemente repetido. Ruas que a viram juvenzinha, no vai e vem do primeiro emprego com o coração doído vendo o aleijado na porta da igreja saltitando com a perna de pau de um lado para o outro e implorando: “Me ajuda a comprar uma perna, ajuda”.

Contribuía sempre ainda que fosse apenas com uma moedinha economizada do parco salário. Mas não é ele mesmo, lá, no mesmo lugar, com a mão estendida? “Me ajuda a comprar uma perna, ajuda”. Difícil acreditar. “Ele não comprou a perna ainda?” Percebe que se expressou em voz alta quando uma passante responde: “Porque não quis. É dono de diversos imóveis na cidade”.

Como as pessoas podem ser enganadoras? Por que são tão trapaceiras? A vida é curta. Por trás das aparências somos todos iguais, jogadas num mundo incompreensível, querendo respostas que não temos. O que impede as pessoas de florescer plenamente? Seria maravilhoso ter amigos sinceros por todo lado. Por que nações e indivíduos não se solidarizam e partilham, ao invés? Como seria bom ver seres confiáveis irrompendo ao redor. Às vezes pensa nisso mesmo supondo que seja uma grande bobagem. Não compreende o anseio infantil que ainda sente por pessoas. Às vezes, era incapaz de resistir ao impulso primário de abraçar e beijar um desconhecido de vez em quando. Fez isso há pouco tempo ao fechar a compra da bolsa de palha da africana que vendia na feira da providência. Surpreendida com o acesso de ternura a mulher comentou com o parceiro: “É o charme africano”. Ultimamente vem perdendo o sabor das coisas. Achando a vida insossa. Anda meio anestesiada. Parece que tem a dor cimentada em algum compartimento hermético. Não sente o mesmo incômodo diante do infortúnio do outro. Mesmo assim ainda é capaz de se magoar quando vê alguém remexer nas lixeiras das ruas. Deseja fortemente que alguma coisa ocorra em sua vida. Alguma coisa que faça seu coração bater forte insuflando vida no seu corpo apático.

Parada na esquina, espera a chance para atravessar. O carro diminui a marcha e alguém no banco traseiro olha fixamente para ela. O veículo passa deslizando e para no sinal vermelho. Ela não atravessa porque não consegue desviar os olhos da criatura com o rosto virado para traz e as mãos espalmadas no vidro traseiro como um polvo. O sinal verde autoriza partida e o veículo vai se distanciando. Ela e a criatura vão esticando o olhar até... Zaz! Desaparecem do campo visual comum. No ônibus para o aeroporto, a imagem do polvo com as ventosas coladas no vidro se contorcendo para observá-la.

Um acontecimento abortado? Qual seria o saldo do encontro dos dois corpos atraídos? Dor? Alegria? Pagaria o preço para ver. Pagaria sim.

Arriscaria. Sempre vale a pena se a alma não é pequena. Tempos céleres. É preciso enfrentar as questões honestamente. Memória é coleção de momentos, circunstâncias, instantâneos, encontros-desencontros. De repente, no caos da vida, um momento que faz tudo valer a pena. Não se pode ser muito exigente. Conforta saber que alguém levou a imagem dela tal como estava, ali, naquela hora, parada na calçada. Vê o sol vespertino se escoar pelas nuvens enroladas em longos raios de luz acima da lagoa. Suspira. Pela cabeça dela, versos de um belo poema: “Pois de ti já me fui, de mim já fugiste/Tu que eu teria amado tanto, ó tu que bem o viste”.

Poesia é vida. A vida não é uma fotografia. A vida não é um quadro. Na mesa posta, o butim do dia.

“Ele tem um apartamentinho na Gávea, as filhas moram na Inglaterra, uma em Londres e outra em York.”

“...Os caras tavam lá achando que iam ganhar todas as mulheres... Ali em cima da gente...”

“O meu pai é um sonhador, a minha mãe é que estraga tudo...”

“Tem que namorar muito, que o tempo é curto e não volta mais.”

Ser escritor é um dos caminhos para entrar na vida. Prioritariamente na dos outros. Claro. Com ambos os pés. Incomoda, como às *Linhas Tortas* de Graciliano Ramos, só imaginar a asséptica “literatura antipática e insincera que só usa expressões corretas, só se ocupa de coisas agradáveis, não se molha em dias de inverno e por isso ignora que há pessoas que não podem comprar capas de borracha. Quando a chuva aparece, essa literatura fica em casa, bem aquecida, com as portas fechadas. E se é obrigada a sair, embrulha-se, enrola o pescoço e levanta os olhos, para não ver a lama dos sapatos.” (Ramos, 1962, p.94).

Não quero compactuar com a farsa. Se eu proponho fazer uma escrita da vida não é permitido ludibriar. Preciso me lambuzar, sujar as mãos, enlamear os

sapatos. Não posso me omitir. Não tenho opção, engulo o prato que a vida me serve para regurgitar.

No restaurante...

...requintado, música ambiente suave, o maitre circula e se inclina amiúde, cheio de medidas, mostrando o cardápio. Os garçons deslizam pelo salão e equilibram suas bandejas com a leveza de bailarinos para servir comidas e bebidas. Um casal de meia idade ocupada uma mesa que acaba de ser servido. O marido come com vontade, olhos fixos no prato. A mulher passeia os dedos pelo salão, mexendo e remexendo a comida.

Marido: Está faltando água.

Mulher: Vamos pedir outra garrafa.

Marido: Não, eu li no jornal que está faltando água em Búzios. Não convém a gente ir pra lá, no fim de semana.

Mulher: Ah.

Do lado direito do casal, uma das mesas está ocupada por dois senhores, conversando baixinho. E os dois rapazes que chegam são conduzidos pelo maitre para ocuparem a da esquerda. Um deles pede uísque e o outro uma água mineral com gás. O maitre se afasta, para providenciar.

Um deles: Você anda com uma cara horrível, Cara! Não devia beber, tanto. O advogado me chamou... E eu tô aqui pra te avisar. Você está jogando tudo fora. Se não maneirar... Em muito pouco tempo, vai acabar com tudo.

O outro não se importa de estar sendo observado pela vizinha da mesa ao lado, não hesita em levar a mão à braguilha, segurar com força e balançar de um lado para o outro e dizer:

— Olha aqui, Cara, fica sabendo que enquanto isso funcionar, não vai me faltar o que comer.

— Bobão! Seu engenheiro de m...! Como pode esquecer que com o tempo qualquer máquina deprecia, sofre de fadiga e desgasta?

Na mesa do casal, o silêncio é quebrado apenas pelo tilintar dos talheres. O marido devora a comida. A mulher agora belisca e parece concentrada em seu prato. Mas, de vez em quando, disfarça, olha ao redor e acaba sempre com o olhar cruzado ao do engenheiro.

Marido: Tá diferente.

Mulher: Acho que colocaram muita pimenta síria.

Marido: Não. É alguma coisa em você.

Mulher: Cortei o cabelo.

Marido: E pintou também.

Mulher: É impressão sua.

E, de novo, na mesa do casal, a eloquência do silêncio volta a ser ouvida. O garçom chega com as bebidas para a mesa dos rapazes e o maitre volta com o cardápio.

Maitre: Querem escolher agora? Temos hoje uma entrada ótima...

Engenheiro: Pode deixar aí, daqui a pouco a gente escolhe.

O maitre deixa dois cardápios e se afasta.

Na mesa dos homens maduros, depois de muita bebida, o diálogo já não é mais a meia voz.

— O problema é que ela é só uma menininha.

— *Que menininha, que nada. Ela é uma bela duma cadelinha, isso sim. Já viu como mexe a bundinha... Ifff... Uma cadelinha no cio. Com aquela saíinha curta... Tá pedindo. Tá pedindo... Ifff!*

— *Eu tenho uma lá em São João do Meriti. Não confio nela, não. Dá umas sumidas de vez em quando, sei não. Mas sabe como é... É melhor comer caviar de vez em quando do que me atolar na m...*

— *Tá mantendo ela?*

— *Dinheiro grande eu não dou não. De vez em quando, um perfuminho... Uma roupinha... E só.*

— *Depois de um pouco mais velho o que faz bem a gente é uma novinha... Ifff... Faz subir um foguinho... Ifff... Experimenta e vai ver.*

Na mesa dos rapazes, a conversa é cada vez mais azeda.

— *Eu sou o Bobão e você o Caretão! Ah, ah, ah... Parece que nunca ouviu falar do Sildenafil...*

— *E não ouvi mesmo, não.*

— *Já sim, conhece pelo apelido. É o Viagra, sacou?*

— *Ah, é? E depois vem o que? Cirurgias... Próteses... E quanto estiver confundindo a poderosa arma com o cordão do pijama sem poder dar mais jeito, como é que vai ser, heim, Bobão?*

Na mesa do casal.

Marido: Orlando trocou o carro por um mais espaçoso.

Mulher: Por causa do bebê. A gente também podia ter um.

Marido: Ah, de novo, não. Não quero filhos. Não insista nisso.

Mulher: Não, um carro maior.

O engenheiro sorve devagar o seu uísque e só depois de algum tempo responde ao seu irmão.

— Quando isso acontecer, é por que chegou a hora de deixar a barba crescer e sair por aí, filosofando. Ou então, Brother, é partir e ver o que se pode fazer do lado de lá.

A rua continua sendo o local que mais se presta para vida se escrever em fragmentos. É o meio que propicia a irrupção do intempestivo. O espaço que favorece o afloramento das potências dos devires. A ágora que permite o heterogêneo se comunicar. Na rua novos personagens afluem já de todos os lados para esse abrigo provisório que, num primeiro momento, está aberto aos que estão sob o foco.

Espermatozoides.

“O que matou o Arnaldo foi aquele apartamento dele.”

“Se ela for, ele vai também, e isso eu não quero”

“Passou o fim de semana no hospital, acredita? Tem 27 anos.”

“Sou louco por aquela mulher.”

“Eu nunca vou ter amizades”

“Quando minha mãe nos apresentou o namorado dela foi assim mesmo.”

Mas todos não cabem. É preciso selecionar. Estabelecer critérios. Na enxurrada de material disponível, certas coisas incomodam mais. O franguinho de plástico da propaganda de certa processadora de aves, que vi no jornal, engolindo uma fatia de carne processada de papo erguido no prazer do canibalismo aborrece tanto quanto o frango, sem penas, desenvolvido pela engenharia genética, sem

pena. Faço restrição. A isca da representante da financeira lançada pela moça de boca aberta no sorriso estudado e no canto de sereia esganiçado para os ouvidos dos atolados em dívidas... Ah, não! Tiro do foco.

Sou como o bacurau:

Voo baixo, não canto, ponho meus ovos no chão.

Mas não admito que ninguém pise neles!

(Tarantino. 2014, 4ª capa)

A prioridade aqui é para os resíduos do real que afloram das paixões genuínas apreendidos no calor dos esbarrões casuais e das relações efêmeras...

Cena inusitada...

O homem surge correndo pela calçada em direção ao final da avenida. Ele aparenta ter entre trinta e cinco e quarenta anos. No rosto dele, um sorrisinho paira imobilizado. Ele já está quase alcançando o fim da quadra, quando, no início dela, a mulher surge correndo também. A aparência dela é de uns vinte e oito a trinta anos. Correndo e deixando suas risadinhas cristalinas ecoando pelo ar, vai meio atrapalhada pelo capacete de motociclista, diante de si, bem seguro entre as duas mãos.

O homem atravessa o cruzamento e alcança o calçadão do canal, onde vários carros estão estacionados. Entra rapidamente num furgão branco, que logo é alcançado pela mulher. Ela tenta abrir a porta do carona, não consegue porque está travada e não titubeia em alçar-se para cima do capô. Sentada, puxa o elástico que prende os cabelos, sacode a cabeça de um lado para o outro e a cascata loura desliza por suas costas abaixo. Coloca o capacete na cabeça, estica as pernas, ajeita-se e espera. O ronco do motor do carro logo se faz ouvir. O homem precisa se desviar da grande árvore que lhe empata o caminho e se prepara para dar marcha-ré. A brusca manobra arranca um gemido do arbusto que é atropelado atrás e um palavrão da mulher que é jogada fora.

Mulher

Filho da puta.

Estatelada no chão, com cara de dor, ela olha pateticamente para o furgão, que passa célere para a pista de fazer o retorno e pegar a mão contrária. Na curva, é obrigado a diminuir a marcha e a mulher se põe de pé num salto, corre e se agarra à traseira do veículo. Ela grita alucinadamente no esforço desesperado de fazer as portinholas se abrirem em par e na tentativa de entrar por elas. Mas tudo o que consegue é ser arrastada por alguns metros até que não pode mais e se solta. Vendo-se deixada para trás, faz gestos de ameaça e grita palavrões para o furgão que do outro lado escapa veloz, levando o homem, de sorriso congelado.

Mulher

Viado! Filho da puta. Cachorro!

Até que se deixa quedar cabisbaixa, muda e impotente, em desalento. Depois de algum tempo, prende de novo os cabelos, e toma o caminho de onde viera. Anda lentamente de volta para a direção contrária, levando o capacete preso apenas pela mão esquerda, enquanto a direita vai alisando a nádega. Desprovida do belo sorriso, a mulher parece mais velha.

Outro dia numa aula muito especial da Professora Marília Rothier, o poeta Lucas Viriato me fez dar mais importância ainda ao fragmento, no nosso tempo estonteante. Lucas viaja muito. Ao mostrar algumas imagens da sua primeira aventura na Índia, falou da impossibilidade de competir com o trabalho midiático que hoje domina o mundo, capta imagens de tudo quanto é lado, sendo que nada é sagrado para a mídia. Contou que ao invés de imagens dos lugares que visita prefere trazer pequenos fragmentos e sorteou para o grupo de colegas uma pedrinha que trouxe do Himalaia. A pedrinha é bonita. Parecida com a da Marília no colarzinho que ela trazia no pescoço. Lucas trouxera para ela. Duradoura. De grande valor simbólico. Mostra que nesse nosso tempo voraz e vertiginoso não vale a pena fotografar. Não fui eu a ganhadora da pedrinha. Gostaria de ter sido. Acho que todos ali gostariam. Claro. Só não me importei mais porque já tenho o meu fragmento e carrego sempre na bolsa: a moedinha que ele trouxe da sua

primeira viagem à Índia e me deu. Além disso, ganhei algo precioso, naquele dia. Escutando a fala do meu amigo pude refletir sobre a importância do seu ir e vir, percebendo que este meu trabalho tem tudo a ver com o dele: o Lucas é um carregador de fragmentos concretos do mundo; eu sou uma apanhadora de estilhaços evanescentes da vida. Sim, aqui eu não passo mesmo de uma caçadora de um material efêmero no sonho quixotesco de fazer perdurar. Sou apenas uma carregadora de sonhos, uma captora de imagens, palavras, diálogos, cenas breves, fragmentos que, às vezes, devolvo em forma de ficção e às vezes a cru.

Há poucos lugares que permanecem fisicamente idênticos no tempo e o que se conserva deles incrustado no presente é um fragmento que acena com seu tanto de solidez no mundo fluido dos significados. Oferece-se, na atualidade, como lugar de regresso, seja um costume, um itinerário, uma rua, uma casa...

Mi casita

Que prazer estar aqui de novo! De pé, na frente do portão fechado, relendo a plaquinha de apresentação, fixada no mesmo ponto do muro. Demoro um pouco a erguer os olhos para a direita só pelo prazer de antecipar mentalmente o que vai entrar no meu campo de visão: os últimos degraus da escadaria rústica desembocando na cobertura da parte oculta pelo portão - Uma garagem? e sobre ela, Mi casita, de pedra, construída do meio para trás da laje, porta entre duas janelas abrindo-se para uma espécie de varanda organizada do meio para frente, com a quantidade perfeita de vasos harmonicamente distribuídos. Tamanhos diversos. Muitos, floridos. Cores variadas. Não precisa mais para encantar.

Por que a casita?

O que faz um lugar ser especial? A lembrança que faz rir e chorar? O desejo de voltar de novo? O sentimento de querer voltar a ele muitas vezes? Alguém com quem estamos? Uma pessoa que nunca vamos conhecer? Um muro alto de buganvília cercando a quadra inteira depois de uma esquina? Um jardineiro podando galho imenso, atravessando a rua para depositá-lo nos braços da pessoa estacada e adentrada pela cor? Uma casita recuada, sofisticadamente singela e bela, que desperta sensações difusas? Alegria. Bem estar. Contentamento. Uma construção, discreta e despretensiosa, com singelo

jardim suspenso, que remete a conceitos básicos? Solidez. Intimidade. Aconchego.

É verdade que excursão de grupo tem programação rígida e hora marcada para tudo. Mas tem lá sua vantagem também. Viajando pelo mundo, tenho observado que o turismo de massa não capitaliza apenas imagens de visitas corridas a monumentos famosos retratados à exaustão pelos meios tecnológicos ou degustação de comidas diferentes com receitas à disposição. A rapidez estimula o viajante a apreender imagens evanescentes: uma casa, uma árvore, um cachorro, uma pedra, um olhar, um sorriso, uma cor, um movimento, uma sombra... O lampejo breve e casual... O que é... O que foi... O fugaz pode ser eleito pela memória e perdurar como um ícone latente e sensível, repetidor da experiência expandida.

A Dama do Mediterrâneo, rodeada pela sua baía de quase vinte quilômetros, uma imagem encantadora. A parte moderna. A parte antiga. Outras belezas em profusão. O passeio marítimo. Os iates de luxo. O relógio do sol. Palmeiras. Pinhais. Centenas de moinhos de vento. Garanhões nos haras. A fauna na água cristalina do mediterrâneo observada num passeio de barco de fundo transparente. Praias de areia fofa, branca, finíssima ou praias forradas de pedrinhas nas quais é preciso caminhar de chinelo para não machucar os pés, todas com o topless liberado e a pequenina e aconchegante 'Praia Desnuda' reservada à prática do naturismo.

Penso que as imagens não são meramente colhidas ao acaso. Cada um é cada um. O afeto individual seleciona no estoque do mundo. A identificação pessoal coleciona. Qualquer imagem tem potencial de ser retida pela memória se houver um liame sensorial. Exemplo é a cesta de frutas simpática que nos recepcionou no quarto quando chegamos de viagem, famintos.

Mi casita faz parte do meu acervo pessoal de imagens e seu poder de rememoração é enorme. Entre as imagens armazenadas das viagens a Palma, a da casita é a chave que abre a porta da minha imaginação imediatamente e sempre que me lembro dela volto à ilha paradisíaca relembando tudo.

Em Palma de Mallorca pela segunda vez. Primavera. Sol luminoso. Flores por toda parte. No hotel de Ilhetas, tempo livre para sair, esticar as pernas e me

familiarizar com as cercanias. No passeio agradável, ruazinhas simpáticas e de súbito...Ah! A casita de pedra. Apaixonante. Sempre achava tempo para contemplá-la. Há algo de sério e confiável na simplicidade.

Parada agora de novo na frente dela embevecida e com renovado espanto. O amor flui ao redor. Na disposição meticulosa dos vasos na varanda aprazível. Esforço. Na harmonia da distribuição. Carinho. Alguém dedica tempo e busca o equilíbrio com cuidado. Entro numa espécie de comunhão com a pessoa que cuida da casa e zela das plantas com esmero. Sinto-me conectada a outro humano de forma profunda. Nunca pus os olhos na criatura. Mas posso ver, com os olhos da imaginação, que sai porta afora, inclina no gesto da rega. Arranha o meu ouvido com o barulho de um vaso arrastado e empurrado na laje, um centímetro ou dois, na busca da estética idealizada. Afasta delicadamente uma folha velha, retira um galhinho seco e cheira alguma flor, do jeito mesmo que eu faria.

A casita vaporiza amor. Apaixonei-me por ela? Ou pelos gestos de outro ser que tem amor por ela? Observo a dedicação. Entro em união com alguém que jamais vou conhecer. Num encontro que traz certa dor inexplicável de compartilhar a irmandade com quem dispensa o excesso, a redundância, o supérfluo, o mais que necessário e traz a certeza de que o essencial é que conta. Amo a casita que queria ter, para mim, sem tirar e nem pôr. Amo a casita quase tanto quanto quem cuida dela. Quase. Esse ser delicado que deu o nome para ela. Mi casita. Encantador. Mais feliz e apropriado para o lugar desprovido do supérfluo não podia ser. Singela sim. Mas sem dever nada a qualquer mansão luxuosa. O aconchego é o seu elemento de luxo. Há grandes mistérios por aí. Até mesmo codificados. A casita aprazível não é minha. Mas também é. De alguma forma. No plano das sensibilidades cruzadas.

Compatível e congruente o nosso tempo marcado pela efemeridade e pelo anonimato, é a inserção dos personagens despersonalizados nos contos. Quase todos os agentes aparecem nas histórias apenas como um homem, uma mulher. Sendo que em *Mi casita* nem isso. Quis enfrentar o desafio de escrevê-lo totalmente isento da caracterização de gênero e acho que funcionou de modo que algum leitor, que eventualmente venha a se identificar com qualquer dos personagens, não se sinta privado da oportunidade de vestir a fantasia e nele se subsumir.

É inegável que há um mundo menor que passa ligeiro e anônimo sendo descartado como dejetos. Mas, algumas vezes, o efêmero deixa rastro. No ir-vir, pessoas de ocasião nos acodem com um minuto, um esparadrapo, um cigarro, uma direção, uma palavra amigável, um gesto de solidariedade casual que pode tocar o sensível e deixar vestígios que nele aderem — como o pozinho escamado que se prende aos dedos ao tocar em borboletas —, fazendo de momentos fugazes experiências inesquecíveis. Se o toque é mais intenso, sentido mais profundo, pode entranhar — como o microespinho ou a cerda minúscula na extensão da asa de algumas “subordens ou espécies de borboletas”⁴ —, resistir na frincha da lembrança e trazer de volta um rosto, um lugar, uma sensação...

Para Swann, amador da arte, a pequena frase de Vanteil age frequentemente como uma placa associada à paisagem do bosque de Boulogne, ao rosto e ao personagem de Odette: é como se ela trouxesse para Swann a segurança de que o bosque de Boulogne foi o seu território e Odette sua posse. (Deleuze & Guattari, 2008, p. 126)

O efêmero também porta seus fragmentos de vida funcionando em sentido inverso ao desaparecimento e permitindo acessar o breve passado latente. Barthes defende a valorização do efêmero: “Na atividade de uma vida é preciso reservar uma parte para o Efêmero: aquilo que acontece uma vez e desaparece, é a parte necessária do Monumento Recusado”. (Barthes, 2005, p. 11)

O “Monumento Recusado” reabre o passado na contramão do monumento oficialmente eleito como parte da memória que celebra a autoimagem de uma época para aquelas que lhe sucederão e deixa a história enclausurada no já acontecido.

Cada pessoa no ir e vir tem sua história e algumas vezes elas se repetem. Marcos, companheiro eventual de apenas um pequeno trecho de certa viagem, resumiu a dele para mim. Não é singular, mas alguma coisa dela me tocou, não sei bem porque e nem o quê.

“Sai de um casamento de oito anos com uma eslava... “Sensível” “Um anjo” ...entrei numa profunda crise existencial e fui para Belo Horizonte fazer um

⁴ pontobiologia.com.br/po-das-asas-das-borboletas

tratamento psicoterápico. Durante a análise, a imagem de um amigo antigo da minha cidadezinha emergiu e trouxe a revelação...”. Marcos continuou contando que, na clínica, conheceu o paciente Hans, vítima de uma grave doença de pulmão em estado avançado e entregou-se a uma experiência amorosa com o alemão. “Platônica”. Disse que viveu momentos inesquecíveis de convivência no apartamento do estrangeiro. “Cheguei e me encantei logo com o Chagall”, uma lembrança do relacionamento anterior de Hans. Na fala de Marcos, transparece a admiração, o respeito e o carinho pelo namorado. “Um homem generoso”. “Jantares”. “Presentes”. “E de extremo bom-gosto”. “Precisava ver o blazer fino que me deu.” Antes de saltar do ônibus, o meu companheiro fugaz concluiu dizendo que hoje namora um garçom e enfrenta nova crise.

O que leva um sujeito a contar a vida abertamente para um estranho? De onde viria o impulso da comunicação? Os sujeitos rompem o isolamento, talvez, movidos por necessidade ontológica de contato?

Gosto de observar as pessoas, no ir e vir, imaginar que vidas são aquelas, o que as faz rir ou chorar, o que desejam, estão em busca de quê. É fascinante! Poder fazer isso em todo e qualquer lugar, no meio de tantas pessoas, protegida, pelo anonimato! Uma mulher na multidão. Ah, ser ficcionista não tem preço.

— *Está aguardando mesa?*

— *Sim.*

— *Somos nós duas só, se a senhora quiser, pode sentar com a gente.*

A solidariedade costuma ser mais assídua em momentos de tragédia pública, mas pode se apresentar também numa situação particular extrema.

“Os pedestres chamaram o resgate do Corpo de Bombeiros para me socorrer, os bombeiros vieram, com o caminhão, me imobilizaram, fecharam a via e depois veio o SAMU e me trouxe para cá. Foi um pessoal bacana, nunca esperamos que nessa hora as pessoas mostrem que podemos ter fé na humanidade”.

Mesmo os instantes da comunicação breve podem abrir fresta para a solidariedade acontecer, mas por vezes pode não ser bem recebida.

A bicicleta vem desabalada pela ciclovia, bate no meio-fio e joga a mocinha estatelada no meio da pista. A pedestre mais próxima se apressa em socorrer. Por um momento, a ciclista atarantada parece disposta a aceitar. Mas vê um ou dois rapazes se achegando e dispensa a ajuda reagindo com firmeza.

— Peraí, eu tô bem.

A pedestre ainda tenta ajudá-la a se levantar

—Tá bem mesmo?

A jovem ciclista empurra o braço solidário estendido.

— Calma, pÔ! Daqui a pouco a Geral toda vem pra cá.

O olhar da mocinha revela o pavor de se tornar objeto da atenção de eventual plateia e afugenta a solidariedade.

Sempre gostei das histórias pequenas. Das histórias de gente comum. Das histórias aparentemente sem importância. Do “Monumento Recusado” que permite enxergar mais longe.

No ônibus...

Trocador: Tem gente que parece ter nojo da gente, joga o dinheiro em vez de dar na nossa mão.

Jovem passageira: Tem trocador que já fez isso comigo.

Trocador: Hoje mesmo duas pessoas já fizeram isso. Marquei a cara delas. Da próxima vez...Todo mundo é igual, pÔ! Além de ser trocador eu pinto, faço estuque, graças a Deus. Outro dia fui fazer um serviço na casa da mulher de um passageiro. Na hora do almoço ela me deu um prato com um pouco de arroz, feijão, salada e um ovo. Eu falei pra ela que ia sair pra comprar comida e ela respondeu que todos lá faziam dieta. Ora! Essa gente tem dinheiro e não come direito. Lá em casa é casa de pobre e a gente come bem. Carne todo dia. A casa dela é dessas pra lá e pra cá, mas, comer mesmo...

Um ser pode fazer chegar ao outro o que percebeu? Fazer sentir o mesmo que sentiu? No artigo “A Linguagem da Ficção” e em certos textos sobre Mallarmé, Blanchot firma o entendimento de que a linguagem se manifesta pela palavra usual e pela palavra literária. A primeira, instrumento de nomeação, subordinada a fins práticos da ação da comunicação, com os signos transparentes em função de “representar” do mundo. A segunda funda o próprio mundo e “apresenta” numa experiência real o que Blanchot chama de “o outro de todos os mundos”. Entendida como nova forma de pensamento que questiona “verdades” de cada época histórica, a experiência do “Fora” é o que leva o pensamento a pensar. Seja através da literatura, do cinema, das artes plásticas, da filosofia ou da política, realçar o impensável do pensamento, o invisível da visão, o indizível da palavra e criar estratégias alternativas para o mundo em que vivemos. Contudo é o grande ficcionista Marcel Proust quem clarifica as questões ao observar que todos os sentimentos que nos fazem experimentar a alegria ou a desgraça de um personagem real só ocorrem em nós por intermédio da construção de uma imagem dessa alegria ou dessa desgraça.

Um ser real, por mais profundamente que simpatizemos com ele, em grande parte só o percebemos através dos sentidos, isto é, permanece opaco para nós, oferece um peso morto que a nossa sensibilidade não consegue erguer. Se uma desgraça o atinge, esta só poderá nos comover numa pequena parte da noção global que temos dele, e ainda mais, só numa pequena parte da noção global que tem de si mesmo é que a sua própria desgraça poderá comovê-lo. O achado do romancista foi ter tido a ideia de substituir essas partes impenetráveis à alma por uma quantidade idêntica de partes materiais, isto é, que a nossa alma pode assimilar. (Proust, 2003, p. 86)

Na percepção aguda de Proust, a engenhosidade do primeiro romancista foi compreender que sendo a imagem o único elemento essencial no aparelho das nossas emoções a simplificação decisiva seria pura e simplesmente suprimir as personagens reais.

As ações e as emoções dos personagens parecem verdadeiras ao leitor porque é ele que as faz. É dentro dele que elas se produzem, mantendo a rapidez da sua respiração e a intensidade do seu olhar, enquanto ele vira febrilmente as páginas do livro.

E uma vez que o romancista nos pôs nesse estado, no qual, como todos os estados exclusivamente interiores, toda a emoção é duplicada, e onde o seu livro pode perturbar-nos, à maneira de um sonho, mas de um sonho mais claro que os que temos ao dormir e cuja lembrança vai durar mais então, eis que ele deflagra em nós, durante uma hora, todas as fortunas e todas as desgraças possíveis, algumas das quais iríamos levar a vida inteira para conhecer, ao passo que outras, as mais intensas, jamais seriam reveladas porque a lentidão com que se produzem impede que as percebamos. (Proust, 2003, p. 86)

Proust facilita compreender que a maior aproximação com a experiência do outro ocorre através da arte. O texto literário pela ação repentina de uma única palavra pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão porque ela fornece esses “detalhes” que constituem o próprio material do saber etnológico. Dá o objeto de uma maneira vaga, discutível e incita a desconfiar do que se julga ver. Tudo poderia ter outro significado e ser certo do mesmo modo.

O autor traz a convicção de que só mesmo a linguagem artística pode dar conta da substância fugidia que se eleva na fumaça da fricção e do choque da diferença no espaço-tempo da vivência de modo a fazer o leitor pensar.

A linguagem ficcional é um instrumento de efetividade posicionada ao lado da cogitação teórica na lida conjunta com resíduos do real apreendidos pela percepção? Uma de suas funções é fazer prosperar a parceria nos moldes que esta tese aspira? As perguntas remetem diretamente a escritores como Mallarmé, Kafka e Proust que, na virada do século XIX para o XX, romperam com o realismo literário que queria dar conta dos mínimos detalhes da realidade e enfatizaram, ao invés, o ato da criação e a realidade própria da narrativa. Remetem também a Blanchot que criou o conceito de Fora para pensar a prática de autoquestionamento do fazer literário, apontando para o poder da literatura de fundar a sua realidade e para o uso peculiar, inaugurador de mundos, da palavra literária. O material efêmero que emana significação relevante do tempo retido e transcrito à vera não teria o mesmo impacto sobre o receptor se não fosse trabalhado pela linguagem do Fora e inserido no espaço ficcional. Ainda ganha intensidade graças à economia das formas breves: contos mínimos, cenas diálogos ligeiros.

A construção ficcional registra ou transforma subprodutos de ocasião, capturados na ebulição do nosso mundo globalizado, em imagens capazes de levar

a alcançar dúvida e/ou clarear eventuais frustrações sobre determinadas angústias e a elaboração do pensamento registra uma leitura autocrítica do trabalho que engendrado nas formas da narrativa breve pode levar o receptor a perceber os ajustes e desajustes da sociedade.

Escrita é fraternidade. O escritor escreve para o leitor. Baudelaire: “— Hipócrita leitor meu igual, meu irmão”. Para operar a memória em ficção artística, é necessário possibilitar o contato da produção com o receptor. A leitura é o escopo do processo criativo e o leitor é estimulado a exercer atividade fim. O processo criativo só é aperfeiçoado no binômio escritor-leitor. A ficcionalidade da literatura deixa a relação da obra com o mundo aberta à interpretação. É o ato da leitura que confere vida à obra, que de outro modo seria estéril, letra morta. Na obra literária, as imagens do imaginário, originalmente, fragmentadas, nebulosas, difusas, solidificam-se de forma objetiva com a fabulação, propiciando que o ato da escrita seja integralizado pelo ato da leitura, momento de entrecruzamento do estado do sonho e o da vigília, em que o leitor movimenta-se alternadamente do real para o imaginário, com cenas do mundo “real” e imagens do texto sendo simultaneamente evocadas, apagadas, fantasmagorizadas.

No tocante à semelhança, cabe pensar em Deleuze: “Pintamos, esculpimos, compomos, sensações. As sensações, como perceptos, não são percepções que remeteriam a um objeto (referência): se se assemelham a algo é uma semelhança produzida por seus próprios meios e o sorriso na tela é feito de cores, de traços, de sombra e de luz”. O plano do material invade o plano do composto das sensações e passa fazer parte dele, se tornando indiscernível. (Deleuze & Guattari, 1992, p.196). O texto parte da memória pessoal para a escrita criativa e faz desaparecer a dicotomia verdade-ficção. No jogo do fingimento ficcional, o real é percebido e transformado pela criação subjetiva do imaginário num ponto de ruptura instituída pela obra de arte, onde a referência se aninha.

Só pude mesmo dar atenção ao desejo de praticar a escrita ficcional, tardiamente. De repente, a pulsão de reinventar a vivência se avantajou e começou a pressionar com a ideia de escrever um livro. Para dar corpo ao desejo precisava antes tentar compreender o que queria fazer. Por que escrever um livro? Por que escrevi um? Parece que o livro esteve sempre guardado dentro de mim, chegou um momento em que a história se impôs, quis sair e me obrigou a procurar as

condições para revelá-la. Sempre me pergunto se não foi só o livro que me carregou de volta para os bancos da Faculdade à altura tardia da vida. Podia me contentar em aprender a fazer tricô, não podia? A jogar paciência, talvez.

Vendo escritores tratando do assunto, começo a compreender a origem dessa pulsão. Flávio Loureiro Chaves observa, em *Releitura de Clarissa*, que o “romance sempre conta uma história de ficção que o seu autor criou a partir das angústias, insatisfações ou alegrias que a realidade lhe ofereceu. As personagens inventadas serão projeções da sua experiência no mundo real transposto para a ficção” Vargas Llosa enfatiza que a raiz de todas as histórias está na experiência de quem as inventa, o que se viveu é a fonte que irriga a ficção. “Não que um romance seja sempre uma biografia dissimulada do autor, mas sim que em toda ficção, mesmo na mais livremente concebida, é possível rastrear um ponto de partida, uma semente íntima visceralmente ligada à soma de vivências de quem a forjou.” (Vargas Llosa, 2007, p. 19).

Eu tinha uma história para contar.

Em visita à casa de minha irmã, quis jogar *baliza* com a filha dela, fui surpreendida com fato de minha sobrinha, nascida e criada na nossa pequena cidade, desconhecer a brincadeira que todos da minha geração sabiam. Percebi então que o costume que os pais tinham de passar as experiências para os filhos tinha acabado e que as crianças do interior também aprendiam o mundo através da telinha da televisão.

Distanciada temporal e geograficamente lançava o olhar ao lugar do passado, muitas vezes, sem saber se fazia isso por mim mesma ou por imposição de algumas figuras que vieram me acompanhando pela vida afora, morando na minha lembrança e permanecendo sempre do mesmo jeito que eram. Essas figuras, como ícones que são revelados por um fato qualquer do cotidiano atual, têm o poder de dar vida às lembranças. Não raro, eu me sinto mera escriba do que essas imagens me ditam. Às vezes estou escrevendo sobre uma dessas personagens, outra comparece como se perguntasse: "E de mim, não vai falar nada?"

Será que eu sou a síntese dos meus personagens interagindo com todos em contextos compartimentados? Será que a força que me leva a querer contar suas

histórias é somente para me livrar delas? Será que estou me arvorando de Quixote, movida pela ideia de evitar o apagamento de imagens e vozes de quem não vai mais voltar? Sei que de fato existiram, posso testemunhar, num momento que parecia tão sólido e veio a se esfarelar.

Desde cedo podia intuir que a potência política do fazer literário não é banal. Como apreender a Vida em convulsão? O que é literatura? O que não é? O que é isso de literatura? Tinha de investigar. A ideia de escrever o romance me empurrou de volta à faculdade. No afã de fazer alguma coisa que dure, intuitivamente, quis primeiro buscar o aprimoramento da linguagem e perseguir o conhecimento técnico. Leitora contumaz, não podia me contentar em praticar uma escrita ingênua. Movida pela responsabilidade e pelo desejo de escrever uma boa história, fui atraída, primeiro, para o "Curso de Criação Literária," do C.C.E. da PUC-Rio. Provei um doce que acabou e deixou na boca o gosto de quero mais. Trabalho pela frente. Curso de Letras em idade avançada. Na fila da D.A.R. para fazer a matrícula, vendo os colegas “cheirando a leite”, senti certo pânico. “Vão me aceitar?” Aceitaram. Abraçaram. Honraram-me com amizade duradoura. Desconfio que, com a perspicácia de artistas talentosos, puderam enxergar a menina por trás da velha. Reingressei na faculdade, justamente no ano em que foi introduzida a nova habilitação “Bacharelado em Produção Textual - BPT. Formação do Escritor”. Coincidência? Como saber? *Tudo é a ponta de um mistério.*

Logo na graduação, com Mario de Andrade, pela boca de Macunaíma, ganhei a certeza de que “Eu não vim ao mundo pra ser pedra”. Comecei a me expressar nos meus contos.

Viravolta do acaso

Não sei mais dizer se era inverno ou verão. A cidade é mesmo assim. Não se compromete com a demarcação das estações e até mesmo no auge do inverno oferece, muitas vezes, dias tão luminosos que ao longe é possível ver barquinhos a navegar no céu azul do mar. Também não posso assegurar se era manhã ou tarde quando a estrela da Bossa Nova deslizou fugaz por Ipanema. Sei que era dia. Disso, estou certa. A cena era linda! Nas pontinhas da esquerda e da direita,

levava com afeto seus dois prolongamentos. Uma identificação maternal me fez parar e admirar a imagem bela. Do mesmo jeito, penduradinhas, pelas mãos, eu costumava caminhar com as minhas crias, quando em três saíamos. Naquele tempo, vivia correndo de casa para a faculdade e desta para o trabalho. De lá, saía à tardinha e voava para o ninho. As distâncias não eram muito longas. Costumava cobri-las a pé. Estava num dos percursos naquele dia. Sabia pelo rádio, jornal e televisão que a estrela do canto livre tinha num cantinho o violão, fazia pazes com abraços e beijinhos e carinhos, pedia liberdade com opinião e mandava tudo pro inferno, quando preciso.

Pela primeira vez, podia vê-la a olho a nu. Outra oportunidade não teria. Em breve, foi levada a enCantar em outro lugar. Dela ficou a aura e o casal de filhinhos. Sofri, com o país, a perda precoce da voz de anjo. E a imagem dela permaneceu cristalizada, na minha lembrança, no centro da constelação, transfigurada numa estrela de luz sustentando suas duas criaturinhas, pelas pontas laterais.

Os anos passaram, meus rebentos cresceram. De repente eu aposentada, fui arrastada, pela pulsão de escrever. Encarava o Curso de Letras.

Lembro que fiquei encostada na parede do corredor esperando a hora de entrar na sala para assistir a primeira aula de Teoria da Literatura I. Observava a movimentação dos jovens colegas, quando a moça delicada me dirigiu a palavra. Trocamos algumas frases e logo tivemos que seguir o jovem professor que veio esbaforido pelo corredor, entrou porta adentro, decidido, atirou a pasta robusta sobre a mesa e causou grande impacto. Em meio ao silêncio total ele disse que iria substituir a titular da cadeira, no semestre, que precisara viajar para a Alemanha. Distribuiu o programa da disciplina com assustosa bibliografia, pela vastidão e peso dos nomes dos autores. Reações estranhas começaram a pipocar no fundo da sala. Perguntas impertinentes. Provocações. Alunos aboletados nas últimas carteiras pareciam querer embaraçar o professor. Propositalmente!? Quando o professor começou a expor o sistema de avaliação que pretendia adotar reconheci a voz da colega que pouco antes comigo lá fora conversara dizendo que não estava certa de poder acompanhar as aulas dele porque já tinha algum tempo que ela estava afastada dos estudos.

Escutar isso me fez vacilar. Se ela tão jovem não pudesse, poderia eu com a idade, talvez, da mãe dela? Felizmente o episódio acabou em boas risadas. Era tudo encenação. Mentirinha. Mariano Marovatto encarnando o "professor Sergio Nelson", Domingos Guimaraes liderando os "alunos impertinentes", todos do PET. Trote aos calouros. Que atuação!

Na rotina diária, podia ver reafirmada a aptidão da minha colega para se posicionar com intervenções pertinentes. Dela, com o tempo, soube mais. Não era outra senão a menininha, de mão dada com a estrela-mãe, entre ela e o irmão, que era parte do trio harmonioso caminhando por uma rua de Ipanema, naquele dia ensolarado de outrora.

Cresceu, teve seu filhinho e ganhou brilho próprio. Mas continua iluminada pela estrela Nara refletindo no rosto traços inconfundíveis de semelhança.

Nas oficinas do Curso de Criação Literária, o contato com os diferentes tipos de texto — poético, narrativo, dramático, ensaístico —, permite enxergar certa igualdade de fundo entre as formas. Não que sejam como gêmeos univitelinos desenvolvidos a partir de um mesmo óvulo fertilizado por um só espermatozoide que posteriormente se divide combinando-recombinando igualmente os genes, sendo sempre do mesmo sexo, tendo o mesmo tipo de sangue, podendo ou não ser gestados na mesma placenta no mesmo saco amniótico. Nem mesmo que sejam como os gêmeos bivitelinos que provêm de dois óvulos e dois espermatozoides são sempre gestados em duas placentas e dois sacos amnióticos podendo ter tipos diversos de sangue, ser do mesmo sexo ou de sexos diferentes. Talvez as dessemelhanças possam ser comparadas com as de qualquer outro par de irmãos desenvolvidos em diferentes períodos. Distintos, sim. Mas quando até mesmo os jargões científicos encontram abrigo no gênero literatura — literatura médica; literatura jurídica, etc. —, seria inviável pensar que a desigualdade entre os textos poderiam ser vistas meramente como as que existem entre os dedos da mesma mão?

Nesses nossos tempos de mundialização e saturamento parece que o ponto nevrálgico está na aporia, na suspensão e no engasgamento das formas apontando para a necessidade do vazamento e da contaminação. A ficção já enfrentou isso. Em Beckett, a contenção radical. O nada em Beckett produz experiência temporal e rítmica de altíssima potência produtiva. É a vez da filosofia? Não surpreende.

Todo e qualquer ato performático-cultural têm um lastro espaço-temporal inexorável. Não seria a hora apropriada para o nariz esnobe começar a se acostumar com os cheiros que exalam dos poros, das fendas, das frinchas? Na tentativa de encarar os desafios dos conteúdos múltiplos do contemporâneo dominado pelo midiático, o que é mais produtivo? Quedar-se na nostalgia e no medo de perder o que nunca teve ou se deixar vaziar e se contaminar no espaço do ‘entre-formas’, a exemplo do que a arte tem feito? Um pensamento da contaminação produzido fora dos seus limites, num lugar que já não teria nada de verdadeiramente verdadeiro ou de dogmático. O pensamento reconduzido a uma forma que resulte de uma mistura residual, no ‘entre-formas’, talvez se erga como uma verdade fraca e nada totalizante. É a verdade da inconsistência, da precariedade, da impossibilidade da apreensão explicativa mesma.

Na prática da escrita não é difícil ver que o trabalho do pensamento é sempre contaminado. Ao sermos apossados por uma ideia e traçarmos um planejamento de tempo para o seu desenvolvimento —, diga-se de passagem: sempre ultrapassado —, é curioso perceber o pensamento fazendo uso da linguagem, a linguagem buscando caminhos próprios e carregando a reflexão para uma coisa outra.

2

A relação escritor-leitor

Escrever...

Escrever é entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça. É correr o risco da ausência de tempo, onde reina o eterno recomeço. É passar do Eu ao Ele, de modo que o que me acontece não acontece a ninguém. É anônimo pelo fato de que isso me diz respeito, repete-se numa disseminação infinita. Escrever é dispor da linguagem sob o fascínio e, por ela, em ela, permanecer em contato com o meio absoluto, onde a coisa se torna imagem., onde a imagem de alusão a uma figura se converte em alusão ao que é sem figura e, de forma desenhada sobre a ausência torna-se a presença informe dessa ausência, a abertura opaca e vazia sobre o que é quando não há mais ninguém, quando ainda não há ninguém. (Blanchot, 1987, p. 24)

Escrever = Ler.

Sobre a leitura:

Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido. Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezássemos como um obstáculo vulgar a um prazer divino: o convite de um amigo para um jogo exatamente na passagem mais interessante, a abelha ou o raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou a mudar de lugar, a merenda que nos obrigavam a levar e que deixávamos de lado intocada sobre o banco, enquanto sobre nossa cabeça o sol empalidecia no céu azul; o jantar que nos fazia voltar para casa e em cujo fim não deixávamos de pensar para, logo em seguida, poder terminar o capítulo interrompido, tudo isso que a leitura nos fazia perceber apenas como inconveniências, ela as gravava, contudo, em nós, com uma lembrança tão doce (muito mais preciosa, vendo agora à distância, do que o que líamos então com tanto amor) que se nos acontece ainda hoje folhearmos esses livros de outrora, já não é senão como simples calendários que guardamos dos dias perdidos, com a esperança de ver refletidas sobre as páginas as habitações e os lagos que não existem mais. (Proust, 1991, p. 9-10)

Sobre a escrita.

Sim, eu lembro e como lembro bem que tecia composições refugiada no quintal, debaixo de uma árvore, sentada, protegida do sol, onde, não teria como companheiros de escrita mais que as folhas bulidas pelo vento, os passarinhos e as formigas que falam umas com as outras e cujos suaves propósitos vazios de sentido não substituem – como as palavras dos homens – os sentidos das palavras

que escreve. O almoço, servido por vovó, com as ervilhas colhidas do mural que eu, naquele tempo, preferia pendurar pelas finas hastes nas orelhas, vinha por fim à minha escrita. “Guarda o caderno e vem almoçar”. De tempos em tempos, erguia os olhos e via o céu límpido e a luz, a grande do meu Centro-Oeste, dançar ao ritmo do tremular das folhas, refletindo sombra-luz no chão de terra vermelha. Como eu poderia saber, então, que aquelas composições ultrapassavam as páginas do caderno escolar de outrora? Eram composições capazes de treinar o olhar para o mundo circundante, aguçar a imaginação e preparar-me para a escritura que já se insinuava.

Ler = Escrever, duas faces de uma mesma moeda.

Há uma espécie de comunhão entre o escritor e o leitor que, nas palavras de Edgar Telles Ribeiro, é um encontro mágico que varia de pessoa para pessoa, como varia o cristal com a incidência da luz. A relação entre leitor e escritor é de fato mais próxima e íntima do que aquela que ocorre em outros campos da arte. Não é contemplativa, como quando se olha um quadro ou enlevada como quando se escuta uma música. Encetar a leitura só é possível depois que o sujeito aprende a ler e a escrever. É a intimidade com as ferramentas do escritor que faz o leitor desempenhar função produtiva e essencial na obra.

Há um vínculo de sobrevivência decisivo entre leitor e obra. Um livro só alcança existência plena quando algum leitor abre as suas páginas e lê. A leitura é o escopo do processo criativo e o leitor é estimulado a exercer a atividade fim. É o ato da leitura que confere vida à obra, que de outro modo seria estéril, letra morta. A cultura e o conhecimento fazem variar a forma de ver de leitor para leitor a ponto de Borges afirmar que cada um constrói um novo livro através da experiência da leitura. E isso é um fator de multiplicação de riqueza pela obra. Na tensão entre o imaginário e o real a liberação da energia transformadora que aciona a criatividade. O imaginário evita repetir o modelo prévio de realidade ou subjetividade e o receptor assimila modos possíveis de ser, autorreferências novas numa “aprendizagem ativa” que une a expansão prazerosa dos afetos à determinação cognitiva.

A relação escritor-leitor sobrevive entranhada no pensamento, no corpo e na carne de ambos e o talento do escritor-leitor Proust leva a experimentar no corpo o que o próprio corpo dele sentia lendo-escrevendo o seu autor preferido.

Nos primeiros dias, como ocorre com uma ária de música que nos arrebatará, mas que ainda não percebemos, não descobri o que devia amar tanto no seu estilo. Não conseguia deixar o romance dele, que estava lendo, mas julgava me interessado exclusivamente no assunto, como nos primeiros momentos do amor em que a gente vai todos os dias encontrar uma mulher em alguma reunião, em algum espetáculo, e achamos que o que nos atrai ali é a diversão. (Proust, 2003, p.94)

Tenho experimentado por mim mesma o querer-escrever “atitude, pulsão, desejo” que Barthes diz ser “mal estudado, mal definido”, mal situado, que só a “língua do escrever” pode escrever, dar nova redação, mostrando no auge do prazer da leitura, o impulso irresistível para a escrita.

Proust permite perceber o querer-escrever do escritor é o querer-ler-reescrever do leitor, intimamente ligados.

Uma dessas passagens de Bergotte, a terceira ou a quarta que isolei, deu-me uma alegria inexprimível, que não saberia comparar com a primeira, uma alegria que experimentei numa região mais profunda de mim mesmo, mais unida, mais vasta, de onde os obstáculos e as separações pareciam ter sido removidos. É que, reconhecendo então o mesmo gosto pelas expressões raras, essa mesma efusão musical, essa mesma filosofia idealista que já tinham sido em outras ocasiões, sem que de tal eu me desse conta, a causa do meu prazer, não tive mais a impressão de estar na presença de um trecho especial de um determinado livro de Bergotte, traçando na superfície do meu pensamento uma figura puramente literária, e sim do trecho ideal de Bergotte, comum a todos os seus livros e ao qual todas as passagens análogas, que com ele vinham se misturar, teriam dado uma espécie de espessura, de volume, com o qual o meu espírito viesse engrandecer-se. (Proust, 2003, p 95)

No momento dedicado à leitura, ocorre o entrecruzamento do estado do sonho e o da vigília na quietude de um ponto. A interpenetração do imaginário no real reflete no tempo, no espaço e na consciência. O tempo parece suspenso e a vida detida com o sujeito imóvel participando febrilmente dos acontecimentos descritos.

A leitura sempre foi, para mim, um gesto solitário. Conviver com os livros é uma forma deliberada de encontrar prazer no mundo imaginário trazido pela linguagem escrita. Os rituais de leitura complementam a criação desse ambiente fascinante,

particular e subjetivo do leitor. Os livros e a noite guardam o mistério da ficção, do ato solitário de se deslocar em direção à experiência do outro, ao espaço que ultrapassa o nosso prosaico cotidiano. (Souza, 2011, p. 257)

O interesse mágico e profundo na hora de ler cava um espaço entre o imaginário e o real, deixando o leitor isolado numa bolha. O mesmo interesse também atua no momento de escrever, deixando o escritor ilhado na mesma espécie de borbulha.

No Caminho de Swann, o personagem de Proust fala igualmente do fenômeno da suspensão do tempo provocado pela absorção na leitura.

E, a cada hora, parecia-me que fora há poucos instantes apenas que a hora precedente havia soado; a mais recente vinha se inscrever bem pertinho da outra e eu não podia acreditar que sessenta minutos coubessem nesse pequeno arco azul compreendido entre suas duas marcas de ouro. (Proust, 2003, p. 88)

Cada leitor lê com os olhos, apropriando-se do conteúdo do livro com a tela pessoal e intransferível da sua imaginação, recriando, de sua maneira, ambientes, personagens, aproximando-os de suas referências.

No Caminho de Swann, o personagem de Proust exprime esse desejo de apropriação que é despertado pela leitura:

Nesse tipo de tela colorida de estados diversos que, enquanto eu lia, minha consciência ia desenrolando simultaneamente, e que iam desde as aspirações mais profundamente escondidas dentro de mim até a visão inteiramente exterior que eu tinha do horizonte diante dos olhos, na extremidade do jardim, o qual havia de principal em mim, de mais íntimo, o leme que governava o resto num movimento incessante, era a minha crença na riqueza filosófica, na beleza do livro que estava lendo, e meu desejo de me apropriar delas, fosse qual fosse esse livro. (Proust, 2003, p. 85)

Se o narrador é aquele que transmite o vivido, o leitor é aquele que está em busca da experiência perdida. Como leitora eu já me vi pinguim rolando ovo nos pés, fui águia velha quebrando bico e garras atrás de renovação; cão voltado para a lua solitária uivando a própria solidão; árvore escaldada pela fuligem ansiando pela chuva redentora; corri, dancei, cantei e participei de festas que nunca fui; arrastei-me em buracos escuros que nunca entrei; chorei e gritei, calada; viajei a

lugares onde nunca pisei e até outros planetas já visitei. Tudo isso na confusão do eu-eu e do eu-personagem, pelo sentir visceral.

“Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos e os tímpanos perfurados” (Deleuze, 2011, p. 14). Parafraseio a afirmação deleuziana no campo estendido da leitura — Do que leu e aprendeu o leitor volta alterado — e ilustro com o vigoroso exemplo de Marcelo Jacques de Moraes, na “Apresentação da edição bilíngue de Flores do Mal” — por si mesma, um belo poema em prosa —, falando do seu encontro fecundo com a obra de Charles Baudelaire.

Um dia deparei-me com os *Pequenos poemas em prosa* até que cheguei às *Flores do mal*, de Baudelaire [...] “Com elas eu começaria a interrogar-me sobre o que é a literatura, com elas eu me interessaria pela área de Letras, com elas eu faria mestrado e doutorado e me tornaria enfim, alguns anos mais tarde, professor de Literatura Francesa”.

[...]

Meu encontro com Baudelaire me ensinou, portanto, que a poesia — e a arte, de uma maneira geral — nem distrai do mundo nem o explica, mas incita a usar os sentidos para ver, ouvir, tocar não o que está por detrás ou para além do espetáculo do mundo, mas o que nele imediatamente salta aos olhos, aos ouvidos, à pele. E nesse movimento, reencontrar a ingenuidade que permite a cada um ver-se, ouvir-se, tocar-se. (Moraes, 2006, p. 13-14)

É mesmo impossível o leitor passar imune pelos pensamentos de certos autores. Eu não passei. Não passo. E nem quero passar. Tem sempre alguns escritores influenciando a minha maneira de escrever, de pensar e de viver. E com eles, eu sigo. Vivendo. Pensando. Escrevendo. Ensaando. De outro jeito.

Je suis: Nietzsche. *Je suis* Deleuze. *Je suis* Barthes. *Je suis* Blanchot. *Je suis* Tchecov. *Je suis* K. Mansfield. *Je suis* E. Veríssimo. *Je suis* Rosa;

Je suis...; *Je suis...*; *Je suis...*

"Não existe nada simultaneamente mais real e mais ilusório do que o ato de ler" (Piglia, 2006, p. 29). Em "Missa do Galo", o narrador-leitor monta no cavalo de D'Artagnan e vai aventurar:

Tinha um romance, *Os Três Mosqueteiros*, velha tradução do *Jornal do Comércio*. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz do candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei-me ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava ébrio de Dumas. Os minutos voaram, ao contrário do que costuma fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição. (Assis, 2003, p.80)

Quando leio um bom livro, estou sempre atenta ao processo de criação, procurando aprender. A memória do ritmo da narração perdura de forma particularmente viva quando lemos um romance com a narração voltada para o leitor na intenção de seduzi-lo, de estabelecer laços entre o leitor e o narrador. Machado de Assis é mestre na estratégia de partilhar a dúvida do personagem com o leitor e envolvê-lo na leitura, recurso que não é menos sutil do que a tão falada fina ironia que permeia a escrita machadiana, tida como marca da sua estética. É um tipo de aproximação maneirista que desperta a simpatia e a boa vontade do leitor para atirá-lo a embarcar na leitura. A confissão intimista se presta a transferir e implantar sub-repticiamente o germe da incerteza na cabeça do leitor, insinuando que ele pode talvez compreender o que o personagem não pudera. Trespessado pela dúvida, mordido pela curiosidade e movido pela expectativa de desvendar o enigma, o leitor sai farejando sentido como um bom parceiro no jogo de adivinha. Machado trabalha a relação com o leitor de maneira primorosa: *meu caro leitor para cá, meu caro leitor para lá*, encanta, captura e conduz o leitor a figurar no binômio criador-leitor, aperfeiçoando o processo criativo.

No conto "Missa do Galo", um exemplo da sutileza e do cuidado de Machado na abordagem de seu leitor comparece já no parágrafo de abertura:

Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite. (Assis, s/d, p. 79)

Ao abrir o conto confessando a sua impossibilidade, o narrador se apresenta amigável, quase humilde, para estabelecer o primeiro contato com o leitor e a

confissão pode ser interpretada, subliminarmente, como um pedido de ajuda. Sabendo que a fronteira entre o escritor e o leitor é tênue, Machado vale-se disso para insinuar e persuadir. Acena, provoca e seduz com a isca da incerteza do personagem, para angariar a parceria do confidente.

A palavra leitor pode ser entendida como gênero e desdobrada em espécies como se fosse um leque. Numa ponta estaria o leitor que chamaria de "puro", aquele que não consegue deixar de ler, o que está sempre desperto e para o qual "a leitura não é apenas uma prática, mas uma forma de vida" Na outra estaria o leitor apressado, rodeado de palavras impressas, perdido num mundo de signos, difícil de ter a atenção atraída (Piglia, 2006, p. 20-1-7). Escolho acreditar que me situo na primeira ponta desse leque porque sou leitora compulsiva desde pequena e depois de dois livros publicados me assumo como escritora que desde sempre queria ser, agora sei.

Tenho lido/ouvido várias opiniões sobre o que seja o ato da escrita: esforço/ desafio/ determinação/ sensibilidade/ persistência/ paciência/ solidão/ disciplina. Com os últimos dez anos dedicados a escrever sinto-me apta a dizer alguma coisa a respeito. Para começar, prática literária é esforço intelectual para lidar com a profusão de imagens e com a torrente de palavras em ebulição na cabeça com singularidade/ reflexão/ entrega/ dedicação. Singularidade entendida no jeito próprio de organizar o texto: escolher um começo, distribuir parágrafos, optar por uma palavra ou escolher um verbo. Reflexão no sentido de deixar o pensamento ser levado pela obra, entrar num estado em que o tempo não existe e o espaço se torna a bolha que isola o corpo abstraído, horas a fio, sem perceber a fome, a sede ou incômodo do pescoço duro. Entrega significando ter plena disponibilidade para a escrita incondicionalmente como faz o pintor, o escultor, ou o compositor que sabe o quanto lhe custa o desempenho do seu trabalho.

Dito isso para começar, repito.

Porque, no limite, o ato da escrita, para mim, parte do que Deleuze entende por ideia: "é uma espécie de festa". Festa no corpo, eu diria. Porque ter uma ideia em relação à escrita parece produzir hormônios juvenis e deixar o corpo em polvorosa. É frenesi. É desejo. Sim, um texto bem escrito leva ao êxtase. Ao gozo. No domínio da escrita, impera mais que a satisfação: impera a embriaguez e

o arrebatamento. Escrever, nesse sentido, é um ato de amor acima de tudo. Barthes tem razão ao dizer que haveria *fantasias de escritura*, cuja força desejante está em pé de igualdade com as fantasias ditas sexuais, mas na luta com o real, tais fantasias atingem o Sutil, o Inédito e se perdem como fantasias. “A Fantasia como uma energia, um motor que põe em marcha, mas aquilo que ela produz *em seguida, realmente* não depende mais do Código”. É falando sobre o primeiro prazer de leitura que o autor afirma: “sabemos, com respeito ao prazer erótico, a força do Primeiro Prazer que atravessa toda uma vida” (Barthes, 2005, p. 20).

Para mim, escrita é mesmo paixão/ desejo/ tesão. Talvez não tenha sido à toa que o processo da concepção de uma obra frequentemente se compare ao da concepção de um filho. Em ambos, tudo começa com um espermatozoide fertilizador originando uma criatura que cresce dentro do corpo, chega a termo e sai fora. Ao ganhar sua independência - obra literária ou filho - deixa uma sensação mista de satisfação e esvaziamento causando estranheza, que não é suprida. Mesmo a vinda de outros filhos ou a escritura de outros livros não apaga a sensação particular, única, inigualável, que cada um deixa no corpo. São mesmo processos semelhantes. As experiências de ter tido dois filhos e escrito o mesmo número de livros me permitem dizer isso. Quando cada um dos meus dois filhos nasceu, senti a falta dos seus movimentos dentro de mim e percebi a solidão do útero vazio se encolhendo aos poucos. Quando os personagens do livro se calaram, porque decerto já tinham dito tudo o que tinham para dizer, eu senti falta das suas vozes e amarguei o abandono de todos eles. Essa mesma sensação pode sobrevir ao fim da leitura de um bom livro. Aconteceu comigo. Fui tomada pela estranha solidão/vazio quando na adolescência terminei de ler *Clarissa* e enfrentei a mesma dor diante dos laços cortados, após o epílogo. Quando li a última folha do livro, vi que a história tinha acabado e a corrida desvairada dos olhos pelas páginas tinha cessado, queria tanto que o livro continuasse! Lembro que desejando saber mais sobre o destino da personagem e obter outras informações sobre a sua vida adulta, acabei no lucro. Saí atrás da dela e li todos os livros que consegui alcançar de Érico Veríssimo.

BookCrossing

Tudo certo para voltar para casa. Mala pronta. Bolsa arrumada. Ah, não pode esquecer o livro para trás. Nunca viaja sem um. Desta vez trouxera o que há muito tempo vinha querendo reler. Na hora de escolher, o clássico pareceu se oferecer do seu lugarzinho cativo na prateleira da estante. Tinha lido na adolescência. Achado maravilhoso. Linguagem deliciosa. Personagens divertidos. Ao reler, a boa impressão reforçada.

--

Detesta viajar de avião. “Alguém gosta?” Sente frio na barriga, quando decola. Só se distrai lendo. Logo que o aparelho alcança a velocidade de cruzeiro, tira o livro da bolsa e embarca mais uma vez na leitura do prefácio. “Um poema em prosa”. Érico Veríssimo tinha sido muito feliz ao escrevê-lo. Caminha outra vez com a protagonista pela praça. Pisa de novo as flores roxas de jacarandá. O anúncio do serviço de bordo vem tirá-la da concentração. Aceitar ou não aceitar o sanduiche amassado e o copo de suco industrializado? Eis a sua questão. Talvez aceite mais por estar nervosa do que com fome.

De repente, o avião começa a sacudir. Muito. Dois ou três mergulhos no vácuo, e o serviço interrompido. Turbulência. Severa. A aeronave demorou uma eternidade até sair da zona de instabilidade. Por fim, o voo parece parado. De repente, quase num pulo, ela se agonia. Não vê mais o seu livrinho! Caíra? Escorregara para debaixo da poltrona? A aeronave aterrissa. É hora de desembarcar. Aeroporto de conexão. Parada rápida. Apressa-se a procurar o livro debaixo dos assentos mais próximos. Só o marcador amassado e sujo, no chão. O livro sumiu. Pensa no vazio da estante. Uma bobagem trazer logo aquele que gostava tanto. Que arrependimento!

Sai do avião sem o seu tesouro. Desanimada. A intenção de comprar outro não consola. Não suprirá a perda. Diversas marcas: passagens sublinhadas; uma flor seca marcando certa página; desenhos minúsculos das imagens que vieram à tona nos momentos da leitura. Não, não poderia ser substituído. Jamais. Pensa

no livro indo embora. “Para onde?” Nas mãos de quem iria parar? Na cabeça de quem os personagens vão morar?

Coincidências acontecem? No táxi, a caminho de casa, folheia a revista e se depara com as frases: “se você ama seus livros, deixe-os ir- ‘The New York Times’”; “uma versão moderna da mensagem na garrafa- ‘San Francisco Chronicle’”. No brinde da companhia aérea lê sobre a prática de deixar um livro num local público para ser encontrado e lido por outro leitor, que por sua vez deverá fazer o mesmo. A reportagem mexe com ela. Não tinha conhecimento do BookCrossing. Uma surpresa saber que os membros do movimento deixam seus livros em cafés, transportes públicos, bancos de praças ou em outro lugar qualquer para outros leitores acharem. Ao invés de deixar as obras depois de lidas inertes, nas estantes, um sentimento de partilha leva esses leitores a libertá-las. Começa a sentir certo desconforto por lamentar tanto a perda do seu livrinho. “Liberte um livro”. Atitude corajosa.

“Contribua para o acesso universal à leitura com três passos”:

- 1. Leia
- 2. Liberte
- 3. Siga

Pensa no seu livro... Não, não é mais dela... Pertence a outra pessoa agora. Clarissa vai dar grande alegria a outro leitor. O clássico não irá se perder no vasto mundo. Só passear por lá. O destino dele, desde o início, não sendo mesmo o lugar na estante. Não tinha sido comprado num sebo? Tinha até dedicatória e tudo. Soubesse o próprio escritor que mais um exemplar do livro criado por ele saiu viajando pelo mundo, iria gostar. Muito. Ah, com certeza! Ela com tantos livros. Começavam a formar fileiras duplas nas prateleiras. Nada é para sempre. Por que nos apegar tanto aos objetos? Se todos nós libertássemos mais as nossas coisas... Não pode frear o consumismo. Mas pode pelo menos tentar evitar contribuir para o crescimento dele minimamente. Por que não experimentar se juntar aos que querem “transformar o mundo inteiro numa biblioteca”?

Coincidências acontecem? No taxi, impaciente. O smartphone sem internet. Observa a bolsa atrás do motorista cheia de livros. Resolve bisbilhotar. Entre eles, a edição de bolso do Crime e Castigo. Imagina! Ainda não tinha lido a história de Raskólnikov. Na contracapa a biografia do autor. Tinha lido outros livros de Dostoiévski. Gostara especialmente de Notas do subterrâneo. Chegou ao seu destino sem querer deixar o livro. O motorista percebe o interesse e diz que ela pode levar e passar adiante depois de ler. Começou a leitura do romance naquela mesma noite. Percebeu logo que seria um caminho árduo de atravessar. Que diferença do seu livrinho perdido! Não desiste de ler. Chocada, fascinada e instigada pela história cruel exigindo muitos dias para terminar. Quantas formas diferentes a escrita pode ter!

Agora que instalaram um “Ninho de livros” pertinho da casa dela participa alegremente do troca-troca. Bisbilhoteira contumaz. Está sempre abrindo a portinha da casinhola na expectativa de encontrar alguma preciosidade e uma ou outra vez dá sorte.

Da última vez, encontrei um exemplar da Paideia em perfeito estado! Dá para acreditar? O mais incrível ainda aconteceu quando, ali mesmo, de pé, no meio do calçadão da praia, abri, ao acaso, o volume robusto de Walter Jaeger e vi escrito numa das páginas da Introdução, a amostra do que meu achado trazia para mim:

A “teoria” da filosofia grega está intimamente ligada à sua arte e à sua poesia. Não contém só o elemento racional em que pensamos em primeiro lugar, mas também, como indica a etimologia da palavra, um elemento intuitivo que apreende o objeto como um todo na sua ‘ideia’, isto é, como forma vista. (Jaeger, 1974, p. 11)

Abracei o livro pesado, cruzando os braços no peito e voltei para casa em êxtase.

“A escritura, essa coisa lenta, sofre de reminiscência?” O escritor é um canal por onde flui a voz e o pensamento dos autores que nele aderem.

“De que é feito um texto? Fragmentos originais, montagens singulares, referências acidentais, reminiscência, empréstimos voluntários e imaginação. De que é feita uma pessoa? Migalhas de identificação, imagens incorporadas, traços de caráter, assimilados, formando uma ficção que se chama o Eu. (Schneider, 1990, p. 15)

O escritor é singular e plural ao mesmo tempo. Não à-toa, o autor chama a atenção para a insistência com que repetem *a letra p, a letra do pai* nas palavras “plágio, palimpsesto, pasticho” “Há repetições que são como assombrações: livros que cremos feitos por nós e que foram para nós. “O encontro do autor com ‘seu’ leitor — quem pertence a quem — tem muito dos encontros às cegas em que, cada um, crendo se interrogar sobre o outro, na verdade espera que este lhe diga sua própria identidade”. O escritor é apenas passagem para alguma coisa maior. (Schneider, 1990, p. 16, 20).

“Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (Deleuze, 2011, p.11).

Quando ainda não sabia mexer no computador... Não que agora saiba muito mais, depois do curso que fiz, para lidar melhor com o Word, em função da escrita... A escrita. Sempre ela. Parece que sou movida pelo desejo de escrever. Antes do curso, eu já tentava contar histórias, garatujando em pequenos cadernos, que ainda conservo. O início que aflorou no manuscrito, resistiu aos meus questionamentos de ser ou não ser a melhor alternativa para um começo, frustrou as minhas tentativas de alterá-lo e prevaleceu na publicação do romance. Ao folhear os caderninhos, vejo o começo da história registrado ali, sempre o mesmo, desde a gênese e penso em Homero na *Odisseia* pedindo: "Comece-a, deusa, no ponto que for do seu agrado."

Durante o mestrado, cursando a disciplina obrigatória do novo programa da Pós-graduação, “Seminário de Formulação de Projeto”, na bibliografia organizada pela Ana Kiffer, “O ato da criação” palestra feita por Gilles Deleuze aos estudantes de cinema em 1987, mostrando que as ideias devem ser tratadas como já potencialmente empenhadas num determinado domínio. Deleuze usa o próprio objeto do seu interesse para exemplificar: “a filosofia é uma disciplina tão inventiva e criativa como qualquer outra disciplina e ela consiste em criar e inventar conceitos. Os conceitos, é preciso fabricá-los, mas não apenas dizendo

um belo dia: ‘Ei, vou inventar um conceito!’ Assim como um pintor não diz; ‘Ei, vou inventar um quadro!’, ou um cineasta: ‘Ei vou fazer um filme!’. O texto, na sala discutido, afirmava: “É preciso que haja uma necessidade”. A Ana esclarecia: “Não é uma falta. É uma urgência! É pressão!”. E naquela aula profícua, foram respondidos os meus mais recalcitrantes porquês – por que a pulsão de escrever?

Serei sempre grata à Ana, e ao filósofo *in memoriam*! A leitura daquele texto trouxe a compreensão de que ter uma ideia não é da natureza da comunicação. Comunicação, num primeiro sentido, é transmissão de informação, e que informação é um conjunto de palavras de ordem, que nos dizem aquilo que julgam que devemos crer. As comunicações da polícia são chamadas comunicados, a justo título, no dizer de Deleuze. Ao propor ali que informação e palavras de ordem sejam entendidas como sistema de controle de uma sociedade, para perguntar: “o que teria a obra de arte a ver com isso?”, o filósofo convoca a refletir que, em países cujas condições são particularmente duras e cruéis, a contra informação só se efetiva quando se torna ato de resistência para afinal perguntar: “Qual a relação da obra de arte e a comunicação?” Do ponto de vista do seu interesse, “A obra de arte não é um instrumento de comunicação”. Arte é aquilo que resiste. Daí a relação estreita que estabelece entre a obra de arte e o ato de resistência. Entre os exemplos, fala da música de Bach como um ato de resistência, luta ativa contra a repartição do profano e do sagrado. “Tipo de resistência que culmina num grito”. Pude então perceber que a pertinácia em aprimorar o meio de expressão com o qual eu tinha certa habilidade vinha da necessidade de ganhar mais intimidade com a nossa “Flor do Lácio” pressionada pela ideia de escrever o livro. Tivesse facilidade para pintar, me imporia melhorar e pintar expressivo quadro; pudesse esculpir, aperfeiçoar e erigir bela estátua; pudesse compor, aprimorar e alcançar harmonia perfeita. Naquele dia, aprendi.

No mestrado, a confirmação do que já desconfiava: o “querer-escrever” não era apenas querer escrever. “Escrever não é contar as próprias lembranças, viagens, amores e lutos, sonhos e fantasmas” (Deleuze, 2011, p.12).

A literatura que eu gostaria de praticar, o registro de acontecimentos correspondentes a uma ação afirmativa. Uma literatura que de alguma maneira possa se posicionar como agente, nesse mundo, comprometida em alertar e talvez modificar. Que seja um dispositivo. Ainda que pequeno. O que é arte? “Arte é ato

de resistência a uma sociedade de controle”. Com a resposta deleuziana a conscientização de que o desejo de escrever é vontade de me posicionar na vida. Na leitura do ensaio de Foucault: “O que é um dispositivo?”, diante da ausência da definição da palavra, Giorgio Agamben sugere que “dispositivo” seja entendido como um termo técnico decisivo na estratégia de pensamento foucaultiano, transcreve Foucault e diz entender o termo dispositivo “como uma espécie de formação – por assim dizer - que num certo momento histórico teve como função responder a uma urgência. O dispositivo, portanto, tem uma função eminentemente estratégica”. A natureza estratégica do dispositivo, segundo Foucault, tem “como consequência certa manipulação de relações de força, de intervenção racional, seja para orientá-las em certa direção, seja para bloqueá-las ou para fixá-las e utilizá-las”. Essa consequência da natureza estratégica do dispositivo permite entrever o poder da arte literária na perspectiva de ruptura com o instituído e sopra novo ânimo fazendo perceber que o meu ‘querer-escrever’ vem do desejo de lutar pelas grandes causas do meu pequeno jeito.

No doutorado, li Barthes e me vi alvoroçada com a perspectiva de exercitar uma “nova prática de escrita”. O autor de *Preparação do Romance* acena com a possibilidade de uma “vida nova” e me faz experimentar o “querer-escrever” que ele diz ser “mal estudado, mal definido, mal situado”, que só a “língua do escrever” pode escrever.

O próprio Barthes depois de acreditar por muito tempo que havia um “Querer-Escriver” em si, perdeu a certeza e passou a entender que o querer-escrever talvez possa ser querer escrever algo. O meu querer-escrever é praticar uma literatura ética. O que significa ética para a literatura?

A maneira como a literatura se posiciona como agente nesse mundo. A dignidade de viver, de pensar, num presente cada vez mais difícil e nunca garantido, numa distância crítica cada vez mais cética, porém cada vez mais livre. A história da minha infância-juventude já a escrevi o melhor que pude. Esforcei para escrever o meu livro com o máximo de energia. Encenar uma escrita ético-estético-política que não separasse a arte da vida naquilo que a vida traz de possibilidades de produção de sentidos inéditos-criadores-desestabilizantes.

Terreno instável

Com a porta do armário aberta, a mulher escolhe o que vestir. El Niño não tem dado trégua. A previsão é de temperatura alta. Precisa de algo confortável para trabalhar o dia inteiro. Cor clara naturalmente. A roupa leve sempre empresta ar mais jovial.

Voltando para casa, de tarde, embarca no metrô e salta na estação final para pegar o ônibus integração até o bairro onde mora. Horário de verão. A luz faiscando na pintura dos carros. Pessoas no ir e vir. Não tem porque se apressar. Diminui o passo. “Que mulher linda!”. Escuta o elogio em alto e bom som. Não se abala. Decerto não é para ela. Não é linda. Curiosa para ver a fonte de inspiração da frase exclamativa, vira para o lado... Fluuuhsss... Seu olhar fica magnetizado pelo do rapaz parado na rua. O coração dá um tranco. Palpita. O rosto arde. O corpo é percorrido por uma onda de calor. Sente que avermelha. Ele olha intensamente para ela e ensaia passos na sua direção. Tem uma pedra no caminho. O companheiro segura o braço dele e argumenta em voz baixa. Ele não tira os olhos dela e tenta se desvencilhar. Ela na falta de palavras esperando que ele resista, vença a curta distância e se aproxime. Torce. O outro persiste agarrado ao braço dele sem disposição de soltar. Aponta para o lado contrário e vai desviando para lá. Ela congelada. Ele arrastado. O olhar encompridando para trás até desaparecer na esquina. Para onde? Quem sabe?

Sacolejada dentro do ônibus, passando pela extensão da praia, olhar perdido na paisagem aberta. À distância, o mar crepuscular ainda azul e brilhante, com lampejos de branco, fundindo com o horizonte. As silhuetas das Cagarras. Três navios ao longe, mil luzes acesas, joias faiscando. Ela olha o cartão postal e seu pensamento viaja. Uma atração real e recíproca raramente acontece. Aconteceu. Em alto grau. Foi chamada de linda. Não é linda. Mas ele achou! Dá meio sorriso. Não é propriamente linda e nem definitivamente feia, identifica-se com certa personagem: Rosemary Fell não era propriamente linda. Não, não se poderia chamá-la de linda. Bonita? Bem, se olhada por partes... Mas porque ser tão cruel a ponto de dividir alguém por partes. Talvez caiba nessa descrição feita por sua escritora favorita. Por que ficou lá estatelada? Devia ter feito alguma coisa. Da próxima vez não vai deixar passar. Haverá próxima vez? Não pode ser tão parada. Ninguém faz isso hoje em dia. Disposta a

ficar sozinha, o rapaz aparece, derruba essa convicção e mostra que é capaz de se apaixonar de novo. Quer viver uma grande paixão. Quer a plenitude da vida. Quer se livrar do desejo de se dar inteira. Quer dar o que tem agora. Quer liberar essa alegria toda que luta para escapar. Quer encontrar aquele homem outra vez!

Na tarde seguinte lá ela de novo saltando na estação final, andando devagar, buscando na multidão. Na outra. E na outra. Na mesma rotina. Podia ser o companheiro certo. Perdeu a chance de saber. Semanas importunada pela dúvida... E se... Será... E se tivesse feito um sinal de incentivo será? E se tivesse acenado será? E se tivesse sorrido será?

Uma tarde entra em casa cansada e olha a própria imagem refletida no espelho acima da cômoda. No rosto tristonho algumas linhas. A tentativa de sorrir resulta numa careta. Deixa os braços penderem ao longo do corpo. Emociona-se terrivelmente. Não é mais uma garota. É uma mulher. Não quer apenas deixar a sua casa pela manhã, trabalhar o dia inteiro e voltar. Não pode deixar a seiva da juventude secando como uma fruta que murcha. Vê muita solidão no mundo. Tem medo disso. Quer coisas. Será que as terá algum dia? Quer a própria família. Amigos por perto. Algumas pessoas nascem com mais sorte que outras. Esse não parece ser o seu caso. Quando era menor queriam convencê-la do contrário. Quase acreditou. Esperando, esperando, foi acumulando sonhos. Sonhos podem ser perigosos. Sonhos têm poder. Não pode ter a vida governada por uma torrente de sonhos. Mesmo sabendo que deixar de ser sonhar é muito doloroso. Precisa se esforçar para sair das neblinas dos sonhos. Desistir de plantar amores perfeitos. Colher flores comuns para outros rapazes. Contribuir para as coisas concretas acontecerem. Aproveitar as oportunidades de sair. Ser menos prática. Tolerar conversas que parecem não levar a nada. Depois de uma boa chuva, come alguma coisa, deita no sofá e liga a televisão. Troca de canal várias vezes e desliga com a cara feia. Vai para o computador. Interage com a rede de amigos. Visita sites de relacionamento.

Anos se passaram desde aquelas tardes em que ficava questionando... E se... Será... Não está mais sozinha. Comprou o próprio carro. Ainda usa o metrô ocasionalmente como vai fazer hoje. Um dia típico de verão e calor intenso. Abre a porta do armário e escolhe uma roupa leve. Tons pastéis sem titubear.

Na volta para casa o mesmo trajeto e a velha rotina: salta naquela estação final, anda devagar, observa a multidão e apura os ouvidos. Quando passa pelo ponto em que vira naquele dia o rapaz parado olha automaticamente para o lado. Lá está ele... Como é bonito! Pode ver claramente o cabelo úmido, a boca ligeiramente entreaberta, os olhos espantados deparando-se com o seu achado. “Que mulher linda!” O movimento do pescoço altivo, o olhar pendurado para trás sendo arrastado, contrariado e desapontado, como se tivesse deixado o sorvete cair... Foi e não foi. Na memória dela, a imagem dele tatuada emerge muito vívida de vez em quando como está acontecendo agora. O celular toca na bolsa, ela é arrancada do sonho e colocada de volta ao mundo real. O marido faminto quer saber as condições do trânsito e se ela ainda vai demorar muito para chegar.

Li *A sobrevivência dos vagalumes*, livrinho de apenas seis capítulos, no qual o filósofo Didi-Huberman trata da resistência também e traz, no último, intitulado “Imagens”, a citação de Pascal: “ninguém é tão pobre a ponto de não deixar alguma coisa”. Logo em seguida vem a sugestão de Huberman de que deveríamos encontrar energia para ver como um legado precioso – sobrevivente – a menor borboleta esboçada sobre um papel amarelado, como a da menina, Marika Friedmanova, pouco antes de deportada e morta pelo gás de Auschwitz, aos onze anos de idade. Na minha imaginação, a imagem da borboletinha - movimento, liberdade - fez desvanecer qualquer resquício de preocupação que eu ainda pudesse ter ao assumir o risco de parecer quixotismo em excesso, tentando levar adiante o meu querer-escrever. No livro de Didi- Hubermann, transcrita a afirmação de Pier Paolo Pasolini: “Eu não posso perdoar aquele que atravessa com o olhar feliz do inocente as injustiças e a guerra, os horrores e o sangue”. Eu me lembrei de Goethe falando que “não basta saber, é preciso aplicar; não basta querer, é preciso agir”⁵ e Mahatma Gandhi, dizendo em algum lugar: “O que quer que você faça na sua vida será insignificante, mas é muito importante que faça, porque ninguém mais o fará”.

No ideal, a minha relação com a escrita não é de domínio ou de apropriação, mas de compromisso e transformação.

⁵ GOETHE Apud MERQUIOR, José Guilherme. *A astúcia da mímese*: ensaios sobre lírica. p. 16.

Na prática, a minha relação com a escrita funciona mais ou menos assim: separo horas dos meus dias para escrever e entrego o corpo para a imaginação poder despertar sensações, enredos, diálogos. E esforço-me para evitar armadilhas perigosas que parecem se aliar no dia a dia para me afastar da escrita - *WhatsApp*, *Facebook*, *e-mail* interfone, telefone e afins. Tempo dela é dela. Goste ou não goste. Ao ligar o computador não é fácil refrear a curiosidade de dar aquela olhadela, primeiro, na linha do tempo ou na caixa de e-mails e mais difícil ainda é resistir à tentação de postar um comentário ou de responder a uma mensagem mais urgente que implica alto risco de cair no buraco do alheamento com o tempo da escrita roubado. Quando escrevo costumo entrar numa espécie de imersão profunda, num espaço em que tudo é linguagem, abrigada do mundo, onde a imaginação pode mergulhar no meu eu-eu e no meu não-eu criando vidas às vezes muito diferentes da minha e às vezes nem tanto.

La Dorada

É possível apaixonar-se por uma cidade em poucos dias? Não... Não responda apressadamente. Digo: apaixonar-se mesmo! Sensorialmente. Cair de amores. Encharcar-se da sua filosofia. Deixar-se entranhar pelas suas cores. Embriagar-se com a sua atmosfera. Decorar a sua geografia. Ser fortemente tomado pelo desejo da entrega. Fundir-se com ela. Viver experiência de amante.

É verdade que não escolhemos local de nascença. Mas também é certo que não nascemos enraizados. Nas andanças, se bafejados pela sorte, encontramos a cidade-amor.

Encontrou La Dorada, no mês de janeiro, a cidade inteirinha um laranjal frutado, no auge da madureza. De dia, refratado em milhares de estilhaços de luz, o ouro dos pomos refletindo ao sol. De noite, a luz dourada das lâmpadas acendendo, aos milhares, reluzindo em conjunto por toda parte. Mil segredos desvelando-se e escondendo-se no chiaroscuro. Difícil passar imune pela imagem. O poeta não passou: “Já estive na região do laranjal florido?” Nada representa o homem como a poesia.

La Dorada não é muito grande. Não tem tantos turistas. Não é cidade das mais caras. “Não está vendida”, disse o motorista de táxi, inflando o peito de

orgulho. De trem ou voo low cost, não é difícil chegar ao paraíso à beira-mar. Tendo optado pelo serviço de trem de alta velocidade, que liga a cidade à sua capital, cerca de 320 quilômetros de distância, começou a aproveitar a cidade, logo que chegou. Com duas noites e três dias bem programados deu para conhecer o essencial.

Pela manhã, na ‘Panaria’ com wi-fi, perto da universidade, frequentada por estudantes barbados, desfrutando o menu básico: tostadas com tomate e azeite de oliva, sumo de laranja, café e leite, que, dependendo do apetite podia incrementar com uma poção de presunto serrano e/ou queijo da melhor qualidade. No sábado, o local alegrado pela presença de jovens pais tomando o café da manhã, com suas crianças, e ela se divertindo vendo irmãozinhos de diferentes idades, elegantemente vestidos, com roupas iguais, nos mais variados tamanhos.

Saiu de lá e foi para o centro. Assistiu a missa cantada na Catedral. Na construção do século XIII, estilo gótico barroco e neo-clássico pôde admirar parte da obra sem pagar nada. Vontade de se aprofundar nos seus segredos engajada no tour que sai de hora em hora e vai até a torre com vista de tirar o fôlego. “Farei isso da próxima vez”. Aproveitou para dar passadinha no sítio arqueológico ali bem perto com ruínas muito bem conservadas da presença romana- construções antigas, torres e muralhas. Depois, andou pelas ruas antigas, percorreu corredores grafitados junto com moradores metidos em roupas elegantes, passando por cafés e galerias que vazam para praças medievais, lugares com toque mouro, ocupados por casas noturnas, restaurantes, butikues com ofertas de roupas e acessórios de estilistas locais ou de várias partes da Europa. Conheceu o amplo mercado central que passou a ser usado também para festas da alta moda e eventos de grifes internacionais.

Sem esquecer que a cidade segue à risca um dos seus costumes mais famosos: a siesta. Treze horas, lojas, restaurantes e atrações começam a fechar. Analisou as opções do que fazer na hora da siesta: brincar de cidade fantasma aproveitando que não tem quase ninguém na rua? Sentar num banco da bela avenida, grande como um parque, maravilhosamente arborizada, cheia de recantos e até mesmo um pequeno anfiteatro, comparando a falta de pressa dos velhos com a ligeireza dos jovens? Praticar a própria siesta? Entrar em algum

restaurante que não feche, escolher um menu completo e deliciar com um super almoço?

Desfrutou de tudo o que pôde, inflada pelo sentimento de segurança. Flanou embriagada pelo vinho da liberdade... Liberdade magoada... Desejava a cidade dourada... “Quisera ficar contigo ó meu querido bem!” Obrigada a voltar para a realidade do seu contrário.

Doze horas de viagem, dormindo, acordado, fazendo e repassando planos. “Economizar cada centavo.” “Voltar na primavera.” “O laranjal em flor“ Ah! Na imaginação, aspira ar perfumado. “Sei bem como é o cheiro da flor de laranjeira”. As luzes da cabine acendem abruptamente e se desorienta. Corre a janelinha e olha para fora. O avião parece voar parado. “Ah, pudesse dar meia volta... Voar pra trás...” O aparelho não demora a pousar. Recolhe a mala na esteira e encaminha-se para área de controle da alfândega. “Alguma coisa a declarar?” A voz falha. O movimento da cabeça nega. “Ponha a mala ali e abra”.

A bagagem frustra.

Liberam.

“Pudessem ver o material revolucionário na cabeça, decerto, prendiam”. La Dorada clandestina. Ela arrastando a mala.

Língua e cultura diferentes não são obstáculos para usufruir plenamente o prazer. O amor verdadeiro só precisa do essencial. Quanto mais simples melhor.

La Dorada é cidade incrível. De nome bem apropriado exhibe a cor até no prato típico, berço da paella mais dourada que ela saboreou. Além do arroz, provou outras delícias como os pescados- sépia, bacalhau, camarões -, as pastas rellenas, as batatas bravas, as saladas leves e deliciosas. La Dorada é a terra natal da orchata, bebida feita a partir do suco de chufas, um tubérculo com leve gosto de nozes, que dizem datar do período islâmico da cidade, para ser degustada com um doce chamado farton, um dedo de massa fofa polvilhado de açúcar. Hospitaleira. Logo que a obra do complexo futurista de museus de autoria de um grande arquiteto foi concluída a cidade sediou importantes eventos. Preços justos.

A atividade de fim de noite, no centro converge para o bar com tema da idade da pedra, onde estudantes, boêmios e tipos diversos escutam rock alternativo consumindo cidra em porrones de vidro, objeto que faz lembrar vagamente um regador. Nos bairros, seguir os moradores locais e evitar armadilhas vistosas para turistas, escolher uma bodega informal com boa comida, boa bebida, alegria genuína é diversão garantida! Não é uma cidade qualquer.

Para evitar riscos desnecessários na saída, ela contrata o serviço de táxi dentro do aeroporto. Deixa a área restrita, com a mala, caminhando para a saída... Vuuupt... as portas grandes deslizam. Ela respira fundo, empunha o walsh da cooperativa e se livra do assédio da oferta de transporte. Certifica-se de que o carro é mesmo da empresa que contratou, que a bagagem é acondicionada no porta malas e entra. O motorista confirma a direção e arranca. O aplicativo do celular mostra o trânsito lento. A tensão nela instalada. O cansaço inevitável. A diferença de fuso. Sabe que vai levar tempo para até chegar. Recosta a cabeça no banco. Prepara-se para a corrida longa.

Na via expressa, olha pela janela e vê dia lindo lá fora! É impossível não gostar da cidade em si. Luminosa quase o ano inteiro. Linda. Maravilhosa. Famosa pela conjunção de elementos naturais: matas verdes; montanhas sinuosas; mar azul, praias magníficas. Como seria bom poder andar livremente por ela. Que privilégio seria transitar despreocupada pelas avenidas, ruas, parques, jardins. Não fosse a percepção de insegurança no nível de um país do extremo oriente. A prática de preços abusivos. A obstrução da liberdade de ir e vir. As pistas tomadas por carros e motocicletas. Engarrafamentos gigantescos. A falta de estacionamento. A dificuldade para aproveitar programas culturais. A necessidade de ultrapassar a muralha de veículos para chegar até uma praia. A prioridade na faixa muitas vezes ignorada. Direitos desrespeitados. Estribo alto dos ônibus. Nos pontos, velhos e deficientes acenando para os ônibus trafegando em alta velocidade e passando ao largo. Passageiros transportados aos solavancos. A desigualdade social encontrando vazão na violência incontrolável. Em condições contrárias sobraria espaço a ser preenchido com os encantos de outra cidade?

A diferença é grande. A comparação é inevitável

La Dorada, possibilidade de vivenciar o básico que um cidadão precisa: liberdade de ir e vir. Andar pelas ruas sem preocupação maior com problemas de segurança. Palmilhar calçadas limpas e largas. Passear por avenidas, parques e jardins bem cuidados. Sentar num banco. Admirar a arquitetura das construções históricas e modernas. Visitar museus. Explorar o zoológico e observar a vida selvagem africana. As agências de turismo falam do lugar na costa mediterrânea como o destino perfeito. Durante o ano, 300 dias de sol e temperatura média de 19°. Poucos dias de chuva e vento. De olhos bem fechados, vislumbra-se trilha de caravana e vulto moreno sobre camelo quando o vento sul sopra brumas, trazendo o cheiro do deserto. Nas ruas, árvores ora tremelizando, ora sacudindo os ramos, com força, atirando fora folhas velhas e gravetos secos. Movimento. Ritmo. Som de castanholas. No chão, a folhagem farfalha na dança frenética de dois movimentos: vertiginoso reboiço das folhas na ciranda; a repentina e desabalada carreira delas, na mesma direção, culminando no embolado dos grupos se encontrando nas esquinas. Uau... Que festa! Quando mais tarde a ventania passa, dançarinas quedadas pelos cantos. Exauridas. Amontoadas. Quietinhas.

O sacolejo corta o pensamento. O movimento repentino do motorista: meio corpo para trás, braço no encosto do banco... “Arrastão na frente!” Apruma o corpo. Os veículos da frente todos voltando... O taxi andando de ré... pOw! O barulho da batida no carro de trás aturde os sentidos. Cena surreal! O dono do veículo atingido salta fora, com um porrete na mão, rosnando: “Olha o que fez com o meu carro!” Choque. “Quer acabar com ele?” O motorista desabafando: “Um dia é um ciclista que leva uma pedrada na cabeça. Outro é um pedestre que toma uma facada.” Tremedeira. Desilusão. Não adianta querer da cidade o que ela não é e não tem condições de oferecer. Pelo menos por muito tempo. Ainda mais agora. Dúvida esfumada. Sair do pesadelo e voltar para o sonho da segurança desejada. Para a liberdade sonhada e possuída na imaginação.

Ah, pudesse voltar agora. Para lá... Bem longe... Além... Onde tem um jardim. Tem sim. Ela sabe. Ela viu. E o que não viu leu. Ou sonhou?

Escritores famosos trabalham isolados em mansões. Será que isso é bom? Como seria escrever numa caverna? A propagada solidão do escritor é mito? Para mim, a escrita ficcional é convivência fecunda com outras criaturas. A escritura da ficção é plena de vidas copiadas e/ou inventadas. O ficcionista está sempre impregnado de personagens às vezes imaginárias e às vezes nem tanto.

Houve um tempo em que dividia com os filhos o computador, na varandinha, lugar barulhento que recebe o maior impacto de vozes, buzinas, apitos e sirenes, no meu apartamento de frente. Mesmo assim, em pleno processo de criação do meu romance, alheava-me de tudo ao redor. Quando estava escrevendo, se alguém vinha falar comigo - os filhos para perguntar qualquer coisa ou a diarista para pedir alguma orientação - lembro que levava sustos enormes transportada subitamente do mundo da ficção para a realidade que chegava ao ponto de dar pulos na cadeira e ficar com o coração disparado como um cavalo brabo de repente laçado. Para evitar o terrível mal estar que disso advinha, combinei com todos que não me chamassem, se postassem por perto e esperassem quietos até que eu pudesse me dar conta da presença de qualquer deles. Como isso não demorava muito tempo para acontecer, a estratégia deu certo.

Ainda escrevo na varandinha. No próprio computador agora. Estou construindo este trabalho protegida pelas cortinas novas. Do sol e dos olhares dos operários do lado de fora, subindo e descendo no andaime, na tarefa de pintar o prédio. Mantenho as janelas fechadas mesmo quando o calor insuportável comparado ao do Saara ou do Senegal com as notícias dando conta de que é o maior dos últimos 60 ou 70 anos. Escrevo aqui e o bloco canta lá fora. Marchinhas antigas. Observo que já não cantam mais a letra inteira, vão emendando pedaços de uma e de outra. A música carnavalesca estaria esgotada? Um som parece trazer a resposta afastando a marcha fragmentada e introduzindo a batida monocórdica do *funk* até lá pelas tantas.

— *Ei pessoal, nós vamos encerrar agora, colaborando com a polícia, que vai abrir a pista às 7 horas. Vamos dispersar. Vamos, vamos, por aqui, vamos!*

— *E aí, vai rolar um baseado agora?*

— *Vai sim. Tá com ele ali*

Na graduação de Letras organizei o meu Projeto de Autoria com alguns contos que produzi. No mestrado, ganhei a conscientização de que posso me posicionar na vida através da minha escrita e escrevi a minha autoficção. No doutorado, *no para além do meio da minha vida*, continuo movida pela força do “querer-escrever”. E o que ainda quero-escrever é diferente. Diferente e parecido. Quero-escrever desatada. Praticar uma escrita insurrecta que possa se comprometer politicamente, abrindo fissuras na hegemonia, fugindo dos modelos e evitando a repetição dos discursos estabelecidos. Deixar a escrita fluir livremente sustentada pela fé de que a experiência estetizada, pela escrita não ingênua, talvez, possa servir para o leitor mirar, cotejar afinidades, disputas entre pessoas de modo a perceber e driblar a dominação grassando, escamoteada. Na tentativa despretensiosa e incipiente de me abrir para outra dimensão e tentar uma coisa nova, agora, sou movida pelo desejo quixotesco de produzir um trabalho artesanal que talvez possa alcançar a dúvida, causar algum impacto. E quem sabe até mesmo servir-se dessa operação narrativa como pequeno contributo para a reflexão em torno do espinhoso tema da mundialização, cuja capilaridade avança irremediavelmente em todas as direções, igualando contextos, nivelando comportamentos, num mundo interligado pelas redes de comunicação, saturado de imagens, dominado pela mídia. Terei tempo de tentar exercitar essa “nova prática de escrita”? Uma escrita liberta de amarras? O comprometimento com o fazer literário traz um preço a pagar: o transbordamento. Há risco maior do que nos mostrarmos como realmente somos? A verdadeira liberdade não está no deserto, mas no meio das pessoas, no encontro das tribos, trabalhando junto, sendo você mesmo, em conjunto com os demais. Não se pode fugir ao mundo de modo mais seguro do que pela arte; nenhuma forma de prender-se ao mundo é mais segura do que a arte. (Goethe *apud* Merquior, 1997, p. 16)

Durante um processo de escrita, coincidências eventuais acontecem? Ou será que o escritor, que tem o pensamento sempre tão voltado para o seu trabalho, correlaciona as coisas com a sua obra o tempo todo? Quando eu estava escrevendo *Menina do Cerrado*, algumas coincidências mexeram comigo. Dentre elas, várias publicações de fatos históricos ajudando na contextualização da época remota, abordada. Mas a coincidência de uma cena que foi trazida casualmente para mim é uma verdadeira preciosidade e merece que ser aqui reproduzida.

Muitas vezes, andei pela praia apurando a escrita, fazendo algum verso ou arranjando solução para um conto. Lembro que estava escrevendo *Menina do Cerrado* e escolhia caminhar em horário alternativo ao fluxo mais intenso, quando podia pensar mais livremente. Naquela ocasião, Chico Buarque também estava escrevendo um livro e eu achava divertido passar por ele, no calçadão do Leblon, com a certeza de que estava tão mergulhado em seu texto, como eu estava no meu. "Estamos ambos em excelente companhia", eu pensava. Não sou de interromper a caminhada de ninguém e muito menos a do Chico. Embora, se o fizesse, penso que ele não iria me negar atenção. Digo isso, por que tive a oportunidade de testemunhar, numa daquelas belas tardes, um vero diálogo, travado entre o poeta e uma babá. Eu estava no Baixo-Bebê, na companhia da Océlia que viera me visitar trazendo a filhinha, quando o Chico chegou, com a filha e a netinha. Dali a pouco, uma babá apareceu, empurrou o carrinho para perto do Chico e sapecou:

—Eu já perdi um emprego por causa do senhor.

Pego de surpresa e mesmo já tendo, decerto, enfrentado outras situações inusitadas, ele pareceu embaraçado.

—Hãã...!? Por causa de mim...?

—Foi. Eu estava trabalhando na casa da Fulana... A mãe da Beltrana... O senhor conhece, né?

Na resposta dele, cautela.

—Sei quem é.

Eu também sabia.

—Um dia ela chegou e me pegou distraída com o seu show na TV e me mandou embora, na hora.

—Hãã... Perdeu o seu emprego, por minha causa? Não sei o que dizer... Desculpe.

A moça estendeu um braço num gesto largo.

—Ah, deixa pra lá, não tem importância, depois, ela me chamou de volta e ficou tudo bem de novo.

Depois que disse isso, a moça pareceu satisfeita e foi embora empurrando o carrinho e se distanciando no calçadão. O poeta concentrou a atenção na bonequinha loura de olhos azuis, que entrava e saía da casinha, alternando o espaço com a Vitória, da Océlia. Eu fiquei observando o quadro e pensando na coincidência de saber quem era a patroa da babá que cometera um pecado. Bom ponto de partida para a trama de um conto!

Pecado estilhaçado

Contam que, jovem, conheceu o instrutor de voo casou com ele e teve uma menina. “Igualzinha a ela”, diziam, tal como já tinham dito um dia que a jovem mãe era parecidíssima com sua velha mãe. Depois de sete anos, o casamento acabou. Um ano depois, o ex-marido orientava um piloto menos experiente, uma falha mecânica provocou a queda do helicóptero e ele perdeu a vida. A filha não aceitou a morte do pai e preferiu fingir que não tinha acontecido, inventando para os amiguinhos que ele estava viajando. “Acho que bloqueou”. Só assumiu que era órfã de pai, anos mais tarde, quando levada pela mãe ao cemitério para visitar o túmulo. “Chorou a morte dele pela primeira vez”. A lacuna paterna ia sendo suprida pela presença de um padrasto. A filha crescendo e se tornando cópia da mãe. A menina era interessada na vida artística, fez curso de balé, arte e interpretação. Aos 16, foi estudar nos Estados Unidos, por um ano, voltou e a semelhança se acentuara. “Parecem irmãs – gêmeas”. Apenas vinte anos mais velha, a mãe com o mesmo cabelo, o mesmo busto avantajado e a mesma preferência por roupas decotadas.

A oportunidade para a adolescente desempenhar um papel na televisão surgiu com a abertura da interação mídia-espectador. A seleção do elenco para uma minissérie levava em conta a preferência do público. A mãe saiu desesperada à cata de votos para a filha ser escolhida. Não poupou esforços. Separou-se do companheiro com o qual vivia junto por mais de dez anos. Dedicou tempo integral a serviço da carreira da filha. A mocinha apareceu como atriz e a bem conservada mãe como a figura de nariz empinado que era frequentemente fotografada ao seu lado, quase como irmã. A atriz, vez ou outra, sentia necessidade de justificar sua presença. “Sempre foi superprotetora. Alguns anos atrás, quando eu ia a uma discoteca ela ia junto”.

Por um tempo, a influência materna era maior. Sócia de uma clínica de estética, a mãe experimentou fazer aplicações de certa substância para reduzir as medidas do abdômen, e a filha aproveitou a boquinha para encarar algumas sessões do tratamento, antes do produto ser retirado do mercado. Depois, influência mútua. De mãe para a filha: “A minha mãe sempre foi loiríssima e com 18 anos comecei a fazer reflexos no mesmo salão”. De filha para mãe: “O cabelo chocolate acrescentou muito à imagem dela e fiquei com vontade de escurecer o meu”. Por fim, a filha famosa inspira a mãe: “Ela é a cara da filha”. Não apenas por uma questão genética, mas de convivência. A mãe compartilha os mesmos hábitos da celebridade. Olhar para uma é ver a outra, no cabelo, na sobrancelha, na maquiagem e até no guarda-roupa que dividem, de vez em quando, tal como partilham o hidratante, a esteticista... O mesmo personal trainer cuida do programa de musculação das duas na mesma academia. No nécessaire delas, maquiagem e muita.

A atrizinha atuou na minissérie, ganhou algum destaque no teatro como bailarina e cantora de uma peça musical, participou de um longa-metragem. Arrojada, logo se envolveu com o pessoal do meio artístico e atores jovens em ascensão. Levar o namorado da vez para dormir em casa gerava alta tensão. A mídia fareja atrito. Não pode ser alimentada. Mãe e filha contidas. “Eu me sinto bem por estar perto dela nesse mundo caótico”. “A gente é bastante ligada”. A interação com a imprensa é vital e perigosa para a carreira de atriz: robustece ou destrói.

A mãe é adepta da terapia. “A terapia do corpo é o exercício e a da mente? Tive essa noção muito cedo”. Despeja no divã o incômodo causado pelas desavenças eventuais. A psicóloga alerta para a necessidade de tomar cuidado com a confusão de papéis na cabeça. “A função da mãe não é competir, mas educar e passar valores para que o filho seja um adulto equilibrado. Nenhuma filha quer a mãe como irmã. A mãe pode ser muito amiga, entender as questões da filha, partilhar a vida, mas tem que haver certo limite. A mãe já deixou de ser filha e agora precisa cumprir o seu papel materno, senão confunde a cabeça da herdeira.” A mensagem não alcança a receptora. “Eu separo a atriz da minha filha e me sinto bem por causa desta aproximação”. Enxerga na proximidade mãe-irmã um motivo para maximizar a conexão. “Não fico feliz apenas pela semelhança, algo que sempre tivemos, e sim pela conexão que existe entre nós”.

Morar fora, solução para evitar constrangimento. “Somos duas mulheres sozinhas”. A filha sai de casa definitivamente. “Foi muito melhor”. A mãe continua rondando a filha. “Vejo muitas mães e filhos se afastarem por competição e comigo acontece o contrário”. Circula pelo mesmo ambiente e logo começa a se relacionar com um atorzinho. A mídia não dá trégua. “O que acha de sua mãe sair com um rapaz da sua idade?” A resposta evasiva. “A vida é dela”. A pouca diferença de idade facilita a aproximação. Para a mãe, desinibida e sem preconceito, aparecer sem roupa numa novela ou filme é o mesmo que se deixar fotografar nua em fotos para uma revista. “É um trabalho.” Para a filha: “Seria hipócrita se falasse que dinheiro não conta”. Parceiras e confidentes, para o mal e para o bem. A filha quer abrir uma grife para investir seu dinheiro e não prescinde da mãe para ajudar. A parceria se estende à área dos negócios.

A estrelinha acalenta um sonho. Desde que namorou um ator estrangeiro e sentiu que estava pronta para ser mãe. Na ocasião, chegou a ficar noiva e a marcar o casamento. Mas o relacionamento acabou alguns meses antes da cerimônia e o sonho precisou ser adiado. “Quero tudo certinho. Primeiro casar, para depois ter filho”. Chega aos 27 sem ainda ter o filho. A mãe atropela os planos. Aos 47 anos, engravida do atorzinho e vai dar à luz a um menino. A notícia assanha a mídia. A atriz é desafiada a interpretar seu papel mais difícil: “Sempre pedi um irmão”. “Foi uma bênção”. Esforça-se no desempenho: “Acho que vou ser mais mãe que irmã dele”. A mãe se esquiva: “Eu não pensava ter

outro filho, mas quando acontece, a gente sabe que é a hora”. O menino nasce. A imprensa especula que a vinda dele parece ter deixado a atriz menos ansiosa em relação à maternidade. “O meu irmão supriu essa vontade”. A irmã se deixa fotografar cuidando do nenê. A mãe posa dizendo que vai se dedicar à família. Está vivendo com o pai da criança. Recebe apoio da sua velha mãe também. Não vai abandonar a loja. Quer voltar logo que puder. Tem plano para o futuro. “Já pensei até numa linha Kids.”

Os anos passam para as duas. A filha conseguiu realizar o sonho protelado: conheceu um modelo, subiu ao altar, casou e deu à luz ao filho desejado. A mãe, separada do atorzinho há muito tempo, na mesma rotina: academia, musculação, alongamento, spinning, caminhadas e pedaladas. “Retardar o envelhecimento aumenta a qualidade de vida, porque estimula o exercício de hábitos saudáveis”. Tal mãe tal filha: a atriz segue o exemplo da mãe malhadora e nunca fica parada. Ultimamente, aposta na veia empresarial para aplicar o cachê de seu último ensaio fotográfico, nua. A mãe beira os 60, enfrenta dificuldade para copiar a filha e reage às insinuações: “Mesmo com todos os obstáculos, temos obrigação de ser feliz”. A dieta é cada vez mais rigorosa. “Na minha família a gente nunca viveu para comer, a gente come para viver”. Os preenchimentos são mais amiúdes. “O melhor coquetel para manter o equilíbrio é não desistir de ser feliz”. Juntas, num desfile de modas, a espicaçada: “A diferença ficou por conta do tom de pele da mãe que exagerou no bronzeado artificial”. No dia seguinte, a mãe chega cansadíssima da academia. Surpresa! Um poderoso espelho de aumento pendurado na parede do quarto e um bilhete da filha. “Não vai mais ter problema para se maquiar”. Aproxima-se e a primeira coisa que vê refletida é o próprio retrato, corpo inteiro, tirado muitos anos antes, pendurado na parede oposta. Coloca-se na frente do espelho e as duas imagens se encontram. Arregala os olhos. Não se reconhece. Na sua imagem do passado, capturada pela fotografia, vê a filha. Na sua imagem atual, pateticamente vestida nas roupas de academia, reconhece a velha mãe. Fecha os olhos depressa. Marejam. Transbordam. A tinta negra do rímel, carregada lentamente rosto abaixo, vai preenchendo os sulcos.

3

O estilo fragmentário

A história da humanidade é sempre história de fantasmas, imagens, porque é na imaginação que tem lugar a fratura entre o individual e o impessoal, o múltiplo e o único, o sensível e o inteligível, e, ao mesmo tempo, a tarefa de sua recomposição dialética. As imagens são o resto, os vestígios do que os homens que nos precederam esperaram e desejaram, temeram e removeram. E como é na imaginação que algo como uma história se tornou possível, é por meio da imaginação que ela deve, cada vez mais, de novo, decidir. (Agamben, 2012, p. 63)

Laborar com impressões é árduo. Às vezes penso que estou no controle, de repente, as palavras me deixam na mão, preciso lançar mão da eloquência das reticências para preencher o lugar do mais que falta dizer... E o mais pode ser tudo... Ou nada. O sonhador não deve desistir dos sonhos. Não mesmo. Certa vez eu estava sem ânimo para continuar e encontrei o incentivo, no respiro de um suspiro, bisbilhotando a linha do tempo. “Correr riscos e ao fim arfante da corrida, voltar para avaliar o traçado” (a.m.m.) O fragmento transcrito no *facebook* me deu novo alento. Alguma coisa protege o sonhador? A mola propulsora me alcançou de onde eu menos esperava. Mero acaso? Voltei ao ‘traçado’, observei atentamente o emaranhado de linhas quebradas, blocos textuais interrompidos, espaços em branco e de repente... Uma forma se destacando? Autônoma, perfeita e acabada em si mesma, lá estava, a cena desenhada no parágrafo. Li em voz alta. Sonoridade diferente. Funcionaria como parte de um conjunto? A imaginação desafiada alça voo experimental.

Longe de casa

Lá, no meio da rua milenar, de pé, na porta do magazin de luxo, já desanimada com os preços da moeda local, altamente valorizada, a turista tropical já perdia a esperança de encontrar lembrancinhas para trazer da viagem quando, para surpresa sua, viu um pouco mais adiante, o pano estendido na calçada com uma porção de miudezas em cima dele.

A identificação com a imagem foi imediata e ela se aproximou do camelô solitário que vendia apenas “botons”. Quantidade grande. Variedade múltipla. Observando atentamente a miudeza, viu uma forma se destacando e agachou para pegar. A joaninha era linda. Com certeza ia causar bom efeito como souvenir. O preço era justo. Decidiu comprar. Uma para si. Outras para presentear.

Admirava a prenda na mão e calculava quantas procurar remexendo no amontoado do pano, quando foi colhida pelas exclamações... “Mariquitas!” “Mariquitas!” Ao seu redor, aproximando-se cada vez mais dos seus ouvidos, os tons variados se multiplicavam, em alto e bom som... “Mariquitas!” “Mariquitas!”

No seu alheamento admirando a joaninha, calmamente, acabou chamando atenção de um grupo de senhoras locais e só percebeu quando as caras gordas apareceram de ambos os lados, no estardalhaço... “Mariquitas!” “Mariquitas!”

Diante dela, o vendedor, um olho vasculhando a rua e o outro na mercadoria revirada sobre o pano por uma porção de mãos sôfregas, parecia visivelmente preocupado em detectar a aproximação de algum fiscal.

A turista, ali agachada, descobria com desapontamento que a sua descoberta era minoria enquanto via paralisada as joaninhas todas sendo sofregamente catadas no amontoado do pano, uma por uma, pelos dedos grossos, como bicos de galinhas bem nutridas na engula ávida dos grãos de milho no chão.

Ante o risco iminente de perder a sua joaninha numa bicada, fechou bem a mão e afastou o perigo dela acabar vazia. Já com a prenda bem segura numa das mãos, reagiu e foi à luta com a outra, entrando na disputa ferrenha de dedos vasculhando o pano.

Quando a estrangeira se levantou, pagou dobrado. No rosto, a satisfação da vitória tomara o lugar do desapontamento, num átimo, com a última joaninha do pano muito bem agarrada, sorriu para os lados.

*Escrevendo sobre o fragmento e com o fragmento, fiquei me perguntando se não seria a hora, talvez, experimentar escrever usando o ‘eu’. Não euzinho vaidoso e egoísta, girando em torno de si mesmo, que lá se foi o tempo desse. O ‘eu’ de *Longe de casa**

ocupa lugar no conto como qualquer ser que eventualmente vivenciado experiências semelhantes. É um 'eu' pequeno? É sim. Pequeninho. Mas é um 'eu' fragmento da Vida. Um 'eu' parte de um todo e não um eu sozinho. Um 'eu' partícula cósmica. Escrever na primeira pessoa, escrever como indivíduo e tentar tocar outro indivíduo. As histórias, como os desejos, também se repetem e nelas, às vezes, sobrevém o assombroso das experiências vitais pela figuração reiterada de sentimentos facilmente compartilhados pela maioria. A humanidade parece sempre sedenta desse tipo de informação. Porque não tirar proveito da curiosidade das pessoas que adoram saber uma das outra e falar umas das outras? Tentar produzir uma escrita que ao falar de si fale do outro, toque o outro, incomode o outro, mova o outro.

O pensamento opera como um regente das vozes apreendidas na ficção, mas cuja identificação, desmaterializada a referência, abre um fenda para o leitor: quem ou quantos falam aqui? A literatura não conta isso. Que texto esquisito é esse que conta e, ao mesmo tempo, não conta, que tem um assunto e, na verdade, não tem um assunto e é diferente do discurso usual, que tem algo do artigo acadêmico, que tem algo de um ensaio, que tem algo da correspondência, que tem algo do diário, que tem algo da confissão íntima? A literatura não diz. A literatura faz.

A historieta satisfaz.

Os fragmentos têm e não têm relação entre si, não esgotam o assunto e tampouco compõem uma totalidade. A fragmentação é separação e isolamento na completude. Um fragmento não entra em contato com outros fragmentos para comporem um pensamento completo – uma história fechada - tampouco se contrapõe ao todo, transita entre a individualidade e a perda de fronteira.



Figura 3- Isolamento-completude.
Fonte: Arquivo pessoal.

Pronto. Era o que precisava. O estilo impõe maneira de escrever ao escritor. A escrita fragmentada se apresentou como a ferramenta mais apropriada para levar adiante o trabalho da fabulação criativa com amostras do real efêmero.

Que grande aliada!

Não se sujeita a andar em linha reta, manifesta-se de forma dinâmica. É movimento. É descontinuidade. É explosão de sentidos. Questão de estilo. Não de escolha. “O objetivo da arte com os meios do material é extrair um ‘bloco de sensações’” e “sempre é preciso o estilo – a sintaxe de um escritor, os modos e ritmos de um músico, os traços e as cores de um pintor” (Deleuze & Guattari, 1992, p. 201).

Completo em si mesmo inacabado, porém, sempre em processo de depuração e de renovação do pensamento em devir, o fragmento se aproxima mais dos afetos e perceptos que dos conceitos. O fragmento opõe-se à captura globalizante do título e ignora a suficiência. Não é obra, mas aponta para a

“Obra”. Vale pela operacionalidade de trazer os elementos da vida sempre em progresso.

O estranhamento inicial fica plenamente justificado pelo entendimento de que a escrita com o fragmento recorre ao sistema semiótico e disponibiliza índices que perturbam a compreensão textual - linhas quebradas, gravuras, clichês, blocos textuais interrompidos, espaços em branco, aparentes problemas tipográficos; ruptura da coesão nominal/temporal... deslize-fusão-confusão-imbricação das vozes enunciativas. A sua organização textual é determinada pela falta de unidade num processo de que participam elementos gráficos e semigráficos que tornam a interpretação mais árdua. É um texto não apenas para ser lido, mas também olhado. E pensado. Duas espécies de fragmentações atuam nos níveis diversos do texto: a fragmentação gráfica e a fragmentação textual. A bifragmentação, não intrinsecamente separada, afeta o receptor. Tira-o do lugar.

Na fragmentação, toda força está em relação com outra força. A escrita do fragmento é confronto de forças em movimento, relacionamento violento, discordância, transformação. Mesmo unidos sob um título ou capítulo os fragmentos não finalizam nada, reforçam o convívio na diferença, ao invés. Juntos e individuados. Cada um é cada um. O estilo fragmentário assume a tarefa da escrita e exhibe o trunfo maior: a partilha do trabalho. Acena com o significante, provoca o leitor a preencher lugares vazios do significado na reconstituição do signo, demonstra que existem sistemas para além do linear e abre a oportunidade para outras forças coexistirem. Os fragmentos são forças se enunciando no texto na dependência do leitor se apropriar e ativar. O leitor é convocado para preencher espaços em branco, completar frases inacabadas e edificar percursos interpretativos que o texto disponibiliza. É um texto democrático. Pressupõe a presença de um leitor e requer a intervenção ativa do interpretante. O leitor seduzido, intrigado e eufórico na busca mental da clareza do texto, exercita escrita própria. Optando pelo inacabado, a fragmentação repele o sistema concluído e abre espaço para outras forças e outras verdades.

Concentro a busca teórica na ampliação do conhecimento sobre o percurso da denominada escrita fragmentária que apresenta traços particulares de um gênero textual que se inscreve numa tradição que vem desde os pré-socráticos,

começando pela operação/produção do fragmento inscrito na Antiguidade e modo de operação em Heráclito:

X

Diante do daímon, o homem ouve, infantil, como diante do homem, a criança⁶

Resgatado da antiguidade pelo chamado Grupo de Jena, em pleno movimento romântico, o fragmento expandiu-se e ganhou o mundo apropriado por vários escritores políticos: Nietzsche (*Zarathustra*) Roland Barthes (*Incidentes*), James Joyce (*Giacomo Joyce*), Murilo Mendes (*Poliedro; A Idade do Serrote*), Nuno Ramos (*Ensaio Geral; Ó*), Benjamin (*A origem do drama barroco; Rua de mão única*) Augusto Abelaira (*Bolor*), etc. O esforço do grupo de Jena fez-se no sentido de romper limites entre a arte e a filosofia.

Novalis publica, em 1798, no primeiro número da revista *Athenäum*, dirigida pelo seu amigo Friedrich Schlegel, principal meio de publicação para as ideias do primeiro romantismo alemão, a coletânea de fragmentos *Pólen* (*Blüthenstaub*), que viria resultar no livro homônimo.⁷

Na primeira tradução integral dos fragmentos para o francês, os românticos alemães incluem, na *Athenäum* - entre outros -, o fragmento 206: Um fragmento tem de ser como uma pequena obra de arte, totalmente separado do mundo circundante e perfeito e acabado em si mesmo como um porco-espinho (Novalis, 2004, p.73).

Na figura do porco-espinho, a célebre metáfora da forma poética: o animal espinhoso, que não se deixa assimilar pelo todo, num gesto simbólico de resistência a tudo que o cerca.

⁶ COSTA, 2002. p.198

⁷ *Pólen*, de Novalis, traduzido no Brasil por Rubens Rodrigues Torres Filho e publicado, pela editora Iluminuras em 2009.



Figura 4- Resistência à totalidade.

Fonte: Arquivo pessoal.

A constante resistência à redução da forma em outra, com a totalidade ideal sempre adiada pelo exercício da reflexão, permite compreender a composição fragmentária como obra aberta e entender a noção do pensar / escrever em processo de devir.

Eis um trecho de Blanchot conversando com o fragmento 206 de Novalis metaforizado na figura do porco-espinho.

Uma frase não se contenta com desenrolar-se de maneira linear; ela se abre; por essa abertura, sobrepõem-se, soltam-se, afastam-se e juntam-se, em diferentes níveis de profundidade, outros movimentos de frases, outros ritmos de falas, que se relacionam uns com outros segundo firmes determinações de estrutura estranhas à lógica comum – lógica da subordinação... (Blanchot, 2005, p. 347)

Com a publicação na *Athenäeum*, a afirmação do fragmento como forma e pretensão de um movimento de leitura e escritura infinito:

A arte de escrever livros ainda não foi inventada. Mas está a ponto de sê-lo. Fragmentos como estes são sementes literárias. É possível, sem dúvidas, que haja grãos estéreis entre elas – entretanto, se apenas algumas brotassem! (Novalis, 2009, p. 93)

Tudo a ver com o que Blanchot fala sobre *Um lance de dados*, a obra de Mallarmé, em *O livro por vir*:

Vigiando duvidando rolando brilhando e meditando. Seria necessário deter-nos aqui sobre essas cinco palavras pelas quais a obra se apresenta na sua invisibilidade do devir que lhe é próprio.

Cinco palavras muito puras de toda provocação mágica e que, na tensão indefinida em que parece elaborar-se um novo tempo, o tempo puro da espera e da atenção solicitam somente o pensamento para que este vigie o brilho do movimento poético. (Blanchot, 2005, p. 344)

Através da escrita fragmentada, o pensamento se manifesta como afirmação do azar. Tudo pode acontecer dentro do jogo aleatório em que o pensamento se enuncia. Funciona como um “lance de dados” e reforça a pluralidade do pensamento, desafiando o leitor a travar sua luta com insinuações, desvio e intervalos às vezes abruptos da escrita fragmentária.

No movimento autorreflexivo, a poética do fragmento encontra defesas contra os discursos estanques e afasta o pensamento sistemático racionalista e sua ilusão de poder alcançar uma totalidade. O fragmento apresenta-se como linha de fuga do discurso acabado que recupera a continuidade entre arte e filosofia. O gênero permite colocar no texto a ambição limítrofe de estar produzindo *afetos e perceptos* e através deles estar produzindo conceitos.



Figura 5- Convivência e individualidade.
Fonte: Arquivo pessoal.

Um lance de dados jamais abolirá o acaso.

Nada se cria e nada se diz de maneira criativa senão pela aproximação prévia do lugar da extrema vacância, onde antes de ser falas determinadas e expressas, a linguagem é o movimento silencioso das relações, isto é, “a escansão rítmica do ser”. As palavras só estão ali para designar a extensão de suas relações: o espaço em que elas se projetam e que, mal é designado, se dobra e se redobra não estando em nenhum lugar onde está. O espaço poético, fonte e “*resultado*” da linguagem

nunca existe como uma coisa: mas sempre “*se espaça e se dissemina*”. (Blanchot, 2005, p. 346)

O fragmento literário problematiza as fronteiras entre literatura e filosofia. Valoriza a poesia na sua capacidade reflexiva de expor o valor do ato da criação (*poiesis*) como atividade do pensamento. A qualidade reflexiva da *poiesis* realçada. Fronteiras imprecisas. O mundo objetivo é criação do espírito (Fichte) e todo conhecer está limitado pelas condições de conhecimento (Kant). Na fragmentação, o ‘saber puro’ da filosofia e o ‘saber desviante’ da poesia resultam claramente nivelados. O fragmento é meio de reflexão da poesia e/ou da filosofia. O discurso individual, mesmo incompleto é criação sobre a natureza.

O verdadeiro leitor deve ser a ampliação do autor. Ele é a instância superior que recebe o objeto, já pré-elaborado, da instância inferior. O sentimento, mediante o qual o autor separou os materiais de seu escrito, torna a separar, no ato da leitura, a matéria bruta e a matéria elaborada do livro - e se o leitor trabalhasse o livro de acordo com suas ideias, um segundo leitor decantaria ainda mais e, assim, na medida em que a massa trabalhada estaria sempre em recipientes de uma atividade renovada, ela se tornaria, finalmente, um componente essencial – parte do espírito atuante. (Novalis, 2009, p. 103)

Blanchot, na mesma direção:

A presença da poesia está por vir: ela vem para além do futuro e não cessa de vir quando está ali. Uma outra dimensão temporal, diferente daquela de que o tempo do mundo nos fez mestres, está em jogo em suas palavras, quando estas põem a descoberto, pela escansão rítmica do ser, o espaço do seu desdobramento. Nada de certo aí se anuncia. Aquele que se apega à certeza, ou mesmo às formas inferiores da probabilidade, não está caminhando em direção ao “horizonte”, assim como não é o companheiro de viagem do pensamento cantante, cujas cinco maneiras de jogar se jogam na intimidade do acaso. (Blanchot, 2005, p. 352)

Qual a consequência da poesia e da filosofia mescladas no fragmento para o pensamento sistemático que ambiciona a apreensão de uma totalidade? Desnuda o rei: o mundo objetivo só se deixa perceber pelas oscilações do espírito individual desempenhando função criadora frente à natureza e não pode ser representado por completo. Desvela a rainha: a *mimesis* pode ser vista como coisa meramente idealizada, a obra de arte entendida como construção e não como reflexo perfeito do mundo.

Além da Razão, além do discurso da ‘verdade’, reside o valor poético e enigmático do pensamento. Pois, diante de um mundo que é ininteligível e problemático, nossa tarefa é clara: precisamos tornar este mundo ainda mais ininteligível, ainda mais enigmático. (Baudrillard, 2001, p. 96)

Na cabeça do ficcionista, a reflexão e o devaneio têm peso igual: a investigação teórica resvala muitas vezes para um trabalho árduo de arqueologia; a imaginação é a mola propulsora da ficção, para o bem e para o mal. Por um lado, uma notícia horrorosa desencadeia a recriação das cenas em detalhes abomináveis que deixam o escritor refém das imagens em profusão na cabeça e à mercê de experiências mentais agudas – carrega-o para lugares obscuros, fá-lo entrar num túmulo para encarar o morto, numa igreja para procurar o sentimento do pregador, num hospital para escutar o gemido de dor, entala-o na abertura da frincha de um estômago colado pela fome e prova o pão que o diabo amassou... Por outro lado o ficcionista é habitado pela fantasia e aquinhoadado com as imagens que a fabulação traz o tempo todo, auferindo soluções novas e imprevistas que levam a sua ficção adiante. Não foi pesquisando e imaginando que Chico Buarque escreveu *Budapeste* sem nunca antes ter posto seus pés lá? Assim, a compulsão fabuladora é dom e castigo. E nada é gratuito. Comecei a investigação sobre o estilo fragmentário ainda sob o impacto da aproximação recente das teorias de Aby Warburg e de Giambattista Vico, estava com seus respectivos conceitos de *sobrevivência* e *conhecimento* na cabeça quando me deparei com Blanchot:

Quanto ao estilo, ele seria a parte obscura ligada aos mistérios do sangue, do instinto, profundidade violenta, densidade de imagens, linguagem de solidão na qual falamos, cegamente, as preferências do nosso corpo, de nosso desejo, de nosso tempo secreto fechado a nós mesmos. Assim como não escolheu a sua língua, o escritor não escolheu o seu estilo, a necessidade do humor, a cólera dentro de si, a tempestade ou a crispação, a lentidão ou a rapidez que lhe vêm de uma intimidade consigo mesmo, sobre as quais ele não sabe quase nada, e que dão à sua linguagem um tom tão singular quanto, a seu rosto, o ar que o torna reconhecível. (Blanchot, 2005, p 301)

Blanchot dizendo que o escritor não escolheu sua língua e não escolheu o seu estilo; Warburg, que o impulso de expressar detalhes em movimento viera do sem fundo do mundo; Vico, que a mitologia não era uma parafernália inútil dos antigos e sim um instrumento revelador da forma de pensar dos heróis da Antiguidade.

Estamos ligados aos antigos pela nossa humanidade. A escrita fragmentada seria uma sobrevivente nascida das sementes das paixões longínquas dos primitivos que irrompe anacronicamente tal como fruta temporã, tal como a figura da *ninfa*, detectada por Warburg nas pinturas renascentistas? Essa hipótese apareceu, num átimo, trazendo diversas questões. O estilo fragmentário poderia ter tido origem nos gritos onomatopaicos dos gigantes mudos de Vico? Seria um legado de Dioniso? Eu tendo que lidar com a agitação do pensamento teórico “Pesquisa!”, e com alvoroço da imaginação “Fábula!”

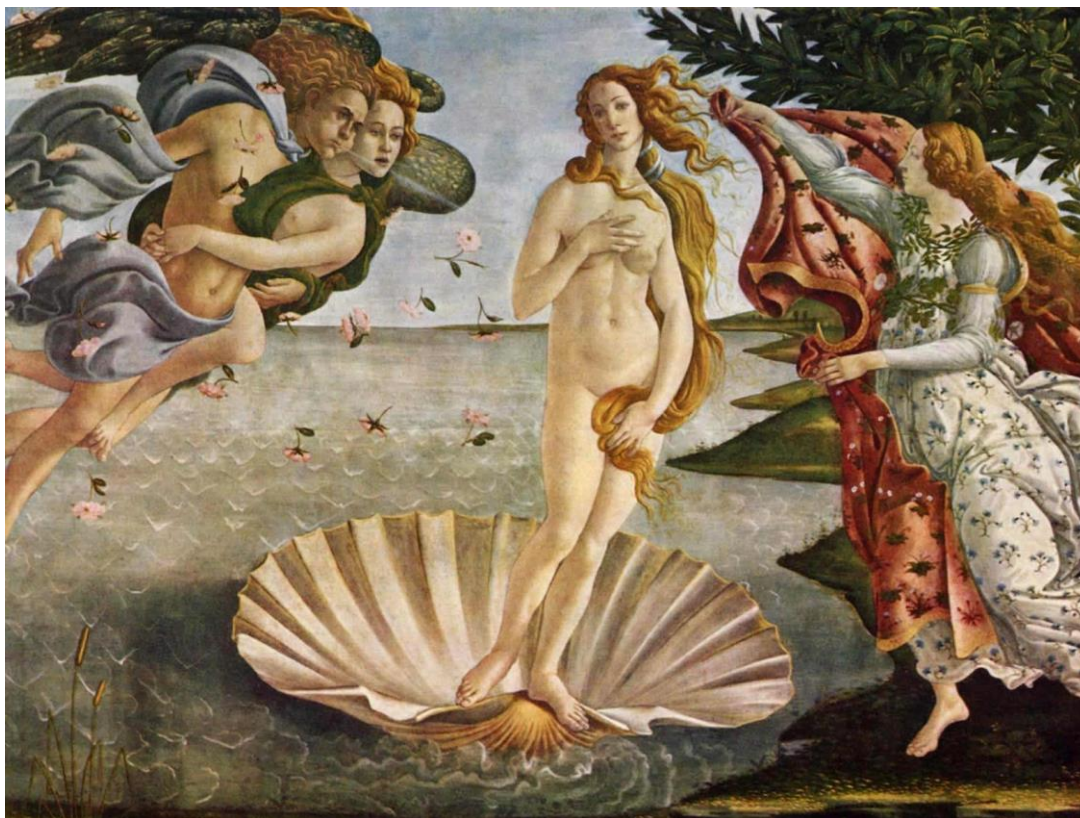


Figura 6- O nascimento de Vênus (Sandro Botticelli).
Fonte: Arquivo pessoal.

Warburg atentou para os movimentos nas vestes e cabelos de algumas figuras femininas reproduzidas nos quadros renascentistas e desconfiou da existência de uma motivação psicológica para a reutilização de determinadas formas antigas na cultura florentina do Século XV, não como influência consciente entre artistas e nem como a continuidade de linguagens formais representativas, mas como uma relação coletiva profunda carregando forças afetivas do passado de modo sintomático nos motivos. O historiador da arte teve o

interesse voltado para um elemento visual recorrente em diversas manifestações artísticas do Renascimento italiano, a representação de acessórios em movimento, especialmente quando associados a mulheres belas e jovens. Observou que tais figuras femininas, repetidas em diversas pinturas florentinas dos séculos XV e XVI, remetiam a um padrão constantemente reportado na literatura antiga, especificamente em autores como Ovídio, Apuleio, Virgílio e Lucrécio: a Ninfa, “tipo generalizado da mulher em movimento”, segundo definição de Warburg (1990a, p. 120), sempre uma moça muito jovem, representada com movimentos graciosos, nas vestes, no cabelo e no corpo, uma criatura entre o humano e o divino – como Psique, levada pelo sopro de um Zéfiro ao encontro de Eros em Apuleio:

Psique tremia de receio e debulhava-se em lágrimas no cume da fraga, até que o bafejo ameno de um suave Zéfiro lhe agitou as franjas do vestido e lhe enfunou as pregas. Levantou-a insensivelmente e, com um sopro tranquilo, começou a transportá-la e pouco a pouco ao longo da encosta rochosa, até a deixar, docemente reclinada, no sopé de um profundo vale, no regaço de um tufo de céspede em flor. (Apuleio *apud* Teixeira, 2010, p. 141)



Figura 7- Céspede em flor.
Fonte: Arquivo pessoal.

Para Warburg, o estilo sobrevive numa pós-vida das *Pathosformeln* antigas, materializando-se anacronicamente. A pesquisa do historiador da arte era contemporânea ao nascimento do cinema e, num primeiro momento, os dois fenômenos podiam fazer pensar que a preocupação dele era com o problema da representação do movimento, “mas o interesse de Warburg pela representação do corpo em movimento – que ele chama de *bewegtes leben* e do qual a ninfa constitui exemplar canônico – não respondia tanto a razões de ordem técnico-científicas ou estéticas quanto sua obsessão pelo que se poderia chamar a ‘vida das imagens’” (Agamben, 2012, p. 35).

Ninfas seriam, para ele, personificações do paganismo renascentista revelando registros da presença de elementos primordiais nas posturas e gestos que remetiam a condições especiais de excitação psicológica.



Figura 8- Nascimento de São João Batista (Domenico Ghirlandaio).
Fonte: Arquivo pessoal.

O modelo teórico, desenvolvido e aprofundado pelo historiador da arte evoluiu para uma teoria sobre mecanismos de transmissão da memória coletiva

por meio das imagens. O conceito de *Pathosformeln*, “fórmulas de *pathos*”, foi cunhado por Warburg na sua tese de doutorado em paralelo com o conceito de - a “pós-vida” da Antiguidade (*das Nachleben der Antike*).

“Como pode uma imagem carregar-se de tempo” “Que relação há entre as imagens e o tempo?” Agamben responde às próprias perguntas trazendo, do século XV, certo coreógrafo: Domenico Piacenza era o mais famoso mestre de dança do seu tempo na corte de Gonzaga, em Ferrara e na corte de Sforza, em Milão. Domenichino, como era chamado os amigos e discípulos escreveu o tratado *Sobre a arte de bailar e dançar* citar Aristóteles no início do livro e enfatizar a dignidade da dança, que é “de tanto intelecto e esforço quanto é possível encontrar”, mas cuja abordagem fica no meio do caminho entre o manual didático e o compêndio esotérico ligado à tradição oral mestre-aluno. Domenico elenca seis elementos fundamentais da arte da dança - medida, memória, agilidade, maneira, medida do terreno e “*fantasmata*” — uma parada repentina entre dois movimentos, capaz de concentrar virtualmente na própria tensão interna a medida e a memória de toda a série coreográfica — Os historiadores se perguntaram a origem do “dançar por *fantasmata*” e, segundo o testemunho de seus alunos, o mestre pretendia exprimir “muitas coisas que não podem ser ditas” (Agamben, 2012, p. 23-24).

A lição de Domenico bem se aplica à escrita do fragmento que também para bruscamente e deixa tantas coisas a serem ditas nos seus intervalos plenos de tensão.

Um texto não pode dizer tudo. Ele vai até um certo ponto, lá até onde pode ir qualquer palavra. Além desse ponto começa uma outra zona, zona de mistério, de silêncio, daquilo que se costuma designar como atmosfera, ambiente clima, conforme queiram. (...) Representamos o texto todo, tudo aquilo que o texto pode expressar, mas queremos também estendê-lo para aquela margem que as palavras sozinhas não conseguem alcançar. (Roubine, 1998, p. 63)

Em Vico, a linguagem surge, para os seres humanos concretos, de um contacto carregado de fantasia e imaginação, com tudo que está próximo, conforme é sintetizado no prefácio da *Ciência Nova*, pelo seu tradutor Marcos Luchesi: “Dos gigantes das florestas para os homens, das cavernas para a cidade,

do silêncio para o verbo, eis um pouco do que encerra o prosclênio da história viquiana” (Luchesi *apud* Vico, 1999, p. 21).

No início do universo, o caos. Mas “caos” não como ausência total de sentido. O “caos” como ausência de determinações prévias, de pré-disposições tidas como absolutamente necessárias. Caos também para os homens primitivos interpretarem o real. Nada explicado. Tudo precisava ser “pensado”. A necessidade dos homens se associarem uns aos outros para sobreviverem e se desenvolverem. A comunidade estruturada através de histórias e mitos. O ser humano queria captar alguma ordem no caos e o mito surgiu no inconsciente coletivo. O mito explicava a realidade e seus fenômenos de forma precária, fantástica e mágica.

I. Uma criança no escuro, tomada de medo, tranquiliza-se cantarolando. Ela anda, ela para ao sabor de sua canção. Perdida, ela se abriga como pode, ou se orienta bem ou mal com a sua cançãozinha. Esta é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos. Pode acontecer que a criança salte ao mesmo tempo que canta, ela acelera ou diminui seu passo; mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem, ela arrisca também a deslocar-se a cada instante. Há sempre uma sonoridade no fio de Ariadne. Ou o canto de Orfeu. (Deleuze & Guatarri, 2008, p. 116)

A realidade é o caos. A ordem é uma ficção. O fragmento, nesse sentido, espelha a realidade ou que mais próximo dela que podemos chegar.

Para Vico a história começa com Adão e Eva. O Dilúvio acontece. Acaba com a harmonia do Paraíso Terrestre. Nos tempos pós-diluvianos, começa a barbárie. Gigantes vagam pelas úmidas florestas. Os ciclopes da Odisseia. Animais brutos e selvagens. Olham o céu quando o primeiro raio anuncia o trovão. Temem que seja um deus. Vez que raciocinam com o corpo, dizendo o braço do rio, o pé da montanha. E os raios como que anunciam a brabeza dos deuses (Luchesi *apud* Vico, 1999, p. 18).

Os gigantes eram mudos, segundo uma prova etimológica dos tempos idos que viria do grego e em latim deu *mutus*, significando que a idade dos deuses era desprovida de vozes. Começam pela escrita hieroglífica antes da fala. Pensam por imagens. Atribuem aos corpos, sentido e paixões. O uso metafórico precede o

literal. A primeira língua articulada é onomatopaica. Prova disso: assustados com os raios, os primitivos referiram-se a eles como *Ious* (Zeus, Júpiter).

Na tese viquiana, a linguagem nasce para os homens dentro da comunidade, do choque entre uma natureza de origem interna e uma natureza de origem externa, ambas inacessíveis entendeu que os primitivos pensavam por imagens e atribuíam sentido e paixões aos corpos. Vico concluiu que os “princípios dessas, de línguas e letras, é que os primeiros povos da gentildade, por uma comprovada necessidade da natureza, foram poetas, os quais falaram por caracteres poéticos”.

Tal descoberta é a chave-mestra desta Ciência, nos custou pesquisa obstinada de quase toda nossa vida literária, visto que tal natureza poética desses primeiros homens, nestas nossas civis naturezas, é, com efeito, impossível imaginar e com grande pena é-nos permitido entender. Tais caracteres formam certos gêneros fantásticos (ou seja, imagens, no mais de substâncias animadas ou de deuses ou de heróis formadas pela fantasia), aos quais reduziam todas as espécies ou todos os particulares correspondentes a cada gênero; justamente como fábulas dos tempos humanos, como são as da comédia última, são os gêneros intelegíveis ou seja, meditados pela moral filosófica, dos quais os poetas cômicos foram gêneros fantásticos (que nada mais são do que ideias ótimas dos homens em seus respectivos gêneros), que são os personagens da comédia. (Vico, 1999, p.48)

Quanto mais eu avançava nas leituras, mais o pensamento teórico e a criatividade bombardeavam reflexões e indagações. Estilo é coisa da memória? Do *pathos*? Qual o impacto das fórmulas do *pathos* incrustadas na densidade de um fragmento literário?

“As *phatosformeln* são feitas de tempo, são cristais da memória histórica, *fantasmatas*, no sentido que lhe dá Domenico de Piacenza, em torno dos quais o tempo escreve sua coreografia”. (Agamben, 2012, p. 29) O estilo fragmentário seria um avatar? Estilo não se escolhe. Estilo impõe forma. O estilo irrompe e impõe maneira de escrever ao escritor. Uma olhada no dicionário deixa a fabulação empolgada com as duas acepções da palavra avatar: na primeira, é um ser divino, na crença hinduísta, que desce para a terra e pode assumir forma humana ou animal; a segunda, *é um processo metamórfico, transformação, mutação, "o avatar de um artista"*⁸

⁸ **avatar**
substantivo masculino

A escrita fragmentada seria uma deusa pagã materializada? Uma ninfa? Uma bailarina? Uma borboleta? Uma filha de Dioniso...



Figura 9- Forma primária.
Fonte: Arquivo pessoal.

No princípio, olhei para ela. Estranhei. De tão insignificante passava quase despercebida. Pouco além de qualquer coisa. Quase coisa nenhuma. Fiquei sem saber se ria ou se chorava. O que esperar da forma? Quase minhoca.

Era filha da terra, da terra não se erguia e nem criava raízes. Confundia. Tirava do lugar. Afetava. Não fazia sentido. Mera lagarta. Pouco avançava na lentidão dos passos. Passos?! Arrastava-se camuflada no destino desatinado de esticar, hesitar, encolher, parar, retomar.

1.
rel na crença hinduísta, descida de um ser divino à terra, em forma materializada [Particularmente cultuados pelos hindus são Krishna e Rama, avatares do deus Vixnu; os avatares podem assumir a forma humana ou a de um animal.].

2.
processo metamórfico; transformação, mutação. "o a. de um artista"
Origem ETIM fr. *avatar* 'descida', adp. do sânsc. *avatāra* 'descida do Céu à Terra'

Já desesperançada, talvez simplesmente pela perplexidade de viver num tempo de tantas mudanças, o momento de quase desistência e a demora em voltar a olhar para ela. O que esperar da forma depois que encontrou um lugar cercado de folhas e se aquietou? Começou a prender, fio por fio, de um lado para o outro, produzindo lentamente um emaranhado. Depois de certo tempo, a trama fica tão densa, que nem ao menos parasitas minúsculos conseguem entrar.



Figura 10- Fechada em si.
Fonte: Arquivo pessoal.

A lagarta fechada em si. Nada acontecia. Nada crescia. Nada vingava... Espera! Alguma coisa para além de muita coisa acontecia... Surpresa! A casca rompia sem alarde e uma forma radiante vinha à luz. Silenciosamente. Cintilante. Uma gama de cores. Um prisma de possibilidades mil. Metamorfoseada. Reflexo colorido da própria metamorfose. Causava vertigem.

A metamorfose! Lá, "protegida" no emaranhado do seu casulo a lagarta se tornar uma mariposa.

Sorri. Festejei. Quis acompanhá-la. Seguir com ela, tamanho era o encanto de seus passos... Passos?! Ela dançava, voava, ganhava os céus. A vida na aventura do ruflar das asas.

Provocativa.

A todos que a olhavam, deixava intrigados. No destino mágico de concepção, polinizava. E tão plena em si, oferecendo ainda espaço para tantos. Tudo acontecia. Tudo crescia. Tudo vingava. Era filha de Dioniso?

Sobrevivia no tempo e do tempo nunca duvidou. Amiga do vento. Veículo de múltiplos sentidos. Efeitos de tempos refeitos em novo tempo. Vertente mais franca. Emanou lenta da reflexão.

Plantada no pensamento, metamorfoseou-se, eclodiu no momento de espera. Resposta do pensamento libertou-se pela escrita e saiu pelos dedos. Uma deusa? Uma ninfa? Uma bailarina? Uma borboleta?



Figura 11- Metamorfoseada.
Fonte: Arquivo pessoal.

Seja o que seja a escrita fragmentada, a experiência aqui, me deixou convencida de que ela é mesmo a forma mais adequada para trabalhar nas rachaduras e bordas do mundo multifacetado, saltar as aporias da vida, acompanhar os volteios do ‘pensamento rizomático’.

Penso na lagarta. Quando a vida dela parece acabada na escuridão do casulo, desembaraça-se das amarras e já não é mais lagarta. É borboleta e pode voar. A borboleta tem sorte. Sorte sim. Nasce duas vezes. Na primeira, lagarta

rastejante. Na segunda, borboleta, ganha a luz e voa livremente. Penso na minha questão particular. Barthes acena com a possibilidade de uma “vida nova.” Qual a chance de ter a mesma sorte? “Quando queremos saber se um organismo aparentemente morto encerra ainda uma centelha de vida, costumamos provocar uma irritação violenta ou mesmo dolorosa, por exemplo, uma picada” (Nietzsche, 2013, V 04, p. 217).

A picada vem de dentro.

Terei tempo de tentar praticar escrita nova como borboleta e não como lagarta? Qual o tempo médio de vida de uma borboleta? Duas semanas? Um mês? Que importa. Uma borboleta de verdade não tem tempo a perder com a brevidade da vida na nobre missão de distribuir pólen pelo caminho.

Digo a ti, que quer apreender o ofício, é necessário dançar por fantasmata, e nota que fantasmata é uma presteza corporal, que é movida com o entendimento da medida... parando de vez em quando como se tivesse visto a cabeça da medusa, como diz o poeta, isto é, uma vez feito o movimento, sê todo de pedra naquele instante, e no instante seguinte cria asas como o falcão que tenha sido movido pela fome... (Domenico Piacenza *apud* Agamben, 2012, p. 2)

A provocação interna.

Procurando sentido? Dança com a *fantasmata*. Aceita o seu convite. Vai. Voa. Salta. Para. Rebola. Dá piruetas. O texto-palco palco irradia sentidos... ✎ escritor-leitor-escritor-leitor-escritor... Tenta a chance! ✎ Dança com a escrita bailarina durante tempo que tiver e alcança quem puder. Só assim vai poder tentar acompanhar a mobilidade da vida e frustrar a rigidez dos postais. Quem pode prever o itinerário da borboleta?

Na troca de correspondência com Jolles, em 1900, a propósito da figura feminina em movimento pintada por Guirlandaio na capela Tornabuoni, Warburg expressou o desejo que fraseio aqui em diálogo:

Jolles:

— Que é a Ninfa, de onde vem?

Warburg:

— Conforme sua realidade corpórea, ela pode ter sido uma escrava tártara libertada... Segundo sua verdadeira essência, ela é um espírito elementar (*Elementargeist*) uma deusa pagã no exílio.

Warburg:

— Gostaria de me deixar levar alegremente com ela.

(Agamben, 2012, p. 49-50).

Fechando a porta aqui – temporariamente, eu espero - confesso desejo igual de me deixar levar “alegremente” com a escrita bailarina...



Figura 12- Dança experimental.
Fonte: Arquivo pessoal.

E agora, ainda meio trôpega, saio desse sobrevoo experimental, quase às cegas, sem destino certo, no qual me deixei levar pela *fantasmata*, vivificada pelo meu corpo unido ao dela, na primeira dança. Na rasante pela multiplicidade exuberante da vida, coleí o olhar numa das facetas de um prisma bastante disputado, capturei não o nosso tempo, mas o mero vislumbre dele, nessas luminâncias. Mas a esperança não tem jeito, fecha essa tessitura entremeada de percepções teóricas e fabulação criativa abrigando o sonho de que, na reserva do possível, quem sabe, ela venha a obter acolhida como pequeno contributo para o entendimento de que arte produz pensamento em pé de igualdade com a filosofia.

E mais anseio:

ter elasticidade para acompanhá-la na sua capacidade de movimentos

seguir seus passos e não esmorecer no caminho

ter energia para saltar e dar piruetas com ela

escrever com o coração na língua e nas pontas dos dedos

Aqui, empresto a chave de ouro, de Knorr (2014, p. 92), e giro:

A surpresa da lagarta

é não saber

que vai ser borboleta.

4

Referências bibliográficas

ADORNO, T. W. “O ensaio como forma” (p.15- 45) “O artista como representante” (p.151-164) In: **Notas de Literatura I**. Trad. Jorge M.B. de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

AGAMBEN, G. “O que é um dispositivo?” In: **O que é o contemporâneo?** e outros Ensaio. Chapecó: Ed. Argos, 2009.

_____. **Ninfas**. Trad. Renato Ambrosio. São Paulo: Hedra, 2012.

ARISTÓTELES. “**Poética**”. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre: Editora Globo. 1966.

AZEVEDO, C. “No interior da leoa”. **O Globo**, caderno Prosa: 25 maio 2013.

BANDEIRA, M. **Libertinagem Estrela da Manhã**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: [s/d].

BARTHES, R. **A preparação do Romance I**. “Introdução”. Trad. Leyla Perrone-Moisés, São Paulo: Martins Fonte, 2005.

_____. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes: 2004.

_____. **Incidentes**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo Martins Fontes. 2004, 110 p.

_____. **La Respuesta de Kafka**. France-Observateur, 1960.

BATAILLE, G. “A Linguagem das Flores”. **Documents**, n. 3, jun. 1929, p. 160-168.

BAUDELAIRE, C. **Sobre a Modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **As flores do mal**. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BAUDRILLARD, J. **A Ilusão Vital**. Tradução: Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BEAULIEU, A. **Cuerpo y acontecimiento**: La estética de Gilles Deleuze. Buenos Aires: Letra Viva, 2012.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas, Magia, Técnica Arte e Política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jean Marie Gagnebin. São Paulo: Ed Brasiliense, 1994.

_____. **Rua de mão única**. Trad. Rubens R. Torres Filho e J. Carlos M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. Fragmentos “*Tiergarten*” (p.73-75), “Esconderijos” (p. 91), “A *Mummerehlen*” (p.98-101, “Armários” (p.140-142), “O Corcundinha” (p. 140-142).

BLANCHOT, M. Nietzsche y la escritura fragmentária. In: **La ausencia del libro y la escritura fragmentária**. Prefácio Oscar del Bosco. Buenos Aires: Caldén, 1973. p. 41-67.

_____. **O livro por vir**. Trad. Leila Perrone-Moysés. São Paulo: Martins Fonte, 2005.

_____. **A Conversa Infinita 2**: a experiência-limite. Tradução: João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007.

_____. **O Espaço Literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. Nietzsche e la escritura fragmentária. In: **La ausencia del libro y la escritura fragmentária**. Prefácio Oscar del Bosco. Buenos Aires: Caldén, 1973. p. 41-67.

BOLLE, W. “A imagem da dialética” (p.61-740) “A imagem do pensamento e seus rituais” (p.291-132) In: **Fisiognomia da metrópole moderna**. São Paulo: EDUSP, 1994.

BOSI, A. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Attica, 1985.

CARDOSO, M. R. “A força investigativa da ficção.” In: OLINTO, H. K.; SCHOLLAMMER, K. E. (Orgs.). **Literatura e Criatividade**. Rio de Janeiro: Ed 7Letras, 2012.

CESAR, A. C. **A teus pés**. São Paulo: Ática, 1998.

CÉZANNE, P. In: BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 1985.

CHAVES, F. L. “Releitura de Clarissa”. In: VERÍSSIMO, E. **Clarissa**. São Paulo: Globo, 1997.

CORTELLA, M. S. **Entrevista ao programa The Noite** em 01 jun. 15. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=r6-HxNbtNeI>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

COSTA, A. **Heráclito fragmentos contextualizados**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Trad. Antonio M. Magalhães. Porto: [s/d]. Trechos escolhidos.

_____. **“O Ato da Criação”**. Trad. José Marcos Macedo. Disponível em: <<http://intermidias.blogspot.com/2007/07/o-ato-de-criação-por-gilles-deleuze.html>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

_____. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia**. Trad, Suely Rolnik, São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart, São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATARI, F. **O Que é a Filosofia**. Trad. Bento Prado Jr e Alberto Alonso. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **Kafka Para uma literatura menor**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, G.; PARNET, C. “Uma conversa, o que é e para que serve?” In: **Diálogos**. Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D’água, 2004.

DE MONTAIGNE, M. E. **Ensaio 1**. Brasília: Editora Universidade de Brasília HUCITEC 1987.

DIDI-HUBERMAN, G. **A imagem sobrevivente História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed Contraponto, 2013.

_____. **Sobrevivência dos Vaga-Lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Marcia Arbex. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

GOETHE. “Fragmento”. In: MERQUIOR, J. G. **A astúcia da mímese: ensaios sobre lírica**. 2. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. p. 16.

GOMES, R. C. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GONÇALVES, M. “**Perspectivas linguístico-textuais da escrita fragmentária na literatura portuguesa contemporânea**”. Disponível em: <http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/Grupos/Gramatica/equipa/matildegoncalves/matildeji_1.pdf>. Acesso em: 21 maio 2014.

JAEGER, W. **Paideia. A Formação do homem grego**. Trad. Arthur M. Parreira. Lisboa: Editorial Aster, 1974.

KAFKA, F. “Sobre os Símiles”, In: **Narrativas do espólio**. Trad. Laura Fraga; Modesto Carone, São Paulo: Cia das Letras, 2002.

KIFFER, A. “**Escrita Artística e Produção de pensamento**”, curso de Letras da PUC-Rio, 2013.

KLINGER, D. “A inocência, do poeta argentino Arturo Carrera”. **O Globo**: Prosa & Verso, Sábado, 5 mar. 2011.

KNORR. “A surpresa da lagarta” In: VIRIATO, L. (Org.). **Antologia de Poesia Plástico Bolha**. Rio de Janeiro: OrganoGrama Livros, 2014.

LACOUÉ-LABARTHE, P.: NANCY, J. L. “A exigência fragmentária”. **Terceira Margem**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, ano IX, número, 10, 2004.

LARROSA, J. “**Sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida**”, texto apresentado como palestra de encerramento no Seminário Internacional Michel Foucault: perspectivas, realizado em Florianópolis, em setembro de 2004, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25417>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

LEVY, T. S. **A Experiência do Fora, Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2003.

LHOSA, V. **Cartas a um jovem escritor**. Trad. Regina Lira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

MATTOS, C. V. **Controvérsia**. Disponível em: <<https://www.controversia.com.br/index.php?act=textos&id=726>>. Acesso em: 29 maio 2014.

MENDES, M. **Poliedro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. Fragmentos: “A Baleia” (p. 14-15), “O Tomate” (p. 58-59), “O Menino Experimental.” (p. 77-79).

MERQUIOR, J. G. **A astúcia da mímese**: ensaios sobre lírica. 2. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

MICHAUD, A. P. **Aby Warburg e a imagem em movimento**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

MONTEIRO, R. **A Louca da casa**. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

MORAES, M. J. “Experiência, forma, tradução e poesia”. In: KIFFER, A.; REZENDE, R.; BIDENT, C. (Orgs.). **Experiência e Arte Contemporânea**. Rio de Janeiro: Circuito, 2012.

_____. “Apresentação”. In: BAUDELAIRE, C. **As flores do mal**. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

NANCY, J. L. **El intruso**. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

NETTO, C. “**Sejamos todos borboletas!**” Disponível em <<https://www.crisnetto.blog.wordpress.com/2014/09/13/sejamos-todos-borboletas/>>. Acesso em: 26 out. 2016.

NIETSCHE, F. **Assim Falava Zaratrusta; um livro para todos e para ninguém**. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. “Prólogo + caps. Da 3º e 4º partes.

_____. “Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extra-Moral”, In: _____. **Obras Incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. **David Strauss, Sectário e Escritor**. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, v.04, 2013.

_____. **O Livro do Filósofo**. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, v.08, 2013.

NOVALIS. **Pólen**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009.

PROUST, M. **No Caminho de Swann**. Trad. Fernando PY. São Paulo: Abril, 11 fev. 2010.

_____. **Sobre a leitura**. Trad. Carlos Vogt. Campinas, SP: Pontes, 1991.

_____. **O Caminho de Guermantes**. Trad. Mario Quintana. Rio de Janeiro: Globo, 1996.

RAMOS, G. **Linhas tortas**. São Paulo: Ed. Martins Editora 1962. p. 94.

RAMOS, L. **Ensaio Geral**: projetos, roteiros, ensaios, memória. São Paulo: Ed. Globo, 2009.

ROUBINE, J.-J. **A linguagem da encenação teatral**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SCHNEIDER, M. “**Ladrões de palavras**”. Ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento: Trad. L. F. P. N. Franco. Campinas: UNICAMP, 1990.

SCHØLLHAMMER, K. E. **A sobrevivência de Aby Warburg**. Disponível em: <<https://www.oglobo.globo.com/blogs/.../a-sobrevivencia-de-aby-warburg-464279.asp>>. Acesso em: 29 maio 2014.

SOUZA, E. M. **Janelas Indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

TARANTINO, A. B. **Repetrechos**. Aparecida-SP: Gráfica Santuário, 2014.

TEIXEIRA, F. C. “Aby Warburg e a pós-vida das *Pathosformeln* antigas”. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 5, p. 134-147, set 2010.

UNO, K. **A gênese de um corpo desconhecido**. Trad. Cristine Greiner. São Paulo: n.1, Edições 2012.

VERÍSSIMO, E. **Clarissa**. São Paulo, Globo: 1997.

ZUMTHOR, P. **Escritura e Nomadismo Entrevistas e Ensaos**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz, Cotia-SP: Ed. Ateliê Editorial, 2005.